Ao vivo: Morrissey, Alanis, Blur + Pavement, Metallica

SHOWBIZZ

www.uol.com.br/showbizz

Rock in Rio 15 anos

Dez dias de som e loucura que mudaram o Brasil

As histórias que só agora podem ser contadas

Queen, Iron Maiden, AC/DC, Ozzy Osbourne, Whitesnake, Paralamas, Barão Vermelho, Yes

R$ 5,00
5561/1
EDIÇÃO 174
ANO 15 Nº 1
JANEIRO 2000

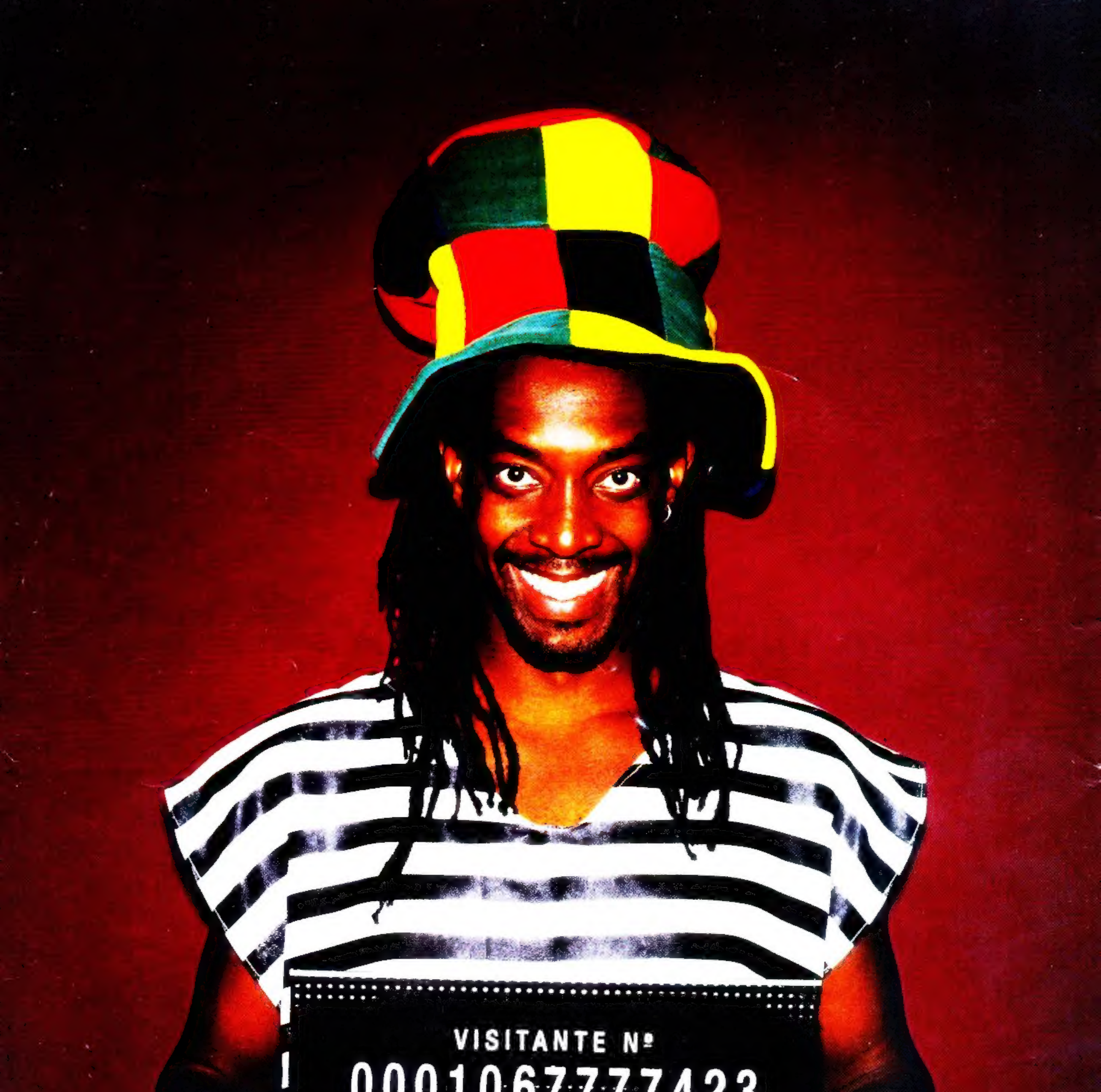
ISSN 01041649

História do Rock de Brasília parte 1

Reportagem especial

Aborto Elétrico e o punk da capital

Quatro letras inéditas de Renato Russo


VISITANTE Nº
000106777423

Pedro Paulo dos Santos - 27 anos - capturado dia 10/12/99

EDITORA Abril

Revista da Web!.

Agora você vai gostar tanto de Internet que nunca mais vai conseguir sair de lá de dentro.

INTERNET

200 milhões de internautas em todo o mundo. 7 milhões de usuários brasileiros hoje. Previsão de 30 milhões de usuários brasileiros até 2003.

Mais de 320 milhões de páginas. 800 bilhões de dólares investidos por ano em negócios via Internet.

Ou você está na Internet, ou você não é nada.

OBA! UM GUIA DESTACÁVEL COM TODOS OS SITES DESTA EDIÇÃO
400 SITES INCRÍVEIS E 4 NOVAS SEÇÕES EM DESTINOS: MP3, HOBBY, CORP E PHD!

NESTA EDIÇÃO

FÉRIAS

Programe suas férias via Internet. Sites de companhias aéreas, hotéis, albergues, restaurantes e curiosidades sobre diversas cidades em todo o mundo.

NATAL

Faça suas compras de Natal sem sair de casa. A Internet tem até aquele presente que você ainda não encontrou nas lojas.

Acesse já o nosso site
www.revistadaweb.com.br

REVISTA DA WEB!.

Tudo o que você sempre quis saber sobre Internet: dicas, reportagens, novidades e a seleção dos melhores sites.

Já nas bancas

Tudo isso por apenas R$ 5,00.

Revista da Web!
O seu mapa da Internet.

Editorial&Sumário

Foto: Rogério Reis

Rock In Rio 1985: rito de passagem do Brasil, prova de fogo para os fãs

Em sentido horário, Rod Stewart (1); Bruce Dickinson (2); Ozzy Osbourne (3); Queen (4) e Angus Young (5): estes e outros artistas ajudaram a fazer história no Rio de Janeiro

3,4,5 Jorge Rosenberg / 1 Pedro Martinelli / 2 Luis Crispino

Como diziam aqueles adesivos famosos na segunda metade dos anos 80: "Eu fui". Em 1985, contava 17 primaveras. Não tinha bala para encarar ingresso para os dez dias, mas estive cinco vezes na Cidade do Rock, em Jacarepaguá (duas delas, com passe emprestado). Carioca acostumado a ver Barão, Camisa de Vênus, Ira!, Lobão, Legião, Plebe, Paralamas e Ultraje em lugares como o Circo Voador e o Noites Cariocas (no Morro da Urca), minhas preferências internacionais eram U2, Clash, Devo, R.E.M. e The Alarm (quem?). Saí achando que o melhor show tinha sido o do Yes. Claro, foram muitas emoções, mas, não tem jeito, a lembrança mais forte do Rock In Rio de 1985 é olfativa: a fedentina de urina, suor, lama e excrementos que aspirei na noite de 19 de janeiro, imprensado na fila do gargarejo, vendo um gorducho decadente chamado Ozzy Osbourne fazer uma apresentação divertidaça. O próprio Ozzy recorda com horror: "Quando cheguei na frente do palco, aquele bafo insuportável quase me jogou para trás".

Pois é: cada um tem a madalena que merece para lhe provocar lembranças. Toda vez que sinto um cheiro levemente parecido com aquele no banheiro do Anhembi, por exemplo, lembro do festival que fez o showbiz brasileiro crescer e aparecer. Se hoje existe esta revista, se Alanis, Blur e outros astros estão sempre baixando no Brasil, é porque 250 mil fãs sedentos de rock sobreviveram àquele mítico fedor.

Nosso bravo colaborador Jaime Biaggio, um deles, conta a história agora.

Aquele abraço,
Pedro Só

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

RL Burnside – *Come On In*
O tiozinho caiu nas graças do povo depois que foi desenterrado por Jon Spencer. Neste disco de 1998 (que a Roadrunner lançou aqui no ano passado), seu blues é encorpado com uma ou outra batida eletrônica, sem perder a tosqueira.

Lulu Santos – *Tudo Azul*
O Musiclub promoveu um saldão aqui no prédio da Abril e não deu outra: todo mundo pegou o seu Lulu para completar a coleção. Até os que torceram o nariz foram flagrados cantarolando hits como "Tão Bem", "Lua De Mel" e "Último Romântico".

The Slackers – *Red Light*
A Paradoxx lançou por aqui em 1997 e ninguém deu bola, mas quem escutar *Red Light* vai descobrir um belo disco com arranjos saudosistas de reggae e ska.

22 Rock In Rio
Há 15 anos, um festival botou o Brasil no mapa do showbiz mundial

36 Brasília, capital do rock
A primeira de uma série de três matérias sobre a história do rock no Planalto Central e como surgiu o Aborto Elétrico

46 O fim do Pavement?
Entrevista com o líder Stephen Malkmus

48 Metallica sinfônico
Lars Ulrich fala sobre o novo disco, gravado com uma orquestra

sempre em showbizz

8 CARTAS
Os melhores dos anos 90, segundo os leitores

10 SHOWBIZZ RESPONDE
Gomez; raridades do Oasis; ficha dos Chili Peppers

12 BIZZES
De Falla; Autoramas; Secos & Molhados restaurados

50 MINHA COLEÇÃO
O surpreendente acervo do produtor Carlos Eduardo Miranda

52 DEZ DISCOS
Para você entender o glam rock

54 DEMOCRACIA
Pullovers, Oh! Valerie, Wry

57 CRÍTICA
Beck, Jupiter Apple, Pet Shop Boys, mais Austin Powers

70 AO VIVO
Alanis, Morrissey, Blur, Offspring

78 TESTE
Adivinhe quem veio para fazer baixaria?

79 LETRA TRADUZIDA
"Stacked Actors", dos Foo Fighters

80 PARADA SHOWBIZZ
Um monte de estréias

81 ENTRE LEITORES
Fanzines para o povo

82 DISCOTECA BÁSICA
Modern Sounds In Country & Western Music, de Ray Charles

Rápido e melódico

Para começar o ano com todo o gás: o disco deste mês traz as bandas de uma das mecas do hardcore californiano, a gravadora Fat Wreck Chords

Faixa a faixa

1. "May 16"
Lagwagon
Música do novo disco, *Let's Talk About Feelings*, que traz o melhor da banda: guitarras rápidas, boas melodias vocais e bateria coesa.

2. "Road Rash"
Mad Caddies
O ska-core está aí para provar que sopros combinam muito bem com música rápida, pesada e agressiva, como demonstra "Road Rash", do último disco de Mad Caddies, *Duck And Cover*.

3. "Coming Too Close"
No Use For A Name
Inédita desta que é, depois do NOFX, a banda mais cultuada da Fat Wreck Chords.

4. "Pass The Buck"
Sick Of It All
Toda a energia que os fãs da banda esperam aparece nesta música, tirada do não menos energético disco *Call To Arms*.

5. "A Twat Called Maurice"
Consumed
Uma prévia do primeiro disco da banda, a ser lançado.

6. "Heresy, Hypocricy And Revenge"
Good Ridance
Exemplo do som da banda no disco *Operation Phoenix*: em pouco mais de dois minutos, esta música condensa todos os ingredientes para um hardcore de primeira.

7. "The Exhumation Of Virginia Madison"
Strung Out
Puro hardcore californiano – melodia nos vocais, velocidade nas guitarras e na bateria. Uma boa amostra do que esperar de *Twisted By Design*, de onde a música foi tirada.

Lagwagon, durante turnê no Brasil no ano passado

8. "San Dimas High School Football Rules"
The Ataris
Música do primeiro disco dos Ataris pela Fat (o EP *Look Forward To Failure*), combina vigor com força de vontade, elementos necessários para uma banda nova dar o que falar.

9. "Tha Plan"
NOFX
Vocal e baixo inconfundíveis de Fat Mike, guitarras impecáveis e bateria precisa. Some isso à alternância de estilos e entenda por que o NOFX é um dos símbolos do HC californiano.

10. "Biggest Joke"
Goober Patrol
Levada hardcore e uma pitada de ska nos vocais.

11. "My Sweet Dog"
Hi-Standard
Mais uma cria do Japão, o Hi-Standard ganha fácil o título de banda mais divertida da Fat Wreck. "My Sweet Dog" vem de *Angry Fist*, segundo e mais recente disco do trio.

12. "Cool Kids"
Screeching Weasel
O punk rock estilo Ramones do grupo liderado pelo figuraça Ben Weasel é cheio de diversão, como se pode constatar nesta música do álbum *Barking Like A Dog*.

13. "Sour"
Bracket
Melodias vocais bem trabalhadas e uma base simples, mas eficiente.

14. "Arsehole"
Snuff
Na estrada desde 1986, este quinteto inglês acabou em 1991, mas, felizmente, voltou três anos depois para saciar seus admiradores com sua mescla de punk com thrash e pop.

15. "War Room"
Tilt
As especialidades desta banda de São Francisco são letras com comentários sociais recheadas com o humor negro da vocalista Cinder Block.

16. "Never Had So Much Fun"
Frenzal Rhomb
Vindo da Austrália, este quarteto sabe como compôr músicas punk-festeiras. Como diz a música, você também nunca teve/terá tanta diversão.

17. "Insanity Plea"
The Teen Idols
Quatro punks de Nashville, metidos em jaquetas de couro que, retornaram à cena em 1997 com um disco que leva o nome da banda, lançado pelo Honest Don's, selo ligado à Fat Wreck. Até que enfim.

Legião Urbana

MUITO MAIS SAUDADE

RADIO CIDADE · RIO DE JANEIRO
FM 102,9

rádio CIDADE RIO É MUITO MAIS!

Cartas

Você elegeu: os melhores dos anos 90

Computamos as listas enviadas pelos leitores apontando seus discos favoritos na década passada e tivemos algumas belas surpresas. As vitórias de *Nevermind*, do Nirvana, e *O Descobrimento Do Brasil*, da Legião Urbana, já eram esperadas, claro. Mas a popularidade d'O Rappa, que chegou em segundo entre os CDs nacionais, com *Rappa-mundi*, perdendo por alguns míseros votinhos, foi uma novidade a ser comemorada. Outra escolha expressiva, *Da Lama Ao Caos*, de Chico Science E Nação Zumbi, por muito pouco não ficou em décimo. Entre os internacionais, o fã-clube do Pearl Jam confirmou sua força e o Radiohead mostrou que está mesmo no coração dos leitores: dois de seus álbuns entraram no Top 10.

O Rappa: segundo lugar com sabor de vitóri

Nacional

1. *O Descobrimento Do Brasil* • Legião Urbana
2. *Rappa-mundi* • O Rappa
3. *Raimundos* • Raimundos
4. *Usuário* • Planet Hemp
5. *Roots* • Sepultura
6. *...Cor-de-rosa e Carvão* • Marisa Monte
7. *V* • Legião Urbana
8. *Televisão De Cachorro* • Pato Fu
9. *Calango* • Skank
10. *Sobre Todas As Forças* • Cidade Negra

Internacional

1. *Nevermind* • Nirvana
2. *Ten* • Pearl Jam
3. *...Morning Glory?* • Oasis
4. *Metallica* • Metallica
5. *OK Computer* • Radiohead
6. *Achtung Baby* • U2
7. *Dookie* • Green Day
8. *Blood Sugar Sex Magik* • Red Hot Chili Peppers
9. *Melloncollie And The Infinite Sadness* • Smashing Pumpkins
10. *The Bends* • Radiohead

A nossa lista

Quando recebi a edição de novembro da SHOWBIZZ e vi o anúncio da lista dos 100 melhores CDs da década na capa, cheguei a ter calafrios. Achava que vocês iriam deixar de lado a maioria das bandas de que gosto, porque não fazem muito sucesso no Brasil. Vi que estava errada, pois os meus artistas preferidos estavam lá, sim: Tori Amos, Manic Street Preachers, Suede, Radiohead, Beck etc. Claro que não concordei de todo com a lista (colocarem Oasis em 8º lugar e excluírem Blur foi uma das coisas com as quais não concordei).

Mariana R. de Almeida – Porto Alegre, RS

Em novembro, me deparei com uma completíssima relação dos 100 melhores discos dos anos 90. E, como toda lista existe para ser contestada, não pude deixar de notar algumas preciosas ausências, como por exemplo o belíssimo álbum *Fuzzy*, do grupo americano Grant Lee Buffalo. Outra omissão: Pixies. *Bossanova* e *Trompe Le Monde* poderiam figurar tranqüilamente entre os 100 melhores, relevando a importância desta banda que influenciou o Nirvana e a maioria das bandas surgidas no levante grunge.

Marcos Tadeu Alcaide – São Paulo, SP

Queridos Marcos, Mariana e todos os outros que enviaram comentários, sugestões, reparos, críticas e protestos (alguns nada polidos) sobre a nossa lista de melhores discos da década. Para que vocês tenham uma idéia do quanto esse tipo de relação é polêmica, até nós, aqui da Redação, choramos algumas ausências. A mais lamentada foi Dummy, *do Portishead, álbum fundamental que acabou sobrando na última hora para o boxe "poderiam muito bem estar na lista...". Confira outros favoritos, em listinhas pessoais de nossa equipe...*

Andrea Estevam: 3 Years, 5 Months & 2 Days In The Life Of..., *Arrested Development*, The Miseducation Of Lauryn Hill, Fashion Nugget, *do Cake (lembrado apenas no boxe "poderiam muito bem estar na lista...")*, Time's Up, *do Living Colour, e* Hello Nasty, *dos Beastie Boys.*

Emerson Gasperin: When I Was Born For The 7th Time, *do Cornershop*, Zingalamaduni, *do Arrested Development*, Mark's Keyboard Repair, *de Money Mark*, Kingzobullshitbackinfulleffect 92, *dos gaúchos do De Falla, e* Paradise Don't Come Cheap, *do grupo de hip-hop New Kingdom.*

Felipe Zobaran: Deserter's Songs, *da banda americana Mercury Rev*, Unplugged In New York City, *do Nirvana*, Acústico, *dos Titãs*, Californication, *dos Red Hot Chili Peppers, e* Supernatural, *de Santana.*

José Flávio Júnior: Congregation, *da banda americana Afghan Whigs*, Alien Lanes, *dos alternativos Guided By Voices*, Chocolate & Cheese, *do duo esquizofrênico Ween*, Rid Of Me, *da cantora inglesa PJ Harvey, e* Blues For The Red Sun, *do quarteto de rock pesado Kyuss.*

Pedro Só: Clichés, *de Alex Chilton (cantor e guitarrista, ex-Big Star e ex-Box Tops)*, Trains Boats And Planes, *do grupo irlandês The Frank And Walters*, Doo Bop, *de Miles Davis*, Fuá Na Casa De Cabral, *do Mestre Ambrósio, e* Raise The Pressure, *do Electronic.*

Toninho Spessoto: Jagged Little Pill, *de Alanis Morissette*, Painted From Memory, *de Elvis Costello e Burt Bacharach*, In Pieces, *de Garth Brooks*, A Tempestade Ou O Livro dos Dias, *da Legião Urbana, e* Mais, *de Marisa Monte.*

Nome sujo na praça

Gostaria de fazer um protesto contra a casa de shows Credicard Hall. Fiquei revoltada no show da Alanis. A segurança da casa não sabia organizar o público, faziam pouco caso. Aconteceram muitas brigas lá fora, devido a pessoas que queriam furar a fila. Nos organizamos e fizemos uma corrente humana (todos da fila de mãos dadas, para os "furões" não to-

marem o lugar a que tínhamos direito). Tentamos de várias formas entrar em contato por telefone com a administração da casa, mas o aparelho parecia estar fora do gancho. Uma casa que comporta cerca de 7 mil pessoas precisa ter uma segurança melhor treinada. Sem contar que a acústica do lugar é horrível!!! E os dois telões não funcionaram.

Magaly Negrisoli – São Paulo, SP

Ira santa

SHOWBIZZ e Ricardo Alexandre fizeram justiça com as próprias páginas ao dedicar um espaço digno de exclamação ao grupo Ira!, em Uma Questão de Princípios (matéria de dezembro). Aliás, justiça histórica. O texto, generoso em citações dos próprios personagens, é um minidossiê imperdível para quem quer entender o mínimo sobre, digamos, a música jovem no Brasil. E não deixa de ser curioso que uma banda de rock seja exemplo de ética em um país moralmente dilacerado. Alô, políticos, empresários e afins: querem saber o que é correção no trato com os seus ofícios? Taí o exemplo!

João Pedro Feza – Bauru, SP

Desajustes

Fiquei muito contente ao ver a ficha do Misfits na edição de dezembro, mas tenho algumas correções a fazer. Glenn não iniciou uma carreira solo, ele insiste em dizer que tem uma banda chamada Danzig. A caixa do Samhain não saiu até hoje, provavelmente só sai no ano que vem. Glenn não reformulou o Samhain em 1998. Em 1999, chamou um baixista e um baterista de uma das antigas formações e pôs o cara que está tocando guitarra no Danzig para tocar no Samhain também. A turnê americana durou um mês, com o Samhain abrindo para o Danzig. O Misfits tocou aqui em julho de 1998, na turnê de *American Psycho*, não em 1999.

Vera Lucia Branco - São Paulo, SP

Correções:

• Na resenha do disco do Clinton (edição de dezembro), o nome do líder do Cornershop saiu grafado errado. O certo é Tjinder Singh, e não Talvin Singh, um respeitado DJ.

• A frase "É tão estranho, os bons morrem jovens" está na música "Love In The Afternoon", diferente do que saiu na página 31 da edição de novembro.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail:
showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Internet:
www.uol.com.br/showbizz
Correio:
Caixa Postal 66157
CEP 05315-970
São Paulo, SP
Fax: (0_ _11) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail:
abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (0_ _11) 3990-2112
(Grande São Paulo)
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (0_ _11) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

EDIÇÕES ANTERIORES
Mediante disponibilidade de estoque (de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)

E-mail:
abril.na@email.abril.com.br
Tel.: (0_ _11) 3990-2200
Fax: (0_ _11) 3990-2233

PUBLICIDADE
Tels.: (0_ _11) 3037-6860 e 3037-4281
Fax: (0_ _11) 3037-4909
Internet: www.publiabril.com.br

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 -1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina
Diretor Editorial Adjunto: Ricardo A.Setti

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Redator Chefe: Pedro Só
Editores: Emerson Gasperin e Toninho Spessotto
Repórter: Andrea Estevam
Editor de Arte: Rodolpho Vasconcellos
Editora-assistente de Arte: Graziella Iacocca
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula F. Moreira Santos
Colaboraram nesta edição: **(Texto)** Alessandra Debs, Alexandre Matias, Alvin L., Aryton Mugnainni Jr., Bernardo Araujo, Carlos Marcelo, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Pucci, Daniel Oliveira, Helton Ribeiro, Hagamenon Britto, Jaime Biaggio, José Flávio Júnior, Juliano Zappia, Luciano Marsiglia, Luciano Vianna, Mauricio Valladares, Ricardo Alexandre, Sergio Martins, Tatiana Ivanovici, Valéria Rossi, Wagner Filho **(Fotos)** Juliano Zappia, Marcelo Ximenes, Melissa Aidar, Moira Seadon, Rui Mendes, Rodrigo Mêda **(Ilustração)** Douglas Braga, Felix Reiners, Milton Trajano **(Revisão)** Jorge Cotrin, Verônica Zanatta **(Arte)**Maria Marta Teixeira

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza
Paris: Pedro de Souza
Rio de Janeiro: Débora Chaves

Publicidade
Diretor de Publicidade: Moacyr Guimarães
Executiva de Conta: Márcia Regina Braga
Marketing
Gerente de Produto e Promoção: André Felipe D'Amato
Assistente de Produto : Fernando Euzébio dos Santos

Recursos Humanos
Diretor de RH: Marcio Ogliara
Planejamento e Controle
Gerente de Planejamento e Controle: Auro Luis de Iasi

Assinaturas
Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Lídia Colavitti
Diretor de Vendas: William Pereira
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Jacques Ricardo
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Abril

Presidência
Roberto Civita, *Presidente e Editor*,
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa,
Vice-Presidentes Executivos

Vice-Presidentes:
Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,

www.abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Oasis raro

Gostaria de saber se existe um single americano de "All Around The World", do grupo Oasis, com a versão ao vivo dessa música e se ainda é possível comprá-lo ou encomendá-lo.

Nelson Duarte – Praia Grande, SP

Apenas dois singles do Oasis foram produzidos na América: *Wonderwall* e *Don't Look Back In Anger*. Os outros todos são britânicos, japoneses ou australianos, mas fáceis de encontrar em lojas dos EUA ou mesmo em virtuais (tente em www.cdnow.com, www.amazon.com ou www.bn.com). O single de "All Around The World" é uma preciosidade que merece ser ouvida. Tem o rockão "The Fame", a balada "Flashbax" e uma versão superestridente do clássico "Street Fighting Man", do Rolling Stones, mas não possui a versão ao vivo que você procura.

Dinossauros 90

Por favor, publiquem a discografia de Dinosaur Jr e Mudhoney.

Fernando Almeida – Campina Grande, PB

Dinosaur Jr: *You're Living All Over Me* (1987); *Bug* (1988); *Fossils EP* (1991); *Green Mind* (1991); *Whatever's Cool With Me* (1991); *Where You Been* (1993); *Without A Sound* (1994); *Hand It Over* (1997).
Mudhoney: *Mudhoney* (1989); *Superfuzz Bigmuff & Early Singles* (1991); *Every Good Boy Deserves Fudge* (1991); *Piece Of Cake* (1992); *Five Dollar Bob's Mock Cooter* (1993); *My Brother The Cow* (1995); *Tomorrow Hit Today* (1998).

O fim do U.O.

Gostaria de obter a discografia do 4 Non Blondes e do Urge Overkill, além de saber que fim essas bandas levaram.

Nathalie Mendes – Salvador, BA

Urge Overkill: *Strange, I... EP* (1986); *Jesus Urge Superstar* (1989); *Americruiser* (1990); *The SuperSonic Storybook* (1991); *The Urge Overkill Stull EP* (1992); *Saturation* (1993); *Exit The Dragon* (1995). O envolvimento do baterista Blackie Onassis com heroína e o racha entre os amigos National "Nash" Kato (guitarra e voz) e Eddie "King" Roeser (guitarra, baixo e voz) decretou o fim do trio de Chicago. King montou o Electric Airlines e está ensaiando com uma nova banda, chamada Kimball Roeser Effect. Em fevereiro sai o álbum solo de Nash Kato, entitulado *Debutante*.
O 4 Non Blondes só lançou um ábum: *Bigger, Better, Faster, More?* (1992). Filha de mãe brasileira e pai português (mas criada em San Diego, Califórnia), a vocalista Linda Perry deixou o grupo e soltou dois discos solos: *In Flight* (1995) e *After Hours* (1998).

Ficha: RED HOT CHILI PEPPERS

A pedido dos leitores **Robert Wagner** – São Paulo, SP, e **Jocássia Avelar Canaverde** – Nova Resende, MG

Importância

O baixista Flea (Michael Balzary) e o vocalista Anthony Kiedis são os responsáveis por apresentar a fusão de funk com punk e rap ao grande público. Expremendo o repertório do Chili Peppers, tira-se um retrato sexual, pirado e, às vezes, deprimente do Estado americano amado pela dupla: Califórnia. Vários músicos feras passaram pela banda, que sempre manteve seu núcleo e sempre é lembrada pelo seu pioneirismo.

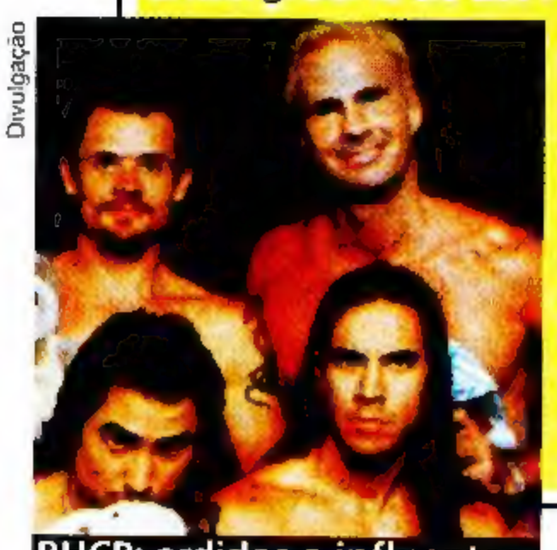
Biografia

Os amigos Flea e Kiedis já tocavam no underground de Los Angeles junto do guitarrista Hillel Slovak e do baterista Jack Irons desde 1983. Quando foram contratados pela EMI, em 1984, Irons e Slovak estavam ligados a outra banda, o What Is This?, o que impossibilitou a participação deles no álbum de estréia do Red Hot. Jack Sherman tocou guitarra e Cliff Martinez foi o baterista do disco, que é bastante irregular. O sucessor, *Feaky Styley*, contou com a produção do rei do funk George Clinton e com a volta dos integrantes originais. Tem bons metais na maioria das faixas e é considerado o trabalho mais "negro" da carreira do grupo. Apenas no terceiro disco o RHCP conseguiu traduzir com perfeição a mistura que pretendia fazer. Músicas como "Special Secret Song Inside", "Me & My Friends", "Fight Like A Brave" e "Funky Crime" fazem *The Uplift Mofo Party Plan* ser lembrado até hoje como um clássico. A morte de Slovak (viciado em heroína) abalou o grupo e quase decretou seu fim. Mas a entrada do prodígio John Frusciante (na época, com 19 anos de idade) e o ótimo *Mother's Milk* mostravam que eles deveriam prosseguir. Kiedis iniciou um período em que escreveu várias letras tendo a perda do amigo guitarrista como tema. Essa angústia resultou em "Under The Bridge", a primeira balada da história dos Chili Peppers, presente no multiplatinado *Blood Sugar Sex Magik*. Outros hits brotaram dessa fase ("Give It Away", "Breaking The Girl", "Soul To Squeeze"), que terminou com a saída de Frusciante. Para *One Hot Minute*, o ex-Jane's Addiction Dave Navarro foi recrutado. Depois da performance razoável do disco, Navarro saiu. Frusciante retornou no fim de 1998, gravou *Californication* e segue excursionando com o grupo.

Discografia

Red Hot Chili Peppers (1984); *Freaky Styley* (1985); *The Uplift Mofo Party Plan* (1987); *The Abbey Road EP* (1988); *Mother's Milk* (1989); *Blood Sugar Sex Magik* (1991); *What Hits!?* (1992); *Out In L.A.* (1994); *One Hot Minute* (1995); *Californication* (1999).

Divulgação



RHCP: ardidos e influentes

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

Angu do Gomez

Em agosto do ano passado, comprei o CD *Bring It On* do Gomez, em Londres. Nunca vi esse disco no Brasil e quero comprar o segundo, *Liquid Skin*. Gostaria de saber se ele saiu nacional ou se vou ter que importar.

Henrique Jabali – São Paulo, SP

Na resenha de *Liquid Skin*, que saiu na SHOWBIZZ de novembro, ficou faltando o "IMPORTADO" ao lado do nome do CD. Infelizmente, nenhum dos dois álbuns do Gomez saiu no Brasil. O jeito é gastar uma graninha a mais e comprar o gringo, já que a banda é muito boa.

Perigo asiático

Por favor, me dêem alguma informação sobre o grupo Asian Dub Foundation. Um amigo me emprestou o CD *Rafi's Revenge* e simplesmente pirei...

Eleonora Mesquita Ceia – Rio de Janeiro, RJ

O Asian Dub Foundation é conhecido e respeitado pela mistura de hip-hop com rock, ragga, jungle e música indiana. E pelas letras ativistas, claro. Formado em Londres, no ano de 1993, o ADF começou como um trio: DJ Pandit G, rapper Deeder Zaman e Dr Das (baixo). A idéia era ser um sound system (equipe de som) e fazer shows anti-racismo. Com a entrada do guitarrista Chandrasonic e do baterista Sun-J, em 1995, passaram a atender como banda. No mesmo ano, saiu o primeiro e mal resolvido disco, *Facts And Fictions*. Após vários shows para o aprimoramento da fórmula (abriram para Primal Scream e Beastie Boys, entre outros), veio o álbum *R.A.F.I.* apenas na França. O entusiasmo com o disco levou a banda a regravá-lo sob o título *Rafi's Revenge*, que foi considerado um dos melhores discos de 1998 por diversas publicações

Divulgação/Polygram

A segregação racial mune a galera do Asian Dub Foundation

internacionais. O racismo e problemas das comunidades asiáticas na Inglaterra são temas recorrentes em Rafi's, como nos hits "Buzzin" e "Free Satpal Ram". No ano passado, o ADF ainda lançou um disco ao vivo chamado *Conscious Party*, apenas em território francês.

Mensageiro Musical Florianópolis SC (48) 222-4418
Gang Music São Paulo SP (11) 3061-5000
A Serenata Belo Horizonte MG (31) 271-1313
Solicite catálogos. Caixa Postal 4704
Belo Horizonte MG CEP 31270-900
www.michael.com.br 0800 30 30 77
MICHAEL Basses

Bizzes

Enfim, Jo

Quase 20 anos depois do fim do Led Zeppelin, o maestro da banda finalmente voa solo... e mais bonito do que os ex-colegas Page & Plant

Finalmente **John Paul Jones** está lançando um álbum com o seu nome na capa, *Zooma*. É um belo disco de rock instrumental que vem coroar seu currículo pós-Zeppelin (uma relação de trabalhos poucos badalados, mas que inclui colaborações com Rolling Stones, Lenny Kravitz, R.E.M. e Peter Gabriel). No fim do ano passado, na House Of Blues de Los Angeles, o ex-baixista e tecladista do Led mostrou um som muito mais vibrante do que as atuais composições esotéricas de Page & Plant. Antes, em entrevista à SHOWBIZZ, ele falou sobre a (im)possível reunião do grupo e de seu gosto pela música brasileira. "Adoro samba e ouvi muito jazz do seu país. Gostaria de saber o que os brasileiros acham do meu trabalho."

Por que você levou 19 anos, desde o fim do Zeppelin, para lançar um disco solo?
Depois de tocar no melhor grupo do mundo, não quis entrar em nenhum outro. Havia excursionado por 12 anos, preferi curtir minha família e trabalhar só como produtor e compositor. Precisei desse longo período para retomar meu desejo de tocar ao vivo. O disco foi conseqüência desse processo.

O que você acha de dar entrevistas, posar para fotos e tornar-se figura pública novamente?
Este é meu projeto. Eu não faria estas coisas para outros músicos. Estou dando entrevistas para que as pessoas saibam o que estou fazendo. Minha carreira solo não é muito grande – não estou competindo com o Aerosmith...

mes

Por que lançar um disco instrumental?
Eu não sei cantar. Além do mais, se eu chamasse um vocalista, acabaria trabalhando para ele. Eu produziria a música dele e esqueceria da minha.

Por que o Led Zeppelin não se reune?
Primeiro, porque Bonham não está conosco. Além disso, mesmo que gravássemos canções novas, teríamos de nos prender muito ao passado. Não me entenda mal – tenho muito orgulho da música do Led Zeppelin. Só não quero é tocá-la pelo resto da vida. Nos shows, até incluo algumas delas (sua versão de "When The Leevee Breaks" é sensacional), mas prefiro andar para a frente.

Como e seu relacionamento com Jimmy e Robert hoje?
Normal. Não tenho muito a ver com eles. Nos encontramos ocasionalmente para cuidar de negócios do Led Zeppelin, mas não saímos juntos.

Voce tem poder de decisao no lançamento das coletâneas e caixas de CDs do grupo?
Na maioria dos casos, sim. O disco *BBC Sessions* é demais! É uma das poucas chances de ouvir Bonham numa boa gravação ao vivo. Mas discordei de uma coletânea de hits lançada recentemente. Só que, como Jimmy, Robert e a gravadora queriam lançá-la, não fiquei discutindo.

Você gosta de ser rotulado de "ex-baixista do Led Zeppelin" na divulgação de *Zooma*?
Não estou nem aí. Você está me entrevistando porque sou o ex-baixista do Led Zeppelin. Não há problema nisso. O importante é divulgar minha música.
Daniel Oliveira

John Paul Jones, em dois momentos no Led Zepellin e hoje *(à dir.)*, um homem cool

Simone, Bacalhau e Gabriel: vingança com ironia

Ana Paula Oliveira

Derrapada certeira

Tem "supergrupo" no novo rock nacional: Autoramas

É o último dia de gravação do primeiro disco do Autoramas, que já deve ter sido oficialmente batizado de *Stress, Depressão e Síndrome de Pânico*. São 13 músicas "que falam de vingança com ironia", entusiasma-se Gabriel Thomaz. "É ótimo cantar 'Você sabe que eu vencerei', com um sorriso nos lábios e o veneno escorrendo pela boca", ri Simone do Vale. Orgulhosos do disco que acabaram de fazer, o supergrupo do novo rock nacional poderia nem precisar dele – são estrelas natas.

Gabriel é um hitmaker perfeito. À frente do Little Quail & The Mad Birds, cunhou hinos de toda uma geração que terão sua vingança com o tempo. Simone era a voz propulsora do Dash, uma das bandas pioneiras do rock alternativo carioca desta década, e é figurinha carimbada do underground nacional. Bacalhau era a força motriz do Planet Hemp antes do abalo sísmico que chacoalhou o grupo no ano passado.

Mas o grupo não está nem aí com o peso de ser uma banda de "personalidades": "É um peso superlegal", ri Gabriel. "Sério, foi uma coisa que ajudou a gente a andar muito rápido. As pessoas iam ver só pelo nosso nome." "É bom que a gente só precisa apresentar o Bacalhau", emenda Simone, rindo pacas. "Outro dia a gente tocou no Metropolitan e apresentamos só ele: 'Na bateria, Bacalhau!' E o cara levanta lá atrás, com as baquetas nas mãos pra cima, a la Peter Criss, e a galera vai ao delírio".
Alexandre Matias

Balanço da década

Confira como duas revistas americanas publicaram a famosa lista dos **melhores dos anos 90:**

SPIN

Encabeçando os 90 discos da década...
1. **Nirvana, *Nevermind***
2. **Public Enemy, *Fear Of A Black Planet***
3. **PJ Harvey, *To Bring You My Love***
4. **Beck, *Odelay***
5. **Pavement, *Slanted And Enchanted***
6. **Hole, *Live Through This***
7. **Björk, *Post***
8. **Dr. Dre, *The Chronic***
9. **Radiohead, *OK Computer***
10. **The Chemical Brothers, *Dig Your Own Hole***

Fotos: Divulgação Epic Records e Douglas Braga

Rolling Stone

Apontou Kurt Cobain como o artista da década. Em ordem cronológica, selecionou 150 discos, divididos em alternativos, rock'n'roll, hip-hop/R&B, blues/world music e dance/pop. Destaques para Smashing Pumpkins (*Siamese Dream* e *Mellon Collie And The Infinte Sadness*), Dr. Dre, Sheryl Crow, Rolling Stones (*Bridges To Babylon* e *No Security*), Beck (*Odelay*), The Wallflowers, Prodigy (*The Fat Of The Land*), Radiohead (*The Bends* e *OK Computer*), Fugees (*The Score*) e Hanson (*The Middle Of Nowhere*).

Imagine o frisson que Ney Matogrosso, montado desse jeito, causava quando a banda estava no auge, em 1973...

Secos, molhados & restaurados

Há pouco mais de 25 anos, os alienígenas invadiram o Brasil, tomaram as mentes de toda uma geração e sumiram após 18 meses de intensa atividade artística e revolução estética. Se seus pais negarem, desconfie. Foram os **Secos & Molhados**, se não a mais ousada experiência rock/MPB, seguramente a mais espalhafatosa. Apesar do sucesso comercial sem precedentes (ultrapassaram a marca do milhão de discos vendidos quando nem Roberto Carlos havia chegado a tanto), seu trabalho mantinha-se distante das novas gerações, vítima do descaso imediatista da indústria fonográfica. Até que, em um esforço titânico, **Charles Gavin** convenceu a gravadora WEA a remixar e remasterizar as fitas originais de seus históricos dois primeiros discos.

Por meio de sua iniciativa, depois de um quarto de século chega às lojas um CD reunindo os dois primeiros LPs dos Secos & Molhados, lançados, respectivamente, em agosto de 1973 e agosto de 1974, totalmente restaurados digitalmente, remixados e remasterizados. "Não se atribuiu o valor merecido a estes dois discos importantíssimos, a garotada não conhece, não sabe do que se trata. Quem foi fã na época vai querer ter também porque o segundo disco não existe em formato nenhum em catálogo e o som do CD agora traz enorme precisão", diz Gavin.

O baterista (e também produtor) manteve algumas músicas em mono e simulou eletronicamente um efeito de estéreo em outras. Deu-se início a um minucioso e apaixonado trabalho de restauração sonora, redução de ruídos e chiados, correção digital de imperfeições e emendas nas fitas originais. "Os padrões eram outros em 1974", lembra Charles. "O vinil não comporta todas as freqüências possíveis de se armazenar em CD, mas os microfones registravam tudo, com a mesma dinâmica de hoje. Era impossível ouvir tudo no LP, mas agora está tudo lá, é só a gente saber extrair o melhor para o CD."

Ricardo Alexandre

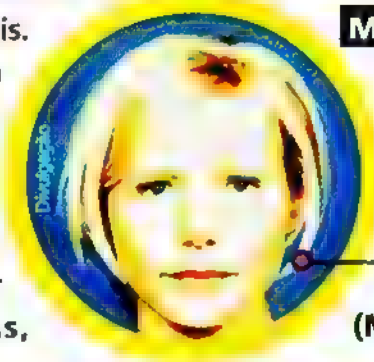
Rui Mendes

"Não se atribuiu o valor merecido a estes dois discos importantíssimos" *Charles Gavin*

Furo de reportagem

Reprodução

No final do ano passado, o leitor da revista (ex-tablóide) inglesa *Melody Maker* elegeram as mulheres e os homens mais sexies do rock em 1999. Até aí, nada de mais. Bizarra mesmo foi a lista dos pessoas menos sexies do ano, com o motivo que justificou la escolha. No lugar mais alto, ficou o senhor de todas as baixezas, **Marilyn Manson**. A razão? Ter mostrado o âmago de seu ser ao público no festival Big Day Out. Em tempo: os mais *sexies* foram **Nina Persson** (Cardigans) e Nicky Wire (Manic Street Preachers).



Divulgação

Sucesso aguado

Nem mesmo as críticas negativas ao álbum *The Distance To Here* conseguiram afundar o bom humor do **Live**. "Críticas de discos são a opinião de uma pessoa. Mesmo quando a crítica é boa, eu me forço a lembrar disso. As pessoas decidem por si mesmas e os números mostram que elas discordam dos críticos: nosso disco já vendeu 300 mil cópias e nosso single "Dolphin's Cry" ficou várias semanas entre os Top 5 da parada americana", diz o baixista Patrick Dahlheimer em entrevista exclusiva à SHOWBIZZ . Segundo ele, esse é o trabalho mais pop e alegre da banda. "Depois da turnê de *Secret Samadhi*, tiramos umas férias e percebemos que estávamos muito bem, tanto emocional, quanto física e financeiramente. A vida estava boa e esse espírito infiltrou-se nas músicas", conta.

Aproveitando o bom momento, a banda pretende lançar o próximo single, "Run To The Water", antes mesmo que "Dolphin's Cry" comece a perder fôlego. Curiosamente, essas não são as duas únicas músicas do álbum que fazem alusões à água – "Where Fishes Go" e "Feel The Quiet River Rage" falam de rios e peixes. "É que o Ed (*Kowalczyk, vocalista da banda*) compôs parte do disco durante uma viagem pelo deserto da Califórnia. Acho que ele estava com sede", brinca Dahlheimer. Depois da turnê, eles tiram novas férias e mergulham na composição de mais um álbum. "Será mais acústico e tranqüilo", avisa o baixista.

Divulgação BMG

O bom desempenho do single "Dolphin's Cry" saciou a sede do Live

notas

Botando banca na música

Depois de Lobão e seu álbum *A Vida É Doce*, outros artistas invadiram as bancas com seus discos. O selo **Panela Music**, em parceria com o jornal carioca *O Dia*, já lançou *Últimas Notícias*, da **Blitz**, e *Escondido No Tempo*, de **Oswaldo Montenegro**. Até o fechamento desta edição, estavam previstos também *Black Beat Do Brasil*, de **Baby do Brasil** e, para março, o novo trabalho de **Leo Jaime**. Pelo mesmo projeto, ainda estão programados os discos de **Tunai** e do grupo Akundum. Já pensou se a moda pega?

Lou puro êxtase

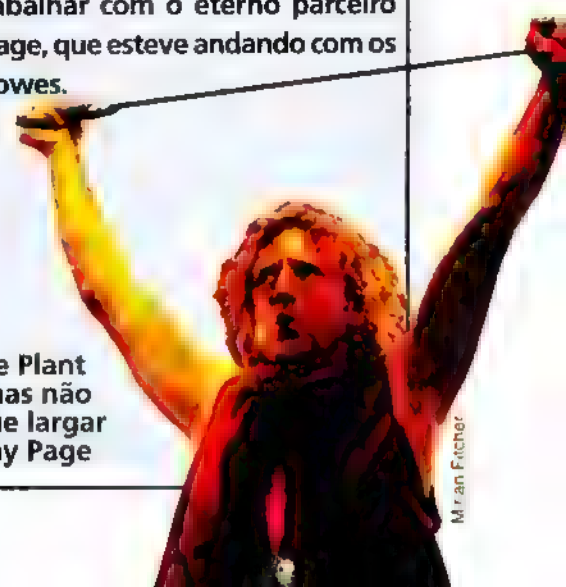
Malômetro em alerta: o novo disco de **Lou Reed** vai se chamar *Ecstasy* e trazer uma faixa épica de 18 minutos chamado "Like A Possum".

Jesus acaba em 69

Depois da separação do **Jesus & Mary Chain**, a fragmentação absoluta: William Reid lançou um mini-LP independente chamado *Taster*, com seis faixas assinadas por quatro projetos diferentes dos quais participa: Lazycame, William, Ravenscraeg e CNYK. Antes, a Creation se recusou a lançar seu disco solo, cuja capa seria William de falo em riste. Enquanto isso, Jim Reid trabalha numa banda chamada TV 69.

Informe de férias conjugais

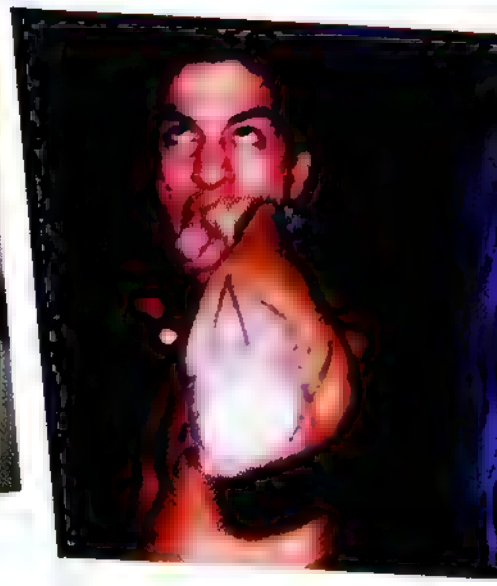
Em seus recentes shows, **Robert Plant** andou revisitando os tempos de Band Of Joy (seu grupo pré-Zeppelin), tocando "Seasons Of The Witch" (Donovan), "A House Is Not A Motel" (Love), Gloria (Them) e "If Were A Carpenter" (Tim Hardin). No entanto, os fãs do Zep não devem se desesperar: o cantor deve voltar a trabalhar com o eterno parceiro Jimmy Page, que esteve andando com os Black Crowes.



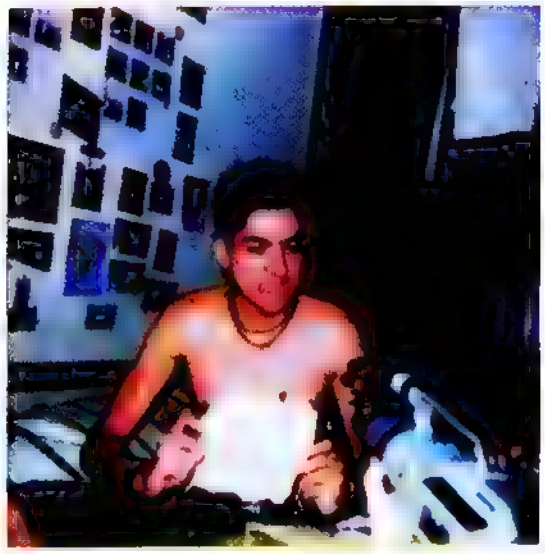
Marian Fischer

Bem que Plant tenta, mas não consegue largar de Jimmy Page

Ação entre amigos



O combinado entre os diretores Caíto Ortiz e Doca Corbett e a galera do Rumbora era que o videoclipe da música "Skaô" começaria a ser filmado às 11 da manhã. Mas como a idéia era fazer um documentário mostrando a rotina da banda, os diretores resolveram aparecer bem mais cedo e acordar os rapazes. "Pegamos eles descabelados, com a cara amassada, a casa bagunçada e a geladeira vazia", diverte-se Caíto. "Era o que a gente queria: tudo real", diz. Quem não gostou muito da brincadeira foi o baixista Beto. "Ele acordou bufando, de mau humor. Tinha feito balada na noite anterior e não conseguia abrir os olhos", ri. Nos dois dias seguintes, a equipe de filmagem registrou tudo o que acontecia entre as quatro paredes da casa que o grupo divide em São Paulo. "É muito legal ver como eles são amigos entre si e como curtem tocar. Eles acordam e vão para o estúdio montado num dos quartos para fazer um som", conta. Depois de voltarem a Brasília para curtir o Natal em família, a banda está de volta a Sampa para continuar divulgando o disco de estréia deles, *Rumbora*.



Beto (*acima, à esq.*) e Alf (*acima, à dir.*), do Rumbora, exibem seus rabiscos corporais; ao lado, Alf no aconchego do seu quarto

Divulgação

Manos na fita

Funk, soul, jazz, hip-hop, gospel e rhythm & blues, estilos coletivamente conhecidos como black music, estão tentando abrir espaço na televisão brasileira. Existe até o projeto – prontinho, só falta patrocinador – de um programa semanal, o *Beat Box*, dedicado exclusivamente às batidas da música negra. O programa, idealizado pela MP Brasil Marketing Cultural, teria apresentação do ex-VJ Rodrigo, da atriz Raquel Moriama e do produtor de rap Sérgio Rick, que ficariam responsáveis pelas entrevistas, reportagens especiais e flashes contando detalhes balançantes da história desses estilos. Além de chamar artistas de black music para tocar ao vivo, divulgar agenda de shows e eventos e abrir espaço para novos talentos, o programa pretende convidar também músicos de outros estilos para aventurar-se pelos ritmos negros. Algo tipo Raimundos dando sua versão para um clássico do Parliament/Funkadelic. Depois que um patrocinador abraçar o projeto, será a hora de descolar espaço numa emissora de TV, aberta ou a cabo. A WLRN, canal aberto de Miami, já está na fila.

Golpe repetido

Comunidade Nin-Jitsu: divulgando o mesmo disco de novo

Foto Marcio Simch/ Agradecimento Restaurante Tim Bras

A Comunidade Nin-Jitsu está lançando seu disco de estréia, *Broncas Legais*. Sim, você já leu isso antes, aqui mesmo na SHOWBIZZ, com crítica e tudo. O álbum era para ter saído em 1998, pela Continental. A gravadora chegou a fabricar o disco e distribuir algumas cópias à imprensa, mas acabou desistindo de lançá-lo. Agora, pela Rock It!, a torcida é para que seja a última vez que a banda precise falar do mesmo trabalho – pelo menos, a boca é livre.

"Quando quebrou o contrato, a gravadora nos deu 3 mil discos, que vendemos tudo em Porto Alegre", conta o vocalista da banda, Mano Changes, em um restaurante oriental em Pinheiros, São Paulo. Saquê? Claro. "Lá, nunca saímos de cena, fazemos shows direto e tocamos na rádio", continua o guitarrista Fredi Endres. De fato, depois de "Detetive", foi "Rap Do Trago" que decolou nas rádios sulinas. E as apresentações da banda estão se tornando incendiárias: "Descobrimos que o fim do show é perfeito para soltar fogos", diz Changes. "É a melhor fórmula para bis."

Mas o papel mais importante no palco está reservado para Índio, o modelo que também domina a capa de *Broncas Legais*. "Achamos esse cara na TVE, ele é câmera de lá. Virou nossa entidade, nosso guru", diz Endres. "Nos shows, ele fica sentando em uma cadeira de balanço, com uma caixa de cervejas do lado e protegido por um ninja." Detalhe: paradão, só entornando. Enquanto Índio enxuga todas, a Comunidade vai desfiando sua coleção de funks de Miami com *Flipper Hits* com rock com humor. Nos bailes do Rio de Janeiro, influência máxima da banda, a mistura já foi aprovada. "Colocamos a massa funkeira para agitar em Irajá e Itaboraí", fala o vocalista. "Eles já eram amarradões nas batidas, mas alucinaram com as guitarras."

A garrafa está vazia quando o garçom aparece com o yakissoba de Mano Changes. "Ninja é um termo para legal que nossa turma usa", diz ele. "Por exemplo: catou três minas na mesma noite, então é ninja. O cara sobe um degrau", explica. "Até caminhar sobre as águas e ser invisível", completa o guitarrista. Nesse momento, chega o pedido de Endres e do resto da comunidade (o baterista Pancho da Cara, o tecladista Sid Kavaña e o baixista Nando Endres), barcos de sushi e sashimi. Opa, mais um degrau.

frases

"Na escola, diziam que piano era coisa de gay. Eu não ligava e usava o instrumento para conquistar as meninas."
Maurício Manieri, contando seu segredo no jornal *Extra*

"Sou um nazista espancador de gays com um pinto que parece um rato. Odeio os ingleses e estou numa banda de m* que faz músicas de m*. Ah, e minha cabeça tem o mesmo formato de uma batata."
Kelly Jones, do Stereophonics, em um ataque de sinceridade no jornal inglês *New Musical Express*

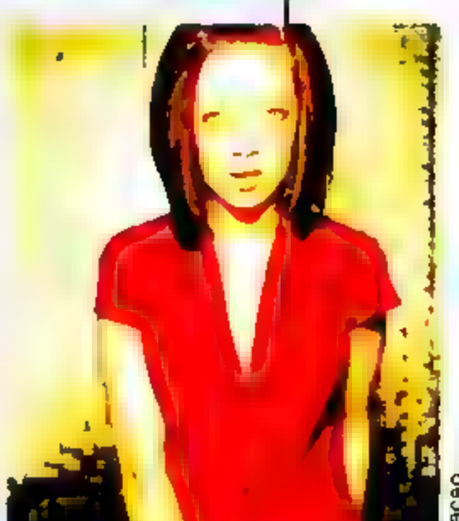
"Graças a Deus, eu não inventei nada tão banal quanto o punk rock."
Iggy Pop, definitivamente aos 52 anos

"Eu achava que isso era coisa de revoltado, mas após muita insistência descobri que a revolução já tinha começado e resolvi fazer parte dela."
José Carlos dos Reis Encina, que ficou conhecido como o traficante **Escadinha**, justificando ao *Estadão* porque decidiu fazer um disco de rap

"Maconha fez você esquecer... Charly te ajuda a lembrar."
Anúncio da gravadora **Charly** vendendo coletâneas de Bob Marley, Gregory Isaacs, Sly & Robbie e Dennis Brown

"Eu gostava de new romantic (*gênero da década de 80 que teve no Duran Duran um de seus maiores representantes*), e usava delineador e todas aquelas coisas."
Jonathan Davis, do Korn, confessando ao *New Musical Express* suas preferências nas priscas eras

"Todo homem com quem já trepei quer me f* de novo."
Shirley Manson, do Garbage, em momento ternura na revista *Kerrang!*



Shirley Manson: cão que late não morde

Prato para dois

DJs diferentes, opiniões e gostos idem: Josh Wink e Jacques Lu Cont abrem o jogo

Em um tempo, a música eletrônica cada vez mais se funde com o rock/pop para freqüentar as paradas de sucesso, o DJ americano **Josh Wink**, 29 anos, é peça rara. "Antes, ninguém gostava de trance. Agora, é o ritmo preferido de todo mundo", reclama. Apesar da bronca, Wink diz que não se considera purista. Não é o que mostra *Profound Sounds* (Ovum/Sony), seu primeiro álbum de discotecagem, que ele aproveitou para lançar por aqui no final do ano passado, quanto esteve no país. O disco é recheado de nomes obscuros como K.A.B., Johannes Heil e Heiko Laux, entre outros. É música eletrônica para quem gosta de música eletrônica, sem concessões. "Tento reproduzir o clima daquelas fitas que você grava para seus amigos colocarem em festas", diz.

O que você acha da popularização da música eletrônica?
Wink: É difícil... Na Inglaterra, por exemplo, você escuta música eletrônica em todo lugar que vai, até no avião da British Airways. Com isso, a qualidade caiu muito. E nos Estados Unidos, só a rocktronica é que faz sucesso, como Chemical Brothers e Fatboy Slim.

Quais são os segredos de um bom DJ?
Um bom DJ é uma pessoa que educa o público, mas que também sabe como movimentar uma festa. Às vezes, você quer mostrar algo diferente, em outras você quer é colocar o povo para sacudir. Tudo é uma questão de equilíbrio.

O DJ é um músico?
Bem, qualquer pessoa pode aprender a mixar músicas e se tornar um DJ. Mas acho que, a partir da hora em que você passa a criar seus sons, pode ser considerado um músico também.

Que discos comprou no Brasil?
Alguns CDs da Leila Pinheiro. Sou louco por bossa nova.

O lado mais pop da música eletrônica atual tem nome e sobrenome francês – **Jacques Lu Cont**, o rapaz de cabelos vermelhos por trás da saudade dos anos 80 que reveste o disco *Darkdancer*, do Les Rythmes Digitales. "Música eletrônica sempre esteve associada a um ou dois caras fechadões, sérios, paradões no palco fumando um cigarro. Isso é chato demais! Eu queria combinar boa música com visual e performance pop", conta Cont, que na verdade chama-se Stewart Price é só é francês porque nasceu prematuro, quando seus pais ingleses passavam férias em Paris. "Jacques é um apelido que minha família me deu. E Lu Cont, em inglês, soa como 'cunt' (*b**eta)", conta. Na condição de DJ, ele visitou o Brasil no final de 1999, e tocou "uma boa mistura de house francês e britânico, electro e sons dos anos 80". Tudo está acontecendo muito rápido para Lu Cont: aos 22 anos, ele já está no segundo disco com o LRD e discotecou em tudo quanto é canto (EUA, Europa e Oceania). "Se alguém me falasse que eu viria ao Brasil, eu responderia 'claro, nas férias'", surpreende-se. "Agora, quero voltar com minha banda."

O que você acha da popularização da música eletrônica?
Lu Cont: Legal, desde que seja boa música, que dê prazer às pessoas. Muita gente adota uma postura protetora em relação ao underground. Isso é uma grande besteira.

Quais são os segredos de um bom DJ?
Alguns DJs acreditam que seu trabalho é apenas "educar" as pessoas, e tocam só discos obscuros. Mas o DJ sempre tem de ter em mente que ele está em um clube, onde as pessoas vão para beber e se divertir. Elas não estão ligando para as mixagens.

O DJ é um músico?
DJs são mais animadores, "controladores da atmosfera". Para mim, músico é quem toca algum instrumento, quem lê música. DJ toca discos.

Que discos comprou no Brasil?
Os vinis que faltavam para minha coleção do James Bond.

Divulgação

Três é demais

A história infame do gibi deixa clara a influência da banda nos anos 90

Depois de algum tempo sumido, Edu K, 31 anos, volta de forma triunfal lançando três discos de uma vez – quatro, se contarmos o volume da coletânea *Hot 20* dedicado ao seu grupo, o **De Falla**. De forma independente, estão saindo *With This Disk We Shall Become The Rulers Of The Universe*, da banda principal, mais os projetos 2 Stoopid Dogs e Porno Barbie Superstaar, ambos tocados por ele e pelo baixista Z. Por enquanto, os produtos são encontrados no site da banda (www.defalla.com), que vende também um gibi com as aventuras do grupo, assinado pelo desenhista Alan Sieber.

Pode-se dizer que é o retorno de Edu K, mas não do De Falla. A banda nunca acabou, mesmo perdendo sua figura principal em 1994. Chegou a gravar com o vocalista Tonho Crocco o subestimado álbum *Top Hits*, em que predominaram as cores pop do ex-guitarrista Castor. "É que, depois que tocamos no Hollywood Rock, em 1993, eu decidi me fixar em São Paulo e os caras não me acompanharam, preferindo ficar em Porto Alegre", explica Edu.

Em 1998, o telefone tocou na capital gaúcha. "Liguei para os caras e começamos a fazer tecno-rock", lembra. O registro dessa fase está no álbum *Fire!* e continua com o Porno Barbie Superstaar, que vai da eletrônica podreira a Doors. O 2 Stoopid Dogs segue a linha festeira, com versões funk carioca de hits da discoteque, do funk e do rock, como "Satisfaction", "Fly Robin Fly" e "Whole Lotta Luv", entre outras.

Por fim, o De Falla aparece em *With This Disk...* retomando a veia "black pop hip-hop" do álbum *Kingzobullshit*. As experimentações cederam lugar a funks tirados e retrabalhados do solo de Edu K e de fases antigas da banda ("Barraco Zuado", "Sai Pra Lá" ou o mix 2000 para "Repelente", que ganhou o nome de "Repelex").

Às vésperas de completar 15 anos e com sua enésima formação – Chili Willi, irmão de Edu K, também canta na banda, mais Marcelo Fornazier na guitarra, Z no baixo e Alexandre Ograndi na bateria – o De Falla está à vontade com a nova realidade. "Influenciamos a galera atual com funk-metal, hip-hop e rock batucada", acredita o vocalista. "Já fomos de uma multinacional (BMG), passamos por um selo independente (Cogumelo) e hoje estamos piratas." Para a massa funkeira e a turma do skate, tanto faz.

Por que Brasil?

Ecletismo com inventividade nos CDs da ybrasil?music

Reproduções

Tem gravadora nova no pedaço. É a ybrazil?music (assim esquisitona mesmo), que em seus primeiros lançamentos já diz a que veio: eclestismo, sim, mas sempre privilegiando a inventividade. No pacote inaugural, há MPB modernosa (da cantora Andrea Marquee, em *Zumbi*), quinteto de clarinetas (Sujeito A Guincho, em *Die Klarinetmaschine*) e "drum'n'sambass" – nome de música que define o estilo de Rica Amabis, em *Sambadelic*. Em parceria com o selo Candeeiro, de Pupilo (da Nação Zumbi), a ybrazul?music está lançando também *Baião De Viramundo*, no qual nomes da cena recifense fazem versões da moléstia de músicas de Luiz Gonzaga. E, pelo subsubselo Hécate/eu, o coquetel de pop, MPB e eletrônica do Shiva Las Vegas ganha corpo no EP *Prenda Na Minha*. Tudo em capinhas de papelão com visual matador, coisa fina mesmo.

Ilustração:Felix Reiners Fotos:Divulgação

Valsa nova

Para a vocalista Cecília Gianetti, neo-bossa é pouco para definir o som da banda

Divulgação

As gravações aconteceram no carnaval do ano passado, em clima de improviso e descontração. A vocalista estava rouca e a qualidade técnica não saiu das melhores, o que fez com que a banda pensasse em arquivar o material. Mas eis que a tal fitinha, *Altas Horas*, distribuída pelo selo Midsummer Madness (www.mmrecords.com.br), começou a render muitos elogios. E o grupo carioca **4TrackValsa**, há um ano na ativa, passou a ser mais do que um encontro informal de bons amigos. "Começamos a tocar sem maiores pretensões, nem nos preocupamos em escolher um nome decente para a banda", explica o guitarrista e tecladista Cristiano Menezes.

A bagagem da banda é eclética: rock (a vocalista Cecília Gianneti já foi guitarrista de banda punk), trilhas de novelas e Noel Rosa, Arnaldo Baptista e Astrud e João Gilberto. Tudo isso ganha charme na linda voz de Cecília, que só há pouco tempo conseguiu superar a timidez de cantar em português – antes as músicas eram em inglês. "Minhas letras são muito pessoais: é minha vida, são minhas idéias. Em português fica tudo explícito", confessa a vocalista. Apesar do clima banquinho-e-violão, eles não querem ser rotulados como neo-bossa. "Gostamos muito dessa fita, mas podemos querer fazer algo completamente diferente amanhã."

Alessandra Debs

Toda a magia do Reggae.

Bob Marley, Peter Tosh, Jimmy Cliff, Cidade Negra e outros gênios, reunidos em uma edição histórica de SHOWBIZZ.

Nas bancas.

CD GRÁTIS!

Os dez
que q

s, Nina Hagen, James Taylor, Scorpions,
den, AC/DC, Queen, Rod Stewart: "se a vida
sse agora/ e o mundo fosse nosso de vez/ se
não parasse mais de cantaaaaar/ de
aar/ de viver/ uo-ou-uou...."

dias balaram o BRASIL

Há 15 anos, no apagar das trevas da ditadura, uma loucura megalômana colocava o país no mapa da cultura globalizada: nunca houve festival como o Rock In Rio de 1985

por Jaime Biaggio

Em Brasília, o dia 15 de janeiro de 1985 nasceu feliz. Pela manhã, no plenário do Congresso Nacional, transformado para a ocasião em "colégio eleitoral", a escolha de Tancredo Neves, candidato à Presidência da República pela oposição, pôs fim a mais de 20 anos de ditadura militar. Deslumbrado, o povo tomou a Praça dos Três Poderes com bandeiras e faixas e chegou a carregar nos braços um dos líderes da aliança que apeara os milicos do Planalto, o deputado Ulysses Guimarães – o mesmo que no ano anterior, em um discurso na Câmara, chamara atenção para a sagacidade da letra de "Inútil", do então mais ou menos conhecido Ultraje a Rigor.

Poucas horas depois, nos confins do Rio (mais exatamente, no Camorim, a oeste da hoje superpovoada e americanizada Barra da Tijuca, na época um fim-de-mundo), um Cazuza ainda saudável, com jeito de garotão de praia, se despedia do público do primeiro show do Barão Vermelho no Rock In Rio discursando em "Pro Dia Nascer Feliz". "Que o dia nasça feliz amanhã pra todo mundo! Um Brasil novo... uma rapaziada *ishspernrtaaa*!!", gritava o cantor, em alto e bom baixo-loblonês. Era, então, o quinto dia do festival, que fora aberto no fim da tarde de 11 de janeiro pelo ex-Secos & Molhados Ney Matogrosso, cantando, sintomaticamente: "Despeeerta, América do Sul".

O dia seguinte nasceu feliz para muita gente. 16 de janeiro foi o mais eclético dos dez dias de rock, MPB, soft rock, new wave, heavy metal, lama, perrengue, barracos, oba-oba, frescuras, decepções, consagrações, vaias, aplausos, delírio e farra promovidos pelo empresário Roberto Medina e pela TV Globo. Por sinal, o grupo (aliás, o "conjunto", como ainda era mais comum ouvir na época) novo que abriu a noite, um tal de Paralamas do Sucesso, tocou "Inútil".

O primeiro Rock In Rio não tem dimensão mitológica à toa. De lá para cá, houve festival a dar com o pau, em franquias estrangeiras (Reading, Lollapalooza, Woodstock) ou nacionais (Close-Up Planet, Hollywood Rock). O próprio Rock In Rio teve uma segunda edição em 1991. São os paralelos entre os cenários político e musical do país pouco antes do primeiro teste de luzes na Cidade do Rock (nome pelo qual ficou conhecido o descampado escondido atrás do Autódromo de Jacarepaguá) que fazem a diferença.

O regime de fome do eleitor brasileiro, que por toda a década de 70 se limitou a votar para cargos legislativos, era o mesmo dos fãs de música pop que, até janeiro de 1985, tinham de se contentar com um Kiss aqui, um Van Halen ali, um Police acolá. O movimento das Diretas Já, em 1984, ano em que dr. Ulysses descobriu o Ultraje, não por acaso, bateu com a ebulição do novo pop brasileiro. Como conseqüência lógica de tudo isso, Tancredo Neves e o Rock In Rio chegaram juntos.

"Nós, os Paralamas, o Barão, fazíamos a maior festa nos camarins. Éramos todos da mesma turma e, o que é o mais importante, sabíamos que era por nossa causa, pelo Circo Voador, que aquele megaevento estava acontecendo", diz, cheia de orgulho, Paula Toller. "Foi só depois dali que a gente virou profissional." Como Paula e o Kid Abelha ("& os Abóboras Selvagens", na época), o resto do show business brasileiro reconhece hoje uma divisória separando o antes e o depois do Rock In Rio. "Os artistas da MPB eram relapsos em relação à qualidade dos equipamentos. O Rock In Rio ajudou a mudar isso. Foi o primeiro show da Clair Bros. (*empresa que cuida do som em megaeventos pop ao redor do mundo*) aqui. A gente estava na Idade da Pedra", resume o baterista do Barão, Guto Goffi.

Eis o ponto onde se separam as utopias vividas durante aqueles dez dias. O Brasil Novo de Cazuza e Tancredo se diluiu numa série de esperanças vãs de final de novela (15 anos depois, ambos estão mortos, assim como Freddie Mercury, o grande astro do Rock In Rio; a América do Sul volta e meia não ouve o despertador e perde o bonde do desenvolvimento; os dias não andam nascendo tão felizes...). No entanto, o projeto de Primeiro Mundo Pop que os convidados de Medina ensaiaram não saiu da lama da Cidade do Rock direto para o caos, como a famigerada Nova República. Ele foi driblando obstáculos e permanece vivo aqui e agora, no futuro.

Jorge Rosemberg

Como cantou Cazuza no festival idealizado por Roberto Medina (*à esq.*), o dia nasceu feliz em 16 de janeiro de 1985: Tancredo era o primeiro presidente civil em 21 anos

Fernando Seixas

EBN

Freddie Mercury tentou enxotar os artistas brasileiros do caminho de seu camarim e ouviu um coro: "Viado!"

Jorge Rosemberg

"Todos numa direção, uma só voz, uma canção..."

Estes eram os versos de abertura do tema que o maestro Eduardo Souto Neto, velho comandante da banda de Roberto Carlos, compôs para o Rock In Rio, e que a Globo, patrocinadora do festival e que transmitiu o evento ao vivo para o Brasil e gerou imagens para cerca de 60 países, se encarregaria de enfiar à força na cabeça de cada brasileiro. Até que eles começassem a ecoar muito além da Cidade do Rock, no entanto, percorreu-se um longo caminho. Na verdade, se os superastros do pop/rock internacional caminhavam "todos numa direção" naquela época, só podia ser para o mais longe possível daqui.

"A fama do Brasil era péssima", lembra Roberto Medina, que até tinha lá as suas credenciais para impressionar gringo (em 1980, trouxera um desconfiado Frank Sinatra para cantar no Maracanã). "Em 1984, viajei para Los Angeles na tentativa de fechar os primeiros contratos. Fui com vídeos, plantas, esquemas... Em 70 reuniões, ouvi 70 nãos. 'Vocês roubam equipamento, não pagam cachê, não têm luz...', eles diziam." Nem dá para culpar os estrangeiros: as raríssimas visitas pop ao Brasil até então tinham realmente, quase todas, terminado em barracos embaraçosos.

E, para instalar a pulga mais confortavelmente atrás da orelha dos empresários das bandas estrangeiras, o projeto era mesmo um show de megalomania: 500 mil metros quadrados de área total para o evento, com helipontos, lanchonetes, bares e minisshoppings de 25 lojas cada a leste e a oeste do palco; este, ou melhor, estes (já que se trataria de uma base giratória comportando três palcos), com 80 metros de boca de cena, a maior do mundo. "Na primeira reunião, Jim Beach, *manager* do Queen, olhou aquilo e confessou: 'Se um americano me mostra esse projeto, eu dou risada'", conta Medina. Beach, porém, acabou convencido.

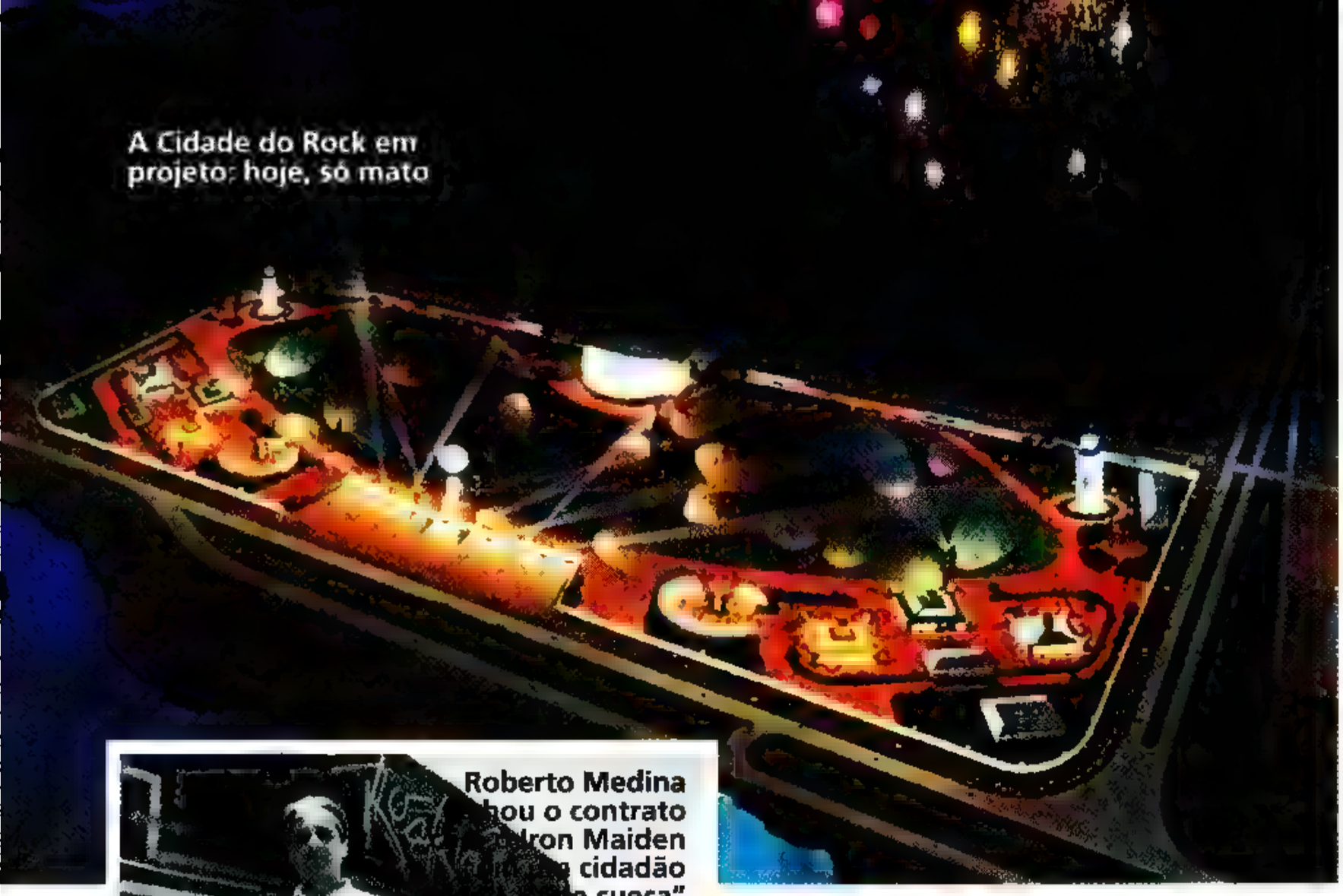
O aval do Queen, habituado a aparatos gigantescos de produção, foi importante para alavancar o evento. O grupo de Freddie Mercury foi a segunda atração estrangeira a fechar contrato (Ozzy Osbourne deu o primeiro OK) e a notícia tornou outros artistas mais receptivos. "O festival foi todo preparado para o Queen", opina Dé, na ocasião, baixista do Barão Vermelho. "A estrutura de palco e de luz era a deles." Medina não desmente totalmente. "O grid de luzes do evento era o deles. A isso eu somei um projeto de ilu-▶

ERGUEI AS CRUZES

A Igreja Católica pré-batinas saracoteantes alertou seus fiéis para a coisa ruim que estava sendo armada no Rio de Janeiro. O Cardeal Arcebispo Dom Eugênio Salles disse que o rock era "música alienante e provocatória: as conseqüências de ordem moral e social devem preocupar pais e mestres".

O PRECONCEITO DÓI

Pergunta para o Queen na entrevista coletiva: "Vocês se chamam Rainha e gravam músicas falando em desmunhecar. O que esse homossexualismo tem a ver com a vida real de vocês?
Roger Taylor: "Eu posso falar sobre mim, que sou casado e com dois filhos. Agora, gostei de usar roupa de mulher no clipe de 'I Want To Break Free'."
Repórter: "Mas é assim que começa..."



A Cidade do Rock em projeto: hoje, só mato

Roberto Medina ...hou o contrato ...Iron Maiden ...a cidadão ...e cueca"

Luis Carlos David

Bruce Dickinson, do Iron: em 1985, no auge, arrasador

Luis Crispino

minação do Peter Gasper, que envolvia outros detalhes, como iluminação de platéia. Mas realmente tinha um movimento hidráulico das luzes que só entrava em cena no show deles."

Até o Queen assinar, Medina e seus dois escudeiros, Oscar Ornstein (então com 73 anos; hoje já falecido) e Luiz Oscar Niemeyer (que dali saiu para dar seqüência à história dos megashows no país, com a Mills & Niemeyer, e hoje é presidente da gravadora BMG-Ariola) deram trombada atrás de trombada. Com as bandas heavy metal, em princípio, houve diferenças de estilo e atitude. "Eu só ando de terno e gravata", diz, categórico, um Medina vestido exatamente assim, na sede de sua empresa Artplan, no Rio. "Cheguei dessa forma numa casa em Beverly Hills para assinar com o Iron Maiden. Me recebe na porta um cidadão de cueca, com uma barba enorme, cheia de macarrão pendurado. Sentamos para levar um primeiro papo, ele continuou comendo, nem se preocupou em tirar o macarrão da barba. Nos despedimos, saí, virei para o Oscar e disse: 'Assim não vai dar, vamos comprar uns jeans, os caras devem estar achando que eu sou do FBI!'."

No fim das contas, o metal acabaria sendo o estilo dominante no Rock In Rio, com cinco bandas: Iron Maiden (que, por problemas de datas, se apresentou apenas na noite de abertura, quando dois shows eram a regra no festival), Scorpions, AC/DC, Ozzy e Whitesnake – esses últimos entrando em cima do laço para substituir o Def Leppard, cujo baterista, Rick Allen, sofreu o acidente de carro que o levaria a amputar o braço esquerdo na noite de Ano-Novo, a 11 dias do início do evento.

NA PRIMEIRA CHUVA, VIROU PÂNTANO

A opção pelo metal que, de acordo com Medina, se deveu a pesquisas de mercado, teria efeito sociológico: a invasão do festival, em especial na noite heavy (19/01/1985), por brigadas de moleques de camisetas pretas com caveiras e demônios, cabeleiras maltratadas e *spikes* (pulseiras de tachinhas) nos braços, marcaria o primeiro contato em larga escala do Brasil com uma tribo do rock e sua subculturas. "Ninguém sabia o que eram as tribos, nem os metaleiros sabiam que eram tantos", atesta o artista que mais sofreu nas mãos deles, Erasmo Carlos (o termo "metaleiros", por sinal, surgiu durante o festival, criado pela imprensa).

Pois é: cinco meses antes de o primeiro

Janeiro 85

11/01/85, sexta-feira
Público: 150 mil
Escalação: Ney Matogrosso, Erasmo Carlos, Baby Consuelo e Pepeu Gomes, Whitesnake, Iron Maiden e Queen.
Tempo: Sol. Calor forte.
Fauna: Todo tipo, por ser o primeiro dia e pela presença do Queen, mas com forte afluência de *headbangers*.
Para lembrar: Iron Maiden, uma banda no auge e cuspindo fogo, com Bruce Dickinson a mil e o impacto dos cenários inspirados na capa do álbum *Powerslave*.
Para esquecer: O constrangimento de Erasmo Carlos, vestido com couro e tachas e ferozmente ridicularizado, com o clamor das vaias encobrindo suas baladinhas.

12/01/85, sábado
Público: 250 mil
Escalação: Ivan Lins, Elba Ramalho, Gilberto Gil, Al Jarreau, James Taylor e George Benson.
Tempo: Sol. Temperatura agradável.
Fauna: Casais de namorados, hippies, naturebas, mamães, papais e titias.
Para lembrar: James Taylor, recebido como rei ("I was there on a very day/ and my heart came back to life...", trecho de "Only ADream In Rio" (apenas um sonho no Rio), música de 1986 na qual expressaria o baque positivo daquela noite em sua carreira).
Para esquecer: Por comparação, qualquer coisa que viesse depois. George Benson pagou o pato: considerando já ter visto a grande atração da noite, o público deu as costas e foi embora antes de seu show.

13/01/1985, domingo
Público: 90 mil
Escalação: Paralamas do Sucesso, Lulu Santos, Blitz, Nina Hagen, Go-Go's e Rod Stewart.
Tempo: Sol forte e calor pesado. Temporal rápido durante o show da Blitz.
Fauna: Niu-uêives de gel no cabelo, óculos ridículos e camisetas de cores berrantes da Company. Famílias com crianças, atraídas pela Blitz.
Para lembrar: Os Paralamas, com sol na cara, bermudas e jeitão de banda de sarau, ofuscando tudo que veio depois. E a proposta capilar da banda de Nina Hagen. Rod Stewart e Evandro Mesquita chutando bolas gigantes para a platéia, que enlouquecia rebatendo.
Para esquecer: Lulu Santos, enchendo lingüiça demais e tocando de menos, e o vestido verde da Go-Go Belinda Carlisle.

segurança abrir o primeiro portão na Cidade do Rock, o terreno onde tudo aconteceu era um descampado. "Era como se fosse um charco", nas palavras do engenheiro Manoel Ribeiro, que comandou a construção de toda a estrutura do festival. "O terreno era em declive", acrescenta Medina. "Usamos 77 mil caminhões de terra para a terraplenagem." A pressa explica o lamaçal em que o gramado se transformaria com a primeira chuva de verão (nos últimos quatro dias, o pântano já havia tomado de volta o que lhe pertencia...). "A grama não teve tempo de pegar", admite o engenheiro, denominado pela produção "o prefeito do Rock In Rio".

A trabalheira da equipe de Ribeiro, no entanto, estava só começando. "Ainda havia a questão dos banheiros. O que saísse deles seria despejado na Lagoa de Jacarepaguá. Tivemos que criar uma lagoa de estabilização, com aguapés, para evitar uma catástrofe ambiental", lembra ele. "Foi dureza, antes e durante. Equipes minhas pegavam às 5 da manhã, logo depois do público ir embora, e trabalhavam até às 11, para reconstruir o lugar antes que os portões se abrissem, ao meio-dia."

A estrutura de palco, som e luz só começaria a ser montada em outubro, a três meses do início do evento. Enquanto isso, os organizadores ainda montavam a grade de apresentações, lidando com substituições de última hora. Os Pretenders, já com tudo fechado, pularam fora quando a líder Chrissie Hynde descobriu que estava grávida. Entraram em seu lugar os B-52's. Já o Men At Work não chegou nem a assinar o contrato: o grupo terminou antes.

O cartaz do evento; houve música e paz, sim, mas os metaleiros hostilizaram quem não era da tribo

Pouco depois da desistência do Men At Work, ouviu-se na central de boatos o nome do U2. O grupo começara a conquistar os EUA em 1983, devido aos hoje lendários shows em Red Rocks, Colorado, registrados no álbum ao vivo *Under a Blood Red Sky*, e acabara de tirar do forno *The Unforgettable Fire*. Mas a coisa ficou no boato. Poucas semanas após os australianos jogarem a toalha, Rod Stewart seria anunciado.

Parte da mídia, insatisfeita com o time de dinossauros (Queen e Yes, sobreviventes dos anos 70, eram as âncoras do evento, escalados para abri-lo e encerrá-lo, respectivamente), lançaria um contra-boato: o de que a organização, sem saber com quem estava negociando, dissera "não, obrigado" aos irlandeses. Medina nega e joga a culpa nos empresários da banda. "Eram nojentos, grosseiros, pegavam pesado nas críticas ao Brasil. Chegou uma hora em que eu me encrespei e mandei à merda", revela, reiterando também a velha resistência do U2 a eventos patrocinados, ainda por cima por bebidas (a cerveja Malt 90 tinha até a marca estampada no ingresso).

Luis Carlos David

PROFECIA DE BOTECO

Leonel Brizola, o inimigo número 1 do Rock In Rio, contou com um aliado poderoso em sua campanha anti-Medina: Nostradamus. Às vésperas do festival, começaram a circular os boatos de uma profecia segundo a qual "um grande encontro de jovens na América do Sul perto do final do século terminaria com uma tragédia que causaria a morte de milhares de pessoas". Não aconteceu nada. E nem poderia, segundo Roberto Medina. "A história foi inventada por jornalistas em um porre de bar. Até sei quem foi, mas não vou dizer. Fato é que plantaram a notícia, só para sacanear." O espírito-de-porco fez escola: no Rock In Rio 2, foi espalhado que o Maracanã iria cair. "Fizemos uma obra desnecessária só para acalmar a população", conta Medina.

14/01/1985, segunda-feira
Público: 30 mil
Escalação: Moraes Moreira, Alceu Valença, George Benson e James Taylor.
Tempo: Nublado, ameaçando chuva.
Fauna: Desocupados (quem vai a festival numa segunda-feira?) e fãs desocupados de James Taylor dispostos a repetir a dose.
Para lembrar: A platéia de braços para o alto, levando Alceu Valença – para variar, um arraso ao vivo – às lágrimas durante "Anunciação". Moraes Moreira e o filho Davi Moraes (então petiz) interpretando "Papai, comporte-se bem no colégio..." (no caso,o Colégio Eleitoral que elegeria Tancredo no dia seguinte).
Para esquecer: George Benson, coitado. E ele mesmo sabia disso, tanto que cedeu a James Taylor a honra de encerrar a noite.

15/01/1985, terça-feira
Público: 50 mil
Escalação: Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens, Eduardo Dusek, Barão Vermelho, Scorpions e AC/DC.
Tempo: Sol forte, poeira e umidade.
Fauna: Brigadas de *headbangers* camisas-pretas na frente do palco; mais atrás, niu-uêives e ôba ôbas festejando a eleição de Tancredo Neves para a Presidência.
Para lembrar: Um Barão Vermelho soltando faíscas e impondo respeito diante dos cabeludos na base do colhão.
Para esquecer: Um Kid Abelha intimidado e um Dusek exaltado, ambos claramente derrotados na guerra de nervos movida pela brigada do metal.

16/01/1985, quarta-feira
Público: 40 mil
Escalação: Paralamas do Sucesso, Moraes Moreira, Rita Lee, Ozzy Osbourne e Rod Stewart.
Tempo: Ventania, poeira e aguaceiro apocalíptico durante o show de Rod Stewart.
Fauna: Esquizofrenicamente variada, por conta da escalação idem. Forte presença de camisas-pretas, devido à estréia de Ozzy Osbourne.
Para lembrar: O início, com os Paralamas fazendo bonito de novo, e o fim, com Rod Stewart pilotando a platéia debaixo de chuva com destreza de Ayrton Senna.
Para esquecer: O meio, com Rita Lee resfolegando e Ozzy Osbourne esganiçado, arrastando banha pelo palco.

Julio Bernardes/Agil

MALA AGOURO

Guru de Pepeu, Baby e Rita Lee na época, o mineiro Thomas Green Morton armou tenda no *backstage*. "Todo mundo ia ao camarim de Pepeu e Baby conhecê-lo. Lembro que fiquei uma semana com aquele perfume de rosas dele impregnado. Bicho, aquele cheiro incomodava", lembra o Tremendão Erasmo Carlos. Pepeu defende seu ex-guru. "Naquele princípio de incêndio no show da Rita Lee, Thomas contribuiu muito para que nada sério acontecesse." Bem, Rita não pensa o mesmo. Hoje rompida com o mineiro, detona: "O cara não deixava ninguém em paz, era tão mala que até o cenário pegou fogo. Xô, jaburu!".

Luis Crispino

Sosia de Angus Young: muita doideira no público

Jorge Rosemberg

Paralamas 1985: em versão *tiny toon*

A forte campanha de divulgação da TV Globo ajudou a criar uma expectativa imensa pelos artistas estrangeiros. Mais uma vez, a analogia com a política vem a calhar: em 1989, quando o povo brasileiro votou para presidente pela primeira vez em quase 30 anos, o interesse pela campanha era intenso, em forte contraste com a apatia de hoje. Da mesma forma, em janeiro de 1985, até a chegada de um percussionista de George Benson era motivo para a imprensa correr para o aeroporto. O que gerava distorções de informação: havia quem acreditasse que Ozzy Osbourne comia morcegos regularmente no palco (na verdade, ele, em certa noite particularmente doidona, arrancara a cabeça de um a dentadas). "Por via das dúvidas, proibi no contrato que ele fizesse isso", diz Medina.

PARALAMAS: TUDO PARA ENTRAR

Entre os brasileiros, a meta era estar no festival, custasse o que custasse. "Durante anos, a gente teve pudor em dizer isso, mas a verdade é que forçamos a mão para estar lá", admite o Paralama João Barone, cuja banda atendia então por "revelação", a bordo do LP *O Passo Do Lui*. "A gente se enfiou no festival", resume Herbert Vianna. "O José Fortes, nosso empresário, ligava todo dia para o Medina." Cachê, óbvio, nem estava em discussão. "Foi muito barato", admite Fortes. Os Paralamas, penúltima atração nacional a ser anunciada, entraram por esforço concentrado mesmo. "Tinha até um vizinho do Barone que ficava vindo na Artplan tentando mostrar uma fita deles", diverte-se Medina.

O Aeroporto Internacional do Rio nunca viveu uma semana tão agitada quanto a de 7 a 11 de janeiro de 1985. Os astros começaram a desembarcar e a se instalar nos hotéis (o QG do festival foi o Rio Palace, mas alguns, como o afetado Freddie Mercury, optaram pelo mais glamouroso e tradicional Copacabana Palace). Da mesma forma, o público começava a chegar de todos os cantos do mundo. Americanos, italianos, alemães, ingleses, argentinos vieram em grande número (um grupo de ingleses chegou até a fretar um Jumbo). "Acredito que o início da nossa carreira internacional se deve ao festival", teoriza Herbert Vianna. "Nossos primeiros fãs na América Latina foram pessoas que nos viram no festival e voltaram para casa com nosso disco."

A presença dos estrangeiros na cidade também serviu para confirmar certos mitos e desmentir outros. Sim, Freddie Mercury era uma diva ("ele nunca falava com o resto da banda", garante Amin Khader, assessor de Gal Costa, na época responsável pelos camarins do festival).

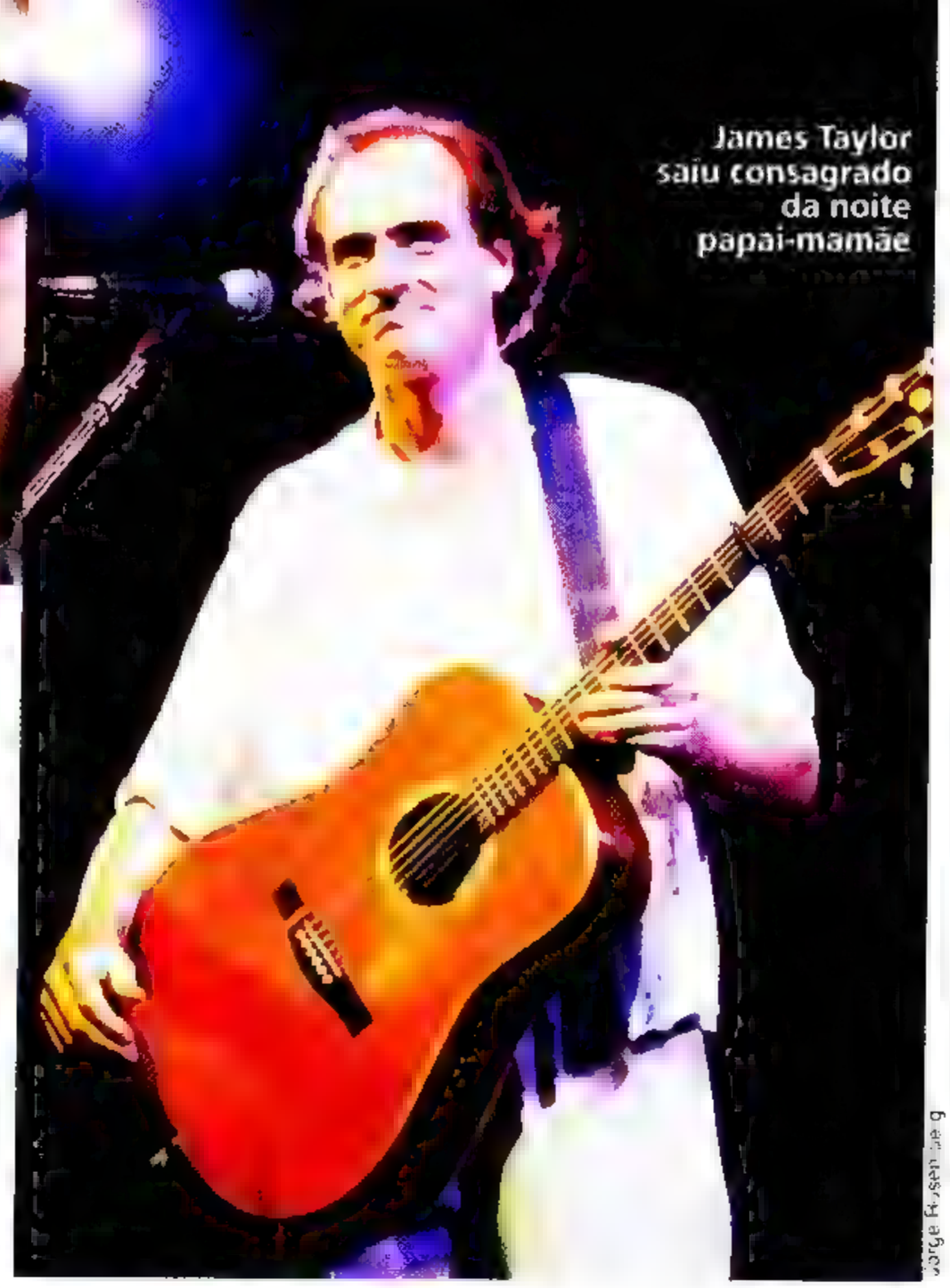
17/01/1985, quinta-feira
Público: 20 mil
Escalação: Alceu Valença, Elba Ramalho, Al Jarreau e Yes.
Tempo: Chuva, chuva, chuva, trazendo lama, lama, lama e mais lama.
Fauna: Pouca. Basicamente, os fã-náticos do Yes e alguns gurus-MPB.
Para lembrar: Elba Ramalho arretada, convertendo a Cidade do Rock (vazia, é bem verdade) ao frevo e ao forró. E o baixista Chris Squire, do Yes, monstruosamente bom e feio.
Para esquecer: A mão implacável de São Pedro mostrando ao público que o belo gramado dos primeiros dias era um pântano disfarçado.

18/01/1985, sexta-feira
Público: 250 mil
Escalação: Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens, Eduardo Dusek, Lulu Santos, B-52's, Go-Go's e Queen.
Tempo: Nublado e enlameado.
Fauna: A festa da geração niu-uêive, com o devido acréscimo de fãs do Queen, grupo de platéia mais eclética do evento.
Para lembrar: As presepadas de Freddie Mercury, o público gritando o nome de Brian May durante "Love Of My Life", a segurança de uma banda para quem platéias de mais de 100.000 são rotina; o Queen, enfim.
Para esquecer: Os ídolos do público das danceterias exibindo flagrante inaptidão musical ao vivo: Go-Go's e B-52's, ficamos sabendo ali, só em disco mesmo...

RO-CK

Fernanda Serxas

Os óculos do rock: item da moda entre a juventude new wave



James Taylor saiu consagrado da noite papai-mamãe

Jorge Rosenberg

Sim, os grupos de heavy metal eram hóspedes barulhentos. Já Rod Stewart, o escocês sorridente, sempre metido em roupas coloridas, com jeito de bom copo e bom papo, se revelou o clichê do popstar, arisco e mal-humorado. Rod ficou célebre no Rio Palace por uma rotina cretina: sentava-se para tomar sol na piscina o mais próximo que desse dos fotógrafos, mas sempre que algum apontava a câmera em sua direção, fazia cara de incomodado e olhava na direção da segurança. E dava trabalho aos funcionários do hotel. "O som dentro da suíte estava sempre aos berros", conta Paulo Pimenta, RP do hotel na época. "Ele ficava jogando dardos, me furou a porta da suíte toda!".

JAMES TAYLOR, DO LIMBO PARA O RIO

O mau humor do escocês, segundo os jornalistas que acompanhavam o dia-a-dia do hotel, tinha uma razão de ser bastante concreta: ciúme de James Taylor, o americano tranqüilão que, desde a chegada, conquistara os curiosos que faziam plantão no hotel com seu bom humor e solicitude. Não era para menos: se bobear, o baladeiro estava mais deslumbrado que os fãs com a recepção que teve. Meses antes, na Califórnia, a equipe de Medina tivera de recorrer a um amigo em comum para convencer Taylor a largar o sítio onde ele, certo de que sua carreira estava acabada, se refugiara. Mas o esforço valeu a pena para ambos os lados: dia 12 de janeiro, o maior público do festival (mais de 250 mil pessoas) lotou a Cidade do Rock para a noite papai-mamãe, em que Taylor se apresentaria entre Al Jarreau e George Benson. "Ele foi ficando no palco", lembra Medina. "Tocou duas horas, atrasou tanto o George Benson que, para o show seguinte, ele pediu para tocar antes do James Taylor."

A uma galáxia de distância do jeitão de tio da gente de James Taylor, Nina Hagen, a alemã de olhos esbugalhados, tinha em comum com ele o status de coadjuvante que rouba o show. Esperava-se que sua indumentária punk fosse recebida com espanto: ao invés disso, circulando para lá e para cá com a filha Cosma Shiva a tiracolo, a "rainha dos metaleiros" (mais um da meia-dúzia de rótulos imbecis que a mídia produziu no afã de usar a palavrinha que havia criado) ganhou o carinho do povo. Suas declarações pacifistas/ecológicas e suas caretas caíram no gosto dos caçadores de autógrafos. Nina aproveitou a onda do sucesso, que a traria novamente ao Brasil naquele ano e renderia namoro e posterior dueto com Supla, em "Garota De Berlim", do Tokyo. Sua estratégia funcionara: garante uma fonte muito bem informada que ela pediu para tocar no Rock In Rio e, diante disso, sequer recebeu cachê! Medina, discreto, admite que o dela foi o menor cachê internacional...

Com o início do festival, na tarde de sexta-feira, 11 de janeiro de 1985, confirmou-se a grande jogada em profundidade que fora o investimento no heavy metal: a

19/01/1985, sábado
Público: 250 mil
Escalação: Pepeu Gomes e Baby Consuelo, Whitesnake, Ozzy Osbourne, Scorpions e AC/DC.
Tempo: Sol, um calor insuportável e quilos de poeira, muita poeira.
Fauna: Camisas-pretas no poder, enfim, e roqueiros em geral.
Para lembrar: A aeróbica de alto impacto dos Scorpions e o *freak* show epiléptico de Angus Young, que responde praticamente sozinho pelo AC/DC no palco.
Para esquecer: A humilhação de Erasmo Carlos, cujo show foi transferido para o dia seguinte, na certeza de que seria comido vivo pelos cabeludinhos malcriados.

20/01/1985, domingo
Público: 200 mil
Escalação: Erasmo Carlos, Barão Vermelho, Gilberto Gil, Blitz, Nina Hagen, B-52's e Yes.
Tempo: Sol e calor.
Fauna: Variada, com forte presença niu-uêive e deslocados fãs do Yes.
Para lembrar: A certeza final de que, apesar dos pesares, o Brasil podia pleitear um espaço na rota do showbiz internacional.
Para esquecer: As luvinhas verdes distribuídas para um manifestação pacifista ao final do evento (foram esquecidas no começo da noite, ao que parece). E talvez as afetações de Jon Anderson e a vozinha que usa ao falar (cantando é outra coisa) suas mensagens cósmico-esotéricas – sem falar naquele *legging* ridículo.

Ozzy, na época, gordo e bebendo muito: o contrato o proibia de comer animais vivos no palco

Jorge Rosenberg

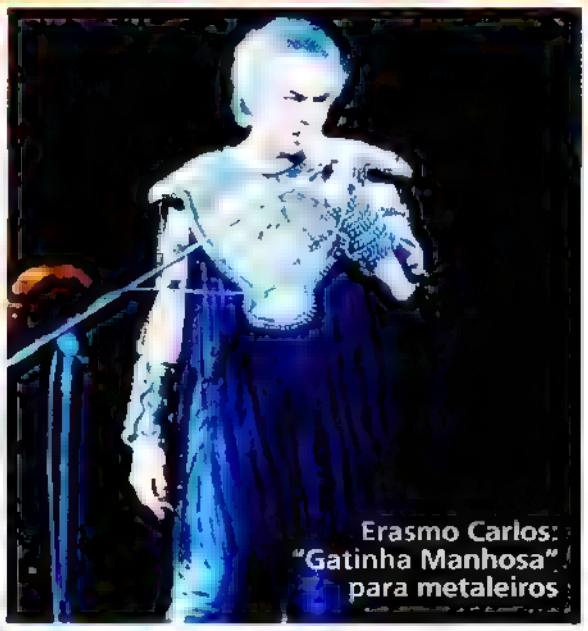
Jorge Rosemberg

Scorpions: "Levanta esse baixinho aí para ele aparecer na foto"

Baby, grávida, mandava "rá" para Deus e o mundo

Jorge Rosemberg

Uma vítima da moda new wave: hoje ela teria piercings



João Maia

Erasmo Carlos: "Gatinha Manhosa" para metaleiros

Dave Murray e Eddie, monstros do rock; Paulinha Toller e seu brinco de aranha

apresentação única do Iron Maiden arrastou centenas de (ok, ok...) metaleiros para a Cidade do Rock. Barulhentamente, eles tomaram por completo a frente do palco e fizeram uma zona federal, impondo a si próprios e a seus ídolos como razões de ser da noite. O Iron colaborou: matou a pau, em um show que eles próprios consideram um dos melhores de sua carreira, ofuscando o Queen e o ôba-ôba de início de festa. Com o reforço do Whitesnake, primeira atração internacional da noite, os metaleiros ("público selvagem como aquele só fomos encontrar no Leste Europeu", lembraria, anos mais tarde, Bruce Dickinson) foram os donos do pedaço.

Pegando a questão por outro ângulo, a organização foi forçada a perceber a burrada que tinha feito ao programar artistas de MPB, rock brasileiro, enfim, qualquer coisa que não fosse heavy metal, para abrir os shows dos ídolos dos metaleiros. Estes não estavam dispostos a ouvir nada que não tivesse bateria esporrenta e solos de cabelo. Ney Matogrosso, abrindo a noite, sofreu, mas não perdeu a pose. "Eles jogavam coisas em mim, eu jogava neles de volta! Vão se f****!", esbraveja Ney, mal-humorado só de lembrar. O grande mártir do primeiro dia, porém, acabaria sendo Erasmo Carlos, que, por azar, ainda somou a baladas como "Gatinha Manhosa" um figurino de inspiração metaleira que só irritou mais as hordas. "Para mim, era uma roupa bonita", lembra Erasmo. "Nunca imaginei que fossem reagir dessa forma. Eles acreditavam que o Ozzy comia rato, estavam motivados por aquilo."

METALEIROS X KID ABELHA

"A gente errou", assume Medina. "Erasmo não podia ter tocado antes dos grupos do heavy metal." Àquela altura, porém, não restava muito a se fazer a não ser agüentar a pemba. Na noite de estréia de Scorpions e AC/DC, justamente a mítica noite de 15 de janeiro, a "festa da democracia" (mais uma dos jornais da época....) foi manchada pela chuva de copos de papel e pedregulhos com que os metaleiros recepcionaram os brasileiros, em particular o Kid Abelha e Eduardo Dusek. "Fixação", tecladinhos, a voz docemente esganiçada de Paula Toller, figurinos coloridos... a banda encarnava tudo o que os metaleiros odiavam. E eles fizeram questão de demonstrar isso. "Tirou o nosso humor e a nossa concentração", lembra a cantora. "Pior foi a pressão, na saída do palco, para fingir para a TV que tudo tinha sido ótimo."

Eduardo Dusek, de figurino clown-brega (terninho estampado de bandeiras de vários países), também virou alvo. "Não culpo metaleiro nenhum por aquilo que aconteceu", diz o cantor, ponderado. "O brasileiro estava carente de cultura internacional. Não havia fontes como a MTV, nunca vinham shows pra cá. De quem sempre se lambuzou com melado, não se pode exigir que coma mousse de colher e guardanapo. De qualquer forma, foi o pior público do festival e eu tive de enfrentá-lo." Enfrentá-lo é a palavra certa: ao contrário dos assustados Abóboras Selvagens, Dusek favelou. "As pessoas que estão jogando coisas no palco têm mais é que ser linchadas", gritava, divertindo ainda mais os camisas-pretas. "Não está a fim de escutar música? Fica em casa e se suicida!"

Até então, para os artistas brasileiros, não ser hostilizado já estava bom. Na primeira noite, Pepeu Gomes passara incólume por ter percebido antecipadamente o vespeiro em que o tinham largado. "Mudei todo o repertório na entrada do show. Tava mais pop, levei para um lado instrumental. Foi o que me salvou da guilhotina", brinca. Os solos de guitarra de Pepeu acalmaram o público para a entrada de sua mulher Baby Consuelo (hoje Baby do Bra-

Em festival é obrigatório: alguém precisa pagar um peitinho

Fotos: Pedro Martins

DREAM TEAM DO SAMBA

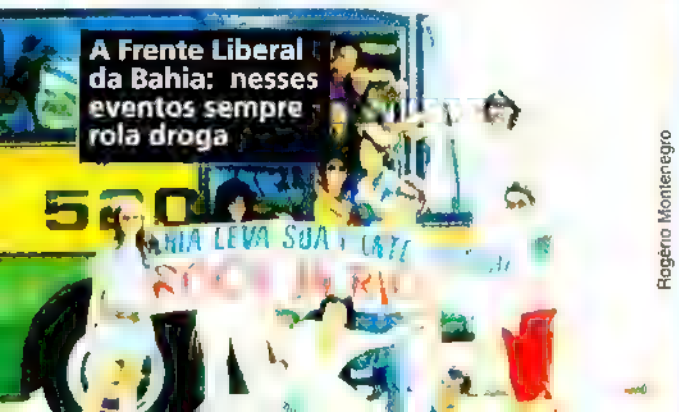
Durante o Rock In Rio, o Circo Voador, reduto roqueiro da cidade, organizou uma programação para sambista nenhum botar defeito. Numa sexta, cantou Elza Soares com gafieira regida pelo maestro Cipó. Sábado, Clementina de Jesus se apresentou junto com a Orquestra Tabajara. Domingo, ela foi substituída por ninguém menos que Nelson Cavaquinho. Se soubesse que o rock iria virar carne-de-vaca no Brasil, muita gente gostaria de voltar no tempo e dispensar a gringalhada.

MALT NOJENTA

O patrocinador número um do festival era a cerveja Malt 90, uma das marcas mais repulsivas de loira líquida que já passou pelo mercado – ficou na memória dos consumidores pela capacidade de provocar cefaléia. Os astros gringos, claro, só tomavam Heineken.

sil, já separada do guitarrista), que, grávida, pelo menos não foi agredida. O Barão Vermelho, no dia 15, também segurou firme, por conta de um som mais cru que o de Kid e Dusek, e do jeito desbocado de Cazuza. Afinal, não eram os metaleiros adolescentes zoneiros?

Foi só na quarta-feira, dia 16, que um grupo brasileiro conseguiria dar um tapa no pé da orelha dos garotos. De todas as escalações estapafúrdias que o festival arranjara, nenhuma batia aquela: Paralamas, Moraes Moreira, Rita Lee, em apresentação única para desmentir boatos de leucemia ("nunca quis participar, fui praticamente obrigada a fazê-lo porque corriam tantos boatos de doenças que a única solução foi ter dado as caras mesmo!", revela), Ozzy Osbourne e Rod Stewart. Claro que os metaleiros compareceram para prestigiar Ozzy; porém, em minoria, tiveram que pôr a viola no saco. Herbert Vianna aproveitou o espaço: "Se não gostam de quem está tocando, fiquem em casa aprendendo a tocar guitarra, quem sabe



Rogério Montenegro

Nos barracos da Cidade do Rock

Lembra do sino de uma tonelada e meia que pairava do alto do palco durante o show do AC/DC e descia na música "Hell's Bells" para que o vocalista Brian Johnson desse suas badaladas? Te enganaram: não tinha uma tonelada e meia coisíssima nenhuma. Aliás, enganaram Roberto Medina também. "Liberar o sino na Alfândega me deu tanta dor de cabeça... Quando o Mário Monteiro (cenógrafo do Rock in Rio) descobriu que a estrutura não agüentava o peso, achou melhor nem me avisar. Vim a saber dez anos depois que usaram um sino de gesso no show! O verdadeiro ficou lá atrás, escondido." Pois é, longe do olhar da platéia nem tudo era como parecia na TV. Por exemplo, o slogan 90 Horas de Música e Paz, estampado em ingressos e anúncios, não valia: vários combates foram travados na terra-de-ninguém entre um e outro camarim. Rod Stewart era um que soltava os cachorros (aliás, os seguranças) em cima de qualquer pobre alma que ousasse passar pelo corredor quando ele estivesse indo na direção do palco. Dé, baixista do Barão, que, no eclético dia 16, deu o azar de estar ali naquele exato instante, foi arremessado por um dos meganhas para dentro da primeira porta que apareceu. "Olho para trás, ainda meio zonzo, dou de cara com o Ozzy Osbourne de cueca", diverte-se o músico.

Freddie Mercury deu fricote ao chegar à Cidade do Rock e encontrar o corredor cheio de plebeus (Erasmo, Elba e outros astros da MPB, que esperavam para vê-lo). Entra em cena para segurar o pepino o bravo Amin Khader, responsável pelos camarins que, àquela altura, já havia tratado de acender o saquê a 20 graus, para fazer a vontade de Sua Majestade. Travou-se então o seguinte diálogo...

Freddie: Quem são essas pessoas?

Amin: Grandes artistas brasileiros, gente do mesmo gabarito que você.

Freddie: Não podem ser do mesmo gabarito que eu. Porque eles me conhecem, e eu não os conheço!

Sua Majestade, então, do alto de seu posto de líder do grupo que estava cobrando o cachê mais alto do evento (US$ 600 mil), exigiu que todos saíssem do caminho ou voltava para o hotel. A duras penas, Amin conseguiu que cada um entrasse em seu camarim. Porém, as portas permaneceram abertas.

À passagem de Freddie, ouvia-se o inevitável coro de "Viado! Viado!"

Freddie: O que eles estão gritando?!

Amin: Estão te elogiando...

Freddie: É mentira!

Pas-sa-do, Freddie entrou em seu camarim. Minutos depois, saiu e procurou Amin. "No Brasil tem furacão?", perguntou. Ao ouvir a negativa, Sua Majestade retrucou: "Pois acabou de passar um por aqui!"

"Quando eu entrei", conta Amin, "estava tudo virado! A bicha tinha botado o camarim de pernas pro ar. Tinha mamão papaya até no teto!"

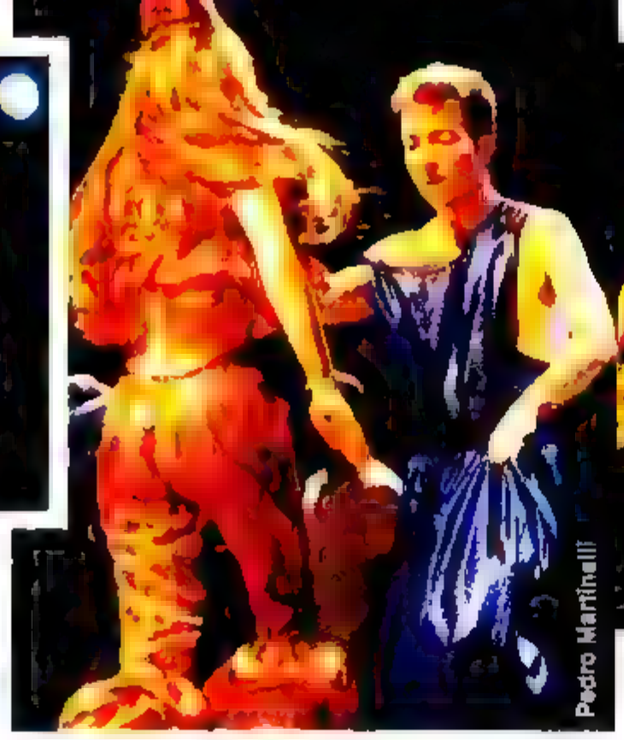
Coisas de estrelas, a quem a organização do Rock in Rio concedia privilégios. "Dos três palcos giratórios, a equipe só se revezava entre dois", conta Amin. "O terceiro, desde a parte da tarde, ficava à disposição do artista que fosse encerrar o show." Na maioria das vezes, porém, as exigências eram sanadas com diplomacia e jeitinhos. Como quando Rod Stewart decidiu, meia hora antes de entrar, que queria 70 toalhas brancas no camarim. "Só teve um jeito", lembra Medina. "Saímos pelos motéis da Barra catando todas as toalhas que encontrávamos."

Entre fricotes, uma cena de ridículo explícito, flagrada pela jornalista Léa Penteado, no corredor dos camarins: Angus Young do AC/DC de bobes no cabelo...

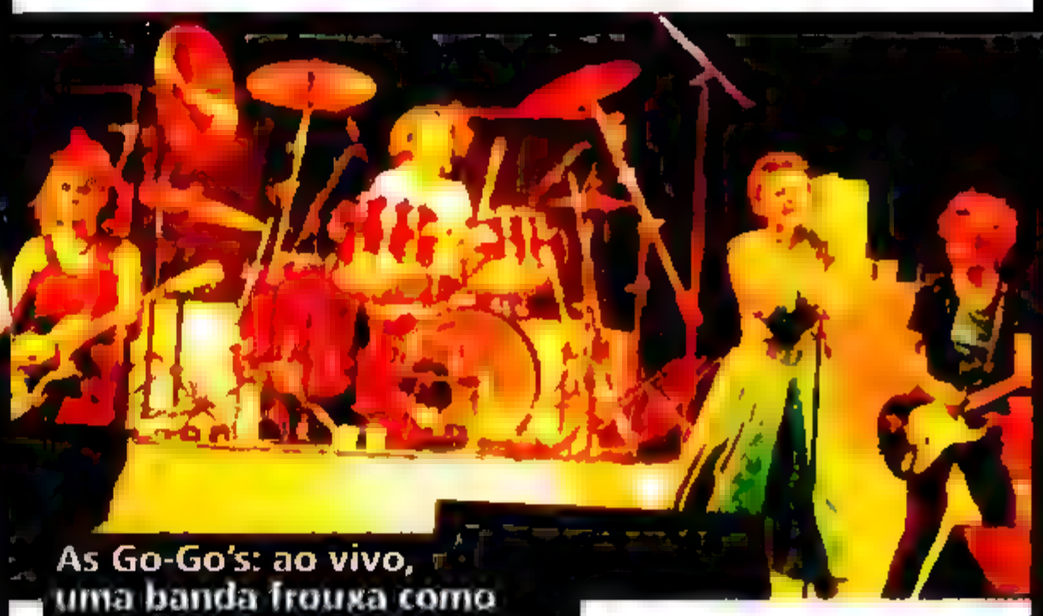
Freddie Mercury, rainha dos pitis: "No Brasil tem furacão?"

Joel Maia

Cazuza e Frejat, superparceiros; Fred Schneider, do B-52's, comandando uma festa da toga



Pedro Martinelli



As Go-Go's: ao vivo, uma banda frouxa como as pelancas e o vestido horrível da vocalista Belinda

Pepeu seguranças "pro para ent os técnicos g

no próximo vocês não estão aqui em cima?". Surtiu efeito. Em compensação, dia 19, os metaleiros conseguiram a glória suprema de mudar a grade do festival: sentindo a barra pesar, a organização, cautelosa, decidiu transferir o show de Erasmo para o dia seguinte.

ABAIXO QUE ISSO AÍ É MPB!

Com todo o fuzuê que causaram, os malcriados metaleiros foram um problema para artistas específicos, em dias determinados. O elenco nacional do Rock In Rio teve um adversário muito mais poderoso a enfrentar, esse sim, de 11 a 20 de janeiro, sem pausas: os técnicos americanos da Clair Bros., que comandavam a mesa de som. "Os caras (a organização) não confiavam nos técnicos daqui, ficava tudo na mão dos americanos", observa Herbert Vianna, um dos raros a não fazer muitas queixas. "A gente ganhou a simpatia dos caras da Clair Bros.", complementa João Barone. "Era um trio, simples, rápido de equalizar. De resto, rolou um hábito meio corriqueiro, de regular o som para as bandas de abertura."

Pois é, hoje se sabe disso. Na época, porém, muitos brasileiros se sentiram ofendidos com a potência inferior de som a que tinham direito. "Saí do palco, fui direto ao camarote do Medina e avisei: temos um problema sério", se exalta Ney Matogrosso. "O som que eu ouvia era insuficiente para aquele espaço." Leoni, então baixista do Kid Abelha, ressalta que o problema era o descaramento com que os privilégios eram concedidos. "Nós tínhamos meia hora de passagem de som, e nisso incluía-se a montagem dos equipamentos. Eu assisti à passagem do AC/DC. Eram horas só para passar o som da guitarra." Liminha, que acompanhou os iniciantes Kid e Paralamas, esteve na mesa de som e repassou o que viu para seus clientes. "Nitidamente, havia muita coisa desligada. Tinha um pedaço da mesa em que só era mexida na hora em que os es-

Lulu Santos vociferou: "Menudos, não. Diretas já!"

Roger o Ro s

E assim se passaram 15 anos...

Ozzy Osbourne – Arrastou-se nas drogas até o fim da década de 80. A recuperação começou com *No Rest For The Wicked*, de 1989, e se consolidou com *No More Tears*, de 1991. Hoje, Ozzy vai bem, obrigado. Fez o último show (último até quando?) do Black Sabbath em dezembro, na Inglaterra.

Iron Maiden – Steve Harris, baixista e dono da banda, substituiu o virtuoso guitarrista Adrian Smith pelo festeiro Janick Gers. Trocou o carismático vocalista Bruce Dickinson pelo caminhoneiro Blaze Bayley. Nesse meio tempo, viu as vendas descerem morro abaixo. Acabou chamando os renegados de volta. Este ano, tem megaturnê mundial da clássica formação de 1985, com reforço do presepeiro Gers.

Jorge Rosenberg

Whitesnake – O disco banquinho-e-violão *Starkers In Tokyo*, de 1998, foi o último lançamento da banda. David Coverdale, proprietário da marca (atualmente envolvido em boatos que o apontam como novo integrante do Van Halen), já dispensou há tempos seus escudeiros de 1985, o guitarrista John Sykes, o baixista Neil Murray e o baterista Cozy Powell, que morreu em abril de 1998 em acidente de automóvel. Neil e Cozy estiveram no Brasil em 1993, com Brian May.

Queen – Freddie Mercury morreu em 1991, em decorrência da Aids, dando fim à banda. Hoje cogita-se, porém, uma volta. Em 1998, foi lançada uma caixa contendo os oito primeiros discos, *Crown Jewels*. O guitarrista Brian May já veio ao Brasil depois disso, em missão solo – e tocou no disco *Severino*, dos Paralamas.

Al Jarreau – Produzido pelo ex-Chic Nile Rodgers, seu álbum de 1986, *L Is For Lover*, virou sucesso nos EUA graças ao tema da série

trangeiros iam entrar", ecoa Leoni.

A triste verdade é que não havia como evitar isso. "Os brasileiros não sabiam mexer naquela aparelhagem. Tive que deixar tudo na mão dos americanos, que sacaneavam mesmo", admite Medina. Já em relação a outro foco de queixas, as sumárias ordens que vários artistas nacionais receberam para sair do palco, o empresário se defende: "Tive que tirar mesmo do palco vários dos brasileiros. Eles não estavam habituados a respeitar cronogramas, achavam e diziam que 'com esse negócio de rock não rola horário'".

Em alguns casos, as cenas foram constrangedoras. O primeiro show de Lulu Santos foi interrompido, passados 20 minutos do horário, pelo palco giratório se movendo e levando o cantor para o *backstage*. Em outros casos, o tempo fechou. Pepeu Gomes, retirado de cena abruptamente no primeiro show, se armou para o segundo. "Nós só tínhamos uma hora e meia para dois artistas (casados, Pepeu e Baby faziam shows em seqüência, com ele entrando antes e permanecendo no palco como guitarrista no show dela). Era muito pouco! Passamos dez minutos do tempo, puxaram o palco. No segundo show, levamos segurança nossa. Quando ameaçaram puxar o palco, nossa turma entrou e segurou." Pepeu não confirma, mas jornais da época falam em uma senhora pancadaria no *backstage*. E o baterista de outra banda nacional garante que foi mais pesado: "Os seguranças do Pepeu estavam armados. Um deles disse para os gringos: 'Mexeu no palco, vai morrer'".

Para artistas nacionais e estrangeiros, o Rock In Rio foi uma tremenda vitrine. Para o público, a chance de tirar a limpo a reputação dos ídolos e usar as conclusões como parâmetros para a próxima ida ▶

BAQUETA ESPADA

Em qualquer coletiva pré-Rock In Rio de artistas brasileiros, vinha de algum lado a pergunta: "Qual dos artistas estrangeiros vocês querem conhecer?". Entusiasmado, João Barone respondia: "Gina Schock a baterista das Go-Go's!" Por quê? "Porque é muito gata e toca bem". Pois não é que idéia fixa em tambor de gringa tanto bate até que cola? Barone conheceu Gina Schock e não parou no oi-tudo-bem! "É, a gente ficou", admite o baterista dos Paralamas, meio sem jeito.

"Nós tínhamos muito assunto, ela conhecia o Stewart Copeland (*baterista do Police e influência primordial de Barone*)". Pois é, e o assunto dura até hoje. "Ainda temos contato", conta Barone. "Ela está compondo, tem uma banda chamada The Dolphins e mora em Los Angeles. Quando vou lá, sempre nos vemos".

O Gato E O Rato. Depois, o Jarrão viu sua popularidade cair disco a disco e preferiu sair do eixo pop. Ficou sumidão e, após cinco anos, lançou, em novembro passado, o CD *Tomorrow Today*, que traz um dueto com Vanessa Williams.

James Taylor – Ressuscitado pelo festival (seu show até virou o álbum *Live In Rio*), de lá para cá ele praticamente submergiu de novo... E se reergueu. Ficou sete anos sem lançar material inédito até 1997, quando saiu o bem-sucedido *Hour Glass*. No fim do ano passado, para marcar o relançamento de seus velhos discos, James fez uma turnê com orquestra sinfônica. Em março, ele será homenageado e entrará para o Rock And Roll Hall Of Fame – honraria que Ozzy recusou.

George Benson – Culpa do Rock In Rio: em 1987, gravou com Ivan Lins (e Gilson Peranzzetta) o disco *Juntos*. Continua a misturar os papéis de animador de platéias e virtuose da guitarra de jazz, mas seus discos fazem cada vez menos sucesso.

Nina Hagen – Depois que foi chutada da gravadora CBS (atual Sony), no fim de 1985, sua carreira só fez despencar. Gravou e namorou com Supla, casou com um bofinho de 18 anos, lançou um EP no Canadá em 1988, um álbum na Alemanha, em 1989 e... passou os anos 90 abduzida (um sinal de vida foi *BeeHappy*, CD de 1996). Agora está lançando um single em alemão.

Go-Go's – A banda acabou logo após o festival. As carreiras solo da cantora Belinda Carlisle e da guitarrista Jane Wiedlin não emplacaram. Já nos anos 90, tentaram voltar duas vezes na carona do lançamento de compilações. A baterista Gina Shock, que arriscou vocais na banda Shock Value, está processando a guitarrista Charlotte Caffey (que andou compondo para o Hole) por divergências sobre *royalties*.

Rod Stewart – Perdeu a aura de superstar; afinal, até no réveillon de Copacabana já tocou (em 1994). Mas segue lançando discos interessantes: o último relia talentos contemporâneos como Oasis, Superstar e Ron Sexsmith.

Yes – Saíram o tecladista Tony Kaye e o guitarrista Trevor Rabin, hoje compositor de trilhas para filmes de ação. No ano passado, o disco *The Ladder* e os shows no Brasil agradaram aos fãs.

B-52's – A Aids levou o guitarrista Ricky Wilson no fim de 1985. A banda só superou o trauma com o CD *Cosmic Thing*, de 1989 (seu maior sucesso). Depois, a banda virou um item nostálgico. Tocou em São Paulo ano passado.

BARANGA ABDUZIDA

Os inimigos do rock foram buscar profecias de Nostradamus para amaldiçoar o festival. Dizia-se que, segundo o velho adivinhão, 25 mil pessoas morreriam numa grande tragédia no hemisfério Sul. Sobre o assunto, a Nina Hagen, tida pela tribo mais antenada como uma grande artista "de vanguarda", sapecou, numa entrevista coletiva: "Qualquer grande desastre será positivo. 35 milhões de naves alienígenas estarão a postos para salvar a gente. Só os muito ruins não serão resgatados.

YES MCS

Na grande imprensa, os textos sobre rock repetidadamente viajavam na desinformação. Sobre o grupo progressivo Yes, então navegando na onda do hit "Owner Of A Lonely Heart", foi publicado: "virou tecnopop com pretensões vanguardistas, até meio chegado para o lado break"!

à loja de discos ou telefonema às rádios. Somados os dois fatores, tem-se um considerável efeito na indústria do disco. O heavy metal, claro, saiu fortalecido do festival: do farofeiro Quiet Riot ao demoníaco Venom, as bandas do estilo passaram a desembarcar aqui com muito mais freqüência. Quanto aos LPs, que já saíam por aqui com regularidade, a oferta se tornaria até maior que a procura.

Em 1984, a garotada classe média do Brasil vivia um efeito retardado da febre new wave (rótulo casa-da-mãe-joana que abrigava desde o rock robótico do Devo até o rockabilly dos Stray Cats), cujo auge no Primeiro Mundo fôra cinco anos antes. Ao mesmo tempo, começava não apenas a lotar shows, mas a adquirir o hábito regular de comprar discos das bandas nacionais. Pois bem: no Rock In Rio, a consagração dos Paralamas, somada aos eficientes shows do Barão, (no dia 18, sem metaleiros ou quebra-paus com técnicos) Kid Abelha e Lulu Santos, e à decepção com os B-52's (mais vibrantes em estúdio) e as Go-Go's (sem carisma nem *punch*, passaram em branco), virou a maré em definitivo para a praia da new wave nacional. Em meados de 1985, o rock pula-pula dos B-52's já não tocava nas rádios como no ano anterior. Em compensação, Ultraje A Rigor, RPM, Legião Urbana, ausentes do Rock In Rio, decolavam.

Para os veteranos da MPB, cujo público no país já estava mais que conquistado (e, a bem da verdade, vinha minguando naquele período de ascensão do BRock), ganhar o mundo foi a recompensa. "Aquele show instrumental do primeiro dia foi a melhor coisa que eu poderia ter feito. Mostrou um lado meu para o exterior que as pessoas não conheciam", observa Pepeu Gomes. "Minha carreira lá fora ganhou o maior gás do festival em diante", corrobora Elba Ramalho. Para Gilberto Gil e Ivan

E assim se passaram 15 anos...

Scorpions – Em 1991, conheceu seu maior hit mundial, "Winds Of Change", baladinha com infame assobio, digna sucessora do "Still Loving You", baladinha que o baixista Francis Buccholzon tocou com as cordas soltas no Rio. Ele e o baterista da formação de 1985 (Francis Buccholz e Herman Rarebell) já não fazem mais parte da banda, que segue lançando discos cada vez mais ridículos.

AC/DC – Nada muda no playground de Angus Young. Cabelos rarelam e se esbranquiçam, claro, mas a banda segue igual: um novo disco está pipocando e não consta que terá participações de DJs nem ritmos latinos.

Ney Matogrosso – Viveu uma fase mais intimista, gravando discos com Raphael Rabello, Arthur Moreira Lima e Aquarela Carioca. Hoje, aos 58 anos, voltou a se saracotear, em plena forma, pelos palcos do Brasil. Seu último disco, *Olhos de Farol*, investiu em composições de gente da nova geração, como Pedro Luís.

Erasmo Carlos – O Tremendão gravou com Renato Russo a canção "A Carta", incluída em seu disco Homem De Rua, de 1991 (relançado há pouco). Voltou aos palcos em 1996 e ultimamente tem tentado ajudar o parceiro Roberto a superar a crise de criatividade.

Pepeu Gomes & Baby Consuelo – Depois da separação, Pepeu casou com Simone Moreno e até já se separou de novo. Ele e Baby participaram da volta dos Novos Baianos (altamente digna) e o guitarrista lançou recentemente *20 Anos – Discografia Instrumental*, que revisa sua carreira, e um disco acústico com o lado mais pop de seu trabalho. Ah, sim, Baby agora é Do Brasil – o Consuelo perdeu-se pelo cosmos. E as três crias Sarah Sheeva, Nãna Shara e Zabelê formaram um grupo pop SNZ, uma espécie de Frenéticas fashion.

Ivan Lins – Fundou a Velas, gravadora que faz um importante trabalho na música brasileira, e releu Noel Rosa com categoria. Mas – alerta vermelho – lançou há pouco um álbum de canções natalinas e teve "Começar De Novo" gravada por Barbra Streisand.

Elba Ramalho – Segue com fôlego invejável, comandando forrobodós aeróbicos por todo o Brasil.

Gilberto Gil – Está por aí, ganhando Grammys e comandando a série de documentários *Música do Brasil*. A postura pop da época, porém, se foi.

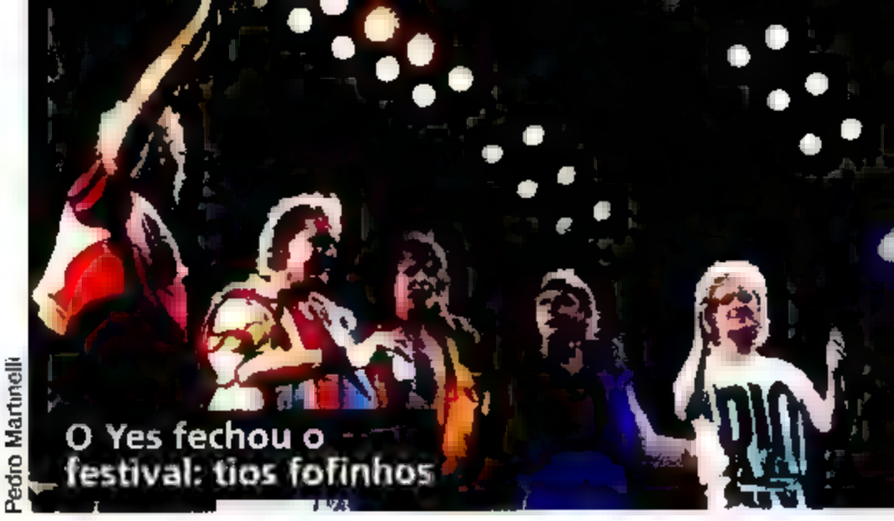
Paralamas do Sucesso – Os três mosqueteiros que encantaram a platéia do

Fotos Divulgação

Lins, que tinham nomes em formação no exterior, os contatos só ajudaram.

A grandiosidade do evento (e a goleada tecnológica que os brasileiros tomaram dos gringos) acordou o Brasil para a necessidade urgente de uma sacudida no padrão de produção de shows. Contudo, justamente por estar, com todas as falhas, mil anos-luz à frente do que se verificava pelo país, o Rock In Rio não foi igualado tão cedo. Os Paralamas saíram dali para tocar em Itabuna (BA), num palco tremelicante. "A gente disputou o Mundial de Clubes em Tóquio e depois foi jogar no campo do Madureira", lembra Erasmo, que saiu da Cidade do Rock para uma turnê pelo Sul do país. "Até conseguir convencer os contratantes da necessidade de uma mudança, demorou."

Para um evento tão marcado por analogias políticas de ponta a ponta, o melancólico desfecho do Rock In Rio foi coerente. Dias após o último "bye-bye" afetado de Jon Anderson, vocalista do Yes, que encerrou a maratona no dia 20 de janeiro, a Cidade do Rock foi demolida. De olho nas ambições políticas de Roberto Medina (irmão do deputado federal Rubem Medina, do PDS, que havia votado contra as Diretas em 1984), o então governador do Rio, Leonel Brizola deu ordens para pôr abaixo a Cidade do Rock, baseado em supostas irregularidades na documentação do terreno. Jogada de mestre, há de se admitir: o deslumbre causado pelo furacão Rock In Rio seria capaz de eleger qualquer um para qualquer cargo...



Pedro Martinelli

O Yes fechou o festival: tios fofinhos

Paulo Araujo

Rubem e Roberto Medina: a favor do rock e contra as Diretas

Evandro Mesquita, da Blitz: na época, o maior astro do rock nacional

Fotos: Jorge Rosemberg

Leonel Brizola barrou os planos dos Medina, que queriam faturar politicamente em cima do rock

Daniel Augusto

Rock In Rio hoje são uma superbanda com teclados, percussão e metais.

Blitz – Fernanda Abreu (quem diria?), desenvolveu uma carreira solo respeitadíssima. Evandro Mesquita tenta ressuscitar a Blitz de tempos em tempos – agora, com um disco à venda em bancas de jornais – e aparece na TV em um comercial da Bosch, cantando uma paródia de "Só Love", sucesso da dupla Claudinho & Buchecha.

Alceu Valença – Seu show foi um dos mais elogiados no Rock In Rio 2, de 1991. No ano seguinte, lançou o ótimo *Sete Desejos* e desde então segue bem. Acaba de lançar o ao vivo *Por Todos Os Cantos*.

Moraes Moreira – Vai bem, obrigado. Fez sucesso gravando com Pepeu, comandou uma volta dos Novos Baianos e lançou há pouco *500 Sambas*.

Rita Lee – De lá para cá, teve sucesso apenas com dois projetos de releituras – *Bossa'N'Roll* e *Acústico MTV*. Mas o valor de seu trabalho n'Os Mutantes hoje é reconhecido em todo o mundo.

Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens

Ao longo da estrada, limaram a segunda metade do nome e o baixista Leoni, que administra um estúdio no Rio e vive de direitos autorais dos hits da primeira fase da banda. Foram embora o look menina inocente de Paula Toller, hoje uma loura fatal, e o saxofone de George Israel, cada vez menos presente nos arranjos.

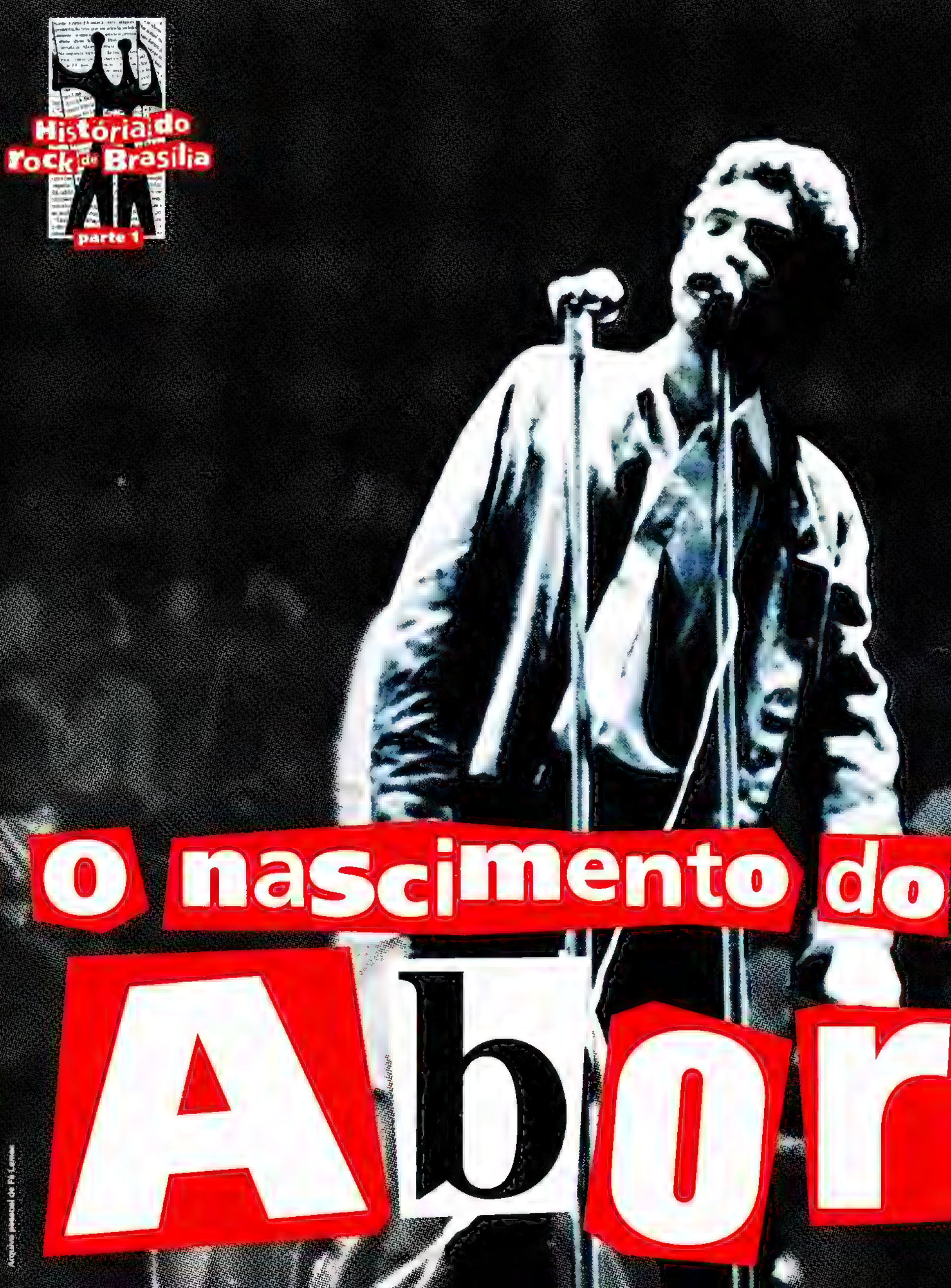
Lulu Santos – Foi em frente como uma espécie de timoneiro do pop nacional, anunciando a guinada para as batidas eletrônicas nos anos 90 e dividindo um disco histórico com o DJ Memê. Seu próximo trabalho é aguardado com expectativa.

Eduardo Dusek – "Tô agitadaço fazendo três shows diferentes, gravando um CD e escrevendo um songbook", informa o cantor e ator, que há pouco apareceu no *Jô Soares Onze e Meia* promovendo um dos shows, um espetáculo de humor. Não emplaca um hit há tempos, o que é uma lástima.

Barão Vermelho – A Aids levou Cazuza em 1990, depois de longa e pública agonia. Dé saiu da banda quase na mesma época, após uma série de quebra-paus. Andou tocando com o Kid Abelha e hoje é escudeiro de Lobão. Roberto Frejat, Guto Goffi e Maurício Barros (que saiu e voltou como músico contratado), tocam bravamente o barco, juntamente com Rodrigo, Peninha e Fernando Magalhães. Acabaram de lançar o disco *Balada MTV*.

História do Rock de Brasília

parte 1

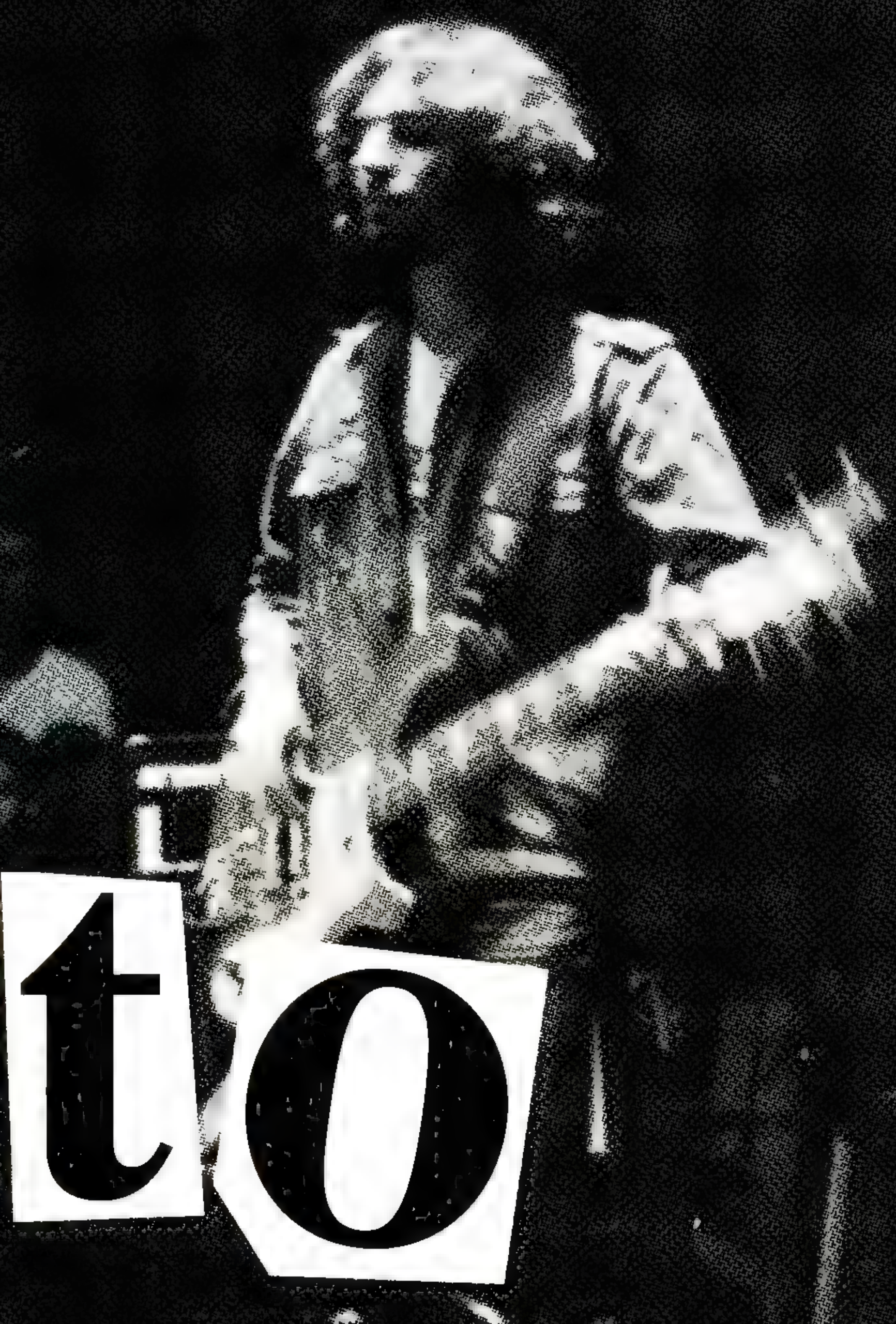


O nascimento do Aborto

Arquivo pessoal de Fê Lemos

A primeira parte da história de uma turma de brasilienses que, no final dos anos 70, trocou a discoteca pelas guitarras e conquistou o Brasil

por Carlos Marcelo



Renato Russo e Flávio Lemos em show do Aborto Elétrico na Sala Funarte, em Brasília

Brasília, madrugada fria, final dos anos 70. Dentro de um dos quatro quartos do apartamento 202 do bloco B da Super Quadra Sul 303, dois amigos pegam um violão, um pandeiro e ligam um gravador portátil. Eles começam a tocar, conversar e sonhar. Como em programa da rádio BBC de Londres, o mais novo pergunta ao mais velho:

– *So, Renato, what will you wanna be when you grow up?* (E então, Renato, o que você quer ser quando você crescer?)
– *One day, I gonna be a very famous star! I wanna be a star!!!* (Um dia, eu serei uma estrela muito famosa! Eu quero ser uma estrela!!!)

O dono da resposta e do quarto se chama Renato Manfredini Júnior. Nasceu no Rio de Janeiro em 1960 e mora em Brasília desde março de 1973, quando sua família trocou a Ilha do Governador pelo clima seco do cerrado. O "entrevistador", Andre Fredrik Pretorius, nasceu na África do Sul um ano depois de Renato. Fisicamente, não podiam ser mais diferentes: o primeiro é loiro, porte atlético, tem quase 2 metros de altura. O segundo, de cabelos pretos e encaracolados, mede 1,76 metro, é magro e desengonçado.

SÓ SUCO E MATE GELADO

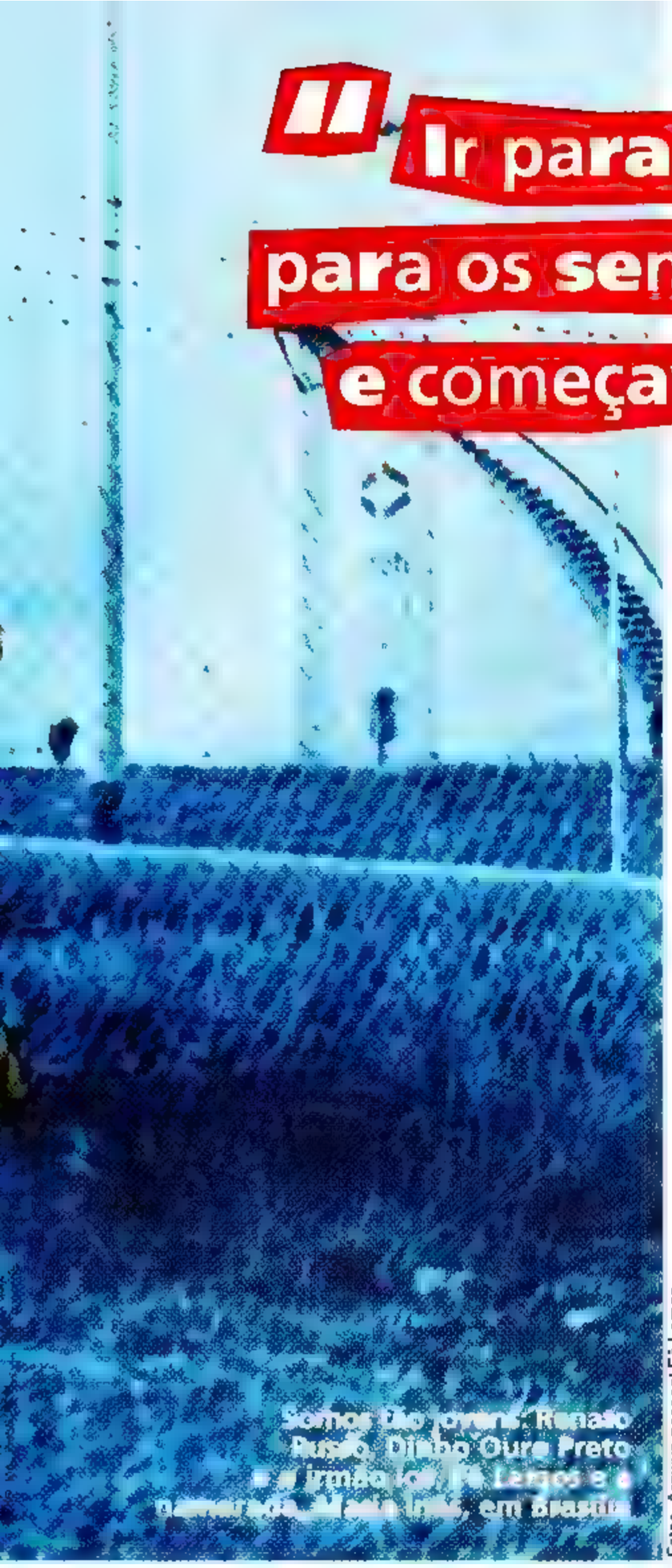
Mas Andre e Renato são amigos não só porque falam inglês com fluência. Eles compartilham um segredo de quatro letras chamado punk, que tinha acabado de dinamitar o conservadorismo do rock mundial com a anarquia do Sex Pistols e uma trupe de bandas iradas e debochadas. Naquele quarto de janelas fechadas (para não incomodar os vizinhos) estava sendo escrita a primeira página do Aborto Elétrico. É o capítulo inicial da história de um movimento chamado rock de Brasília, que nasceu na capital do Brasil e foi liderado pela Legião Urbana, único grupo nacional a ultrapassar a barreira dos 10 milhões de discos vendidos.

Na primeira parte desta reportagem, você não vai ler uma linha sequer a respeito de um cantor chamado Renato Russo. Até porque, no início dos anos 80, ele não existia – o nome artístico, homenagem assumida aos filósofos Jean-Jacques Rousseau e Bertrand Russell, só pegou quando a Legião se mudou para o Rio para gravar o primeiro disco. Quem ajudou a reunir uma turma com interesses em comum e fez surgir a geração do rock de Brasília que estourou nacionalmente na década de 80 foi o Júnior, filho do seu Renato e de dona Carminha, chamado pelos amigos de Renatinho ou Manfredo. Foi o Júnior que, tempos depois, batizaria toda uma leva de jovens urbanos como a "Geração Coca-Cola", mas, curiosamente, detestava refrigerante. Em casa, só tomava suco e mate gelado.

Com uma das paredes tomadas por fotografias de ídolos do rock e uma vasta cole-

"Ir para a casa do Renato era um festival para os sentidos. Ele botava músicas e começava a contar histórias, como era a turma do Sex Pistols..."

Dinho Ouro Preto



Fotos Arquivo pessoal Fê Lemos

ção de clássicos da literatura mundial, o quarto do apartamento 202 do bloco B da SQS 303 era ponto de peregrinação dos jovens brasilienses que tentavam escapar da febre *Dancin' Days* das discotecas e da falta do que fazer numa cidade de apenas 18 anos de idade, com dois shoppings centers e cerca de 700 mil habitantes. "Ir para a casa do Renato era um festival para os sentidos. Ele botava músicas e começava a contar histórias, coisas que o Sid Vicious tinha feito e dito, como era a turma do Sex Pistols...", lembra Dinho Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial. "Era cada figura estranha que entrava na minha casa!", espanta-se até hoje dona Carminha.

BEATLES NOS CORREDORES

O acervo do quarto de Renato era renovado periodicamente com biografias de estrelas do cinema e jornais ingleses, como *Melody Maker* e *New Musical Express*, comprados com o dinheiro da mesada (um salário mínimo) que Renato recebia do pai e também com o salário de professor da Cultura Inglesa, onde deu aulas por dois anos antes de ser demitido por levar os alunos a cantar Beatles pelos corredores da escola. O domínio do idioma começou no período (1967-1969) que a família Manfredini morou no subúrbio nova-iorquino de Queens e assistia a musicais na Broadway e no Radio City Music Hall. Mas o inglês de Renato foi consolidado mesmo ao chegar a Brasília. À tarde, ao som de Bach e Beethoven, ele lia a *Enciclopédia Britânica* no original e também devorava clássicos de escritores como Hemingway, Shakespeare e Byron – o poeta favorito do futuro poeta.

No começo, o quarto de Renato era visitado apenas por Eric Russell e outros roqueiros fictícios. Os personagens foram criados pelo cantor quando tinha 15 anos para aliviar o sofrimento causado por uma doença chamada epifisiólise, deslocamento do osso que faz a parte mais próxima da articulação do fêmur se descolar da bacia. Ele foi operado, mas a cirurgia para implantação de três pinos de metal para sustentação do osso teve resultado desastroso: um pino ficou torto; outro, fora do lugar. O terceiro atingiu o nervo ciático, provocando dores terríveis.

Renato ficou exatamente um ano e meio doente: seis meses na cama, sem movimento nas pernas; depois, mais seis meses na cadeira de rodas e outros seis andando apenas de muletas. "No final, o Júnior ficou puxando a perna um pouco de lado. As pessoas achavam que ele era meio desengonçado, mas na verdade tinha sido vítima de erro médico", conta dona Carminha. Superado o trauma físico, era hora de Renato deixar os amigos imaginários dentro de casa e procurar em Brasília uma turma de verdade, uma turma de carne e osso – e alfinetes. ▶

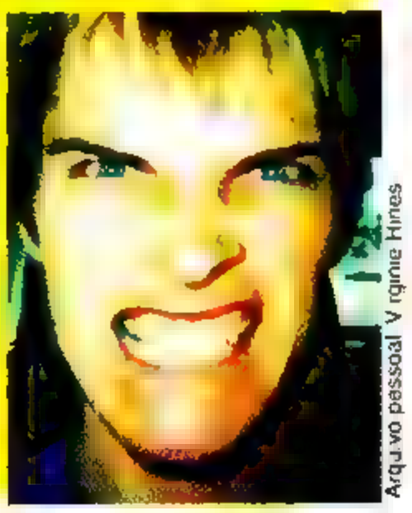
Andre Pretorius

De todas as errantes trajetórias da turma do rock de Brasília, nenhuma foi tão conturbada quanto a de Andre Pretorius, um dos fundadores do Aborto Elétrico e primeiro parceiro musical de Renato Russo. Nascido no dia 2 de agosto de 1961, Andre Fredrik Pretorius era filho do embaixador da África do Sul e estudou na Escola Americana de Brasília entre 1978 e 1980.

Com quase 2 metros de altura, olhos azuis e cabelos quase brancos de tão loiros, André era o sex-symbol da turma. "Ele era uma coisa! Lembrava o Billy Idol, só que era muito mais bonito!", compara a produtora de moda Helena Resende, uma das meninas que mais conviveram com a turma brasiliense.

Forçado pelos pais, Pretorius volta para a África do Sul, ainda um país movido pelo apartheid, e participa de treinamentos de combate para enfrentar a guerrilha de Moçambique e Angola. Passa dois anos trabalhando no Serviço de Inteligência sul-africano e retorna a Brasília em 1982. "Quando voltou ao Brasil, ele era uma pessoa diferente, atormentada", analisa Virginie Rio Branco, namorada de Pretorius à época e futura mulher do sul-africano. Logo ele se muda de novo, para Washington, onde continua tocando com os irmãos Alex e Philippe Seabra até mergulhar na heroína. Já na Alemanha, morre de overdose em outubro de 1987.

Algumas de suas composições, entre elas parcerias inéditas com Renato Russo, estão registradas em fitas cassete batizadas de *Radio Leucemia* e guardadas com carinho pelos amigos. "De todos os meninos que freqüentavam a nossa casa, ele era o mais especial, muito doce e triste", relembra dona Carminha, mãe de Renato.



Arquivo pessoal Virginie Hines

Flávio Lemos *(à dir., em show do Aborto)* até hoje se impressiona com a inspiração de Renato para "Fátima"; a Colina, na UnB, continua atraindo os jovens candangos

ESTRANHOS NA CIDADE

Criados para alojar as famílias de professores e funcionários da Universidade de Brasília, os quatro prédios erguidos na Asa Norte ficavam em uma área da UnB conhecida como Colina. "Lá era diferente das outras quadras de Brasília. Não baixava polícia, a gente podia se divertir...", conta o baterista da Plebe Rude, Carlos Augusto Woorthman, o Gutje, que morava no Bloco B. Além dele, também residiam por lá em 1978 os irmãos Felipe (Fê) e Flávio Lemos, respectivamente bateria e baixo do Capital Inicial. Fê Lemos tinha acabado de voltar da cidade inglesa de Leicester, a duas horas de Londres. "Eu saí de Brasília ouvindo progressivo e heavy metal. Voltei punk, usando coleira de cachorro no pescoço e alfinetes no corpo. Era um estranho na minha velha cidade", conta Fê, enumerando os shows que assistiu na Inglaterra: The Clash, Damned, Stranglers, Buzzcocks... "Só não vi Sex Pistols porque eles não tocavam mais."

Mas é exatamente a única banda punk que Fê não viu tocar que o faz conhecer Renato Manfredini. Em uma festa na Asa Sul, o baterista dá de cara com um disco dos Pistols e sai procurando o dono da preciosidade. Acaba encontrando: era Renato, que passa a freqüentar a Colina e trocar discos com Fê e os irmãos Loro e Geraldo Ribeiro. "Ele tinha uma discoteca vastíssima de sons dos anos 70 que eu não conhecia, mas não tinha nada de Iggy Pop, Damned...", lembra Fê.

Em entrevista publicada pela BIZZ em abril de 1989, Renato Russo comentou essa época: "Eu ia para a Colina, eram apenas umas três ou quatro pessoas que gostavam de rock: o Fê, o Loro (*Jones, guitarrista do Capital Inicial*) e o Geraldo, do Escola De Escândalo, irmão do Loro. E ficávamos o tempo todo conversando sobre a vida, todos com 16/17 anos, falando dos pais, da namorada, tentando conseguir alguma coisa para fazer. Depois de ficar tardes e tardes ouvindo e falando sobre música, o passo natural era montar uma banda".

ENSAIOS NA EMBAIXADA

Por meios diferentes, Fê e Renato já conheciam Andre Pretorius. Fê, por intermédio do amigo André Muller (*futuro baixista da Plebe Rude*). Já Renato tinha esbarrado com o filho do embaixador da África do Sul na Taverna, bar da Asa Sul. Impressionado com o visual punk de Pretorius ("um Sid Vicious louro") e da namorada dele, Virginie Rio Branco, perguntou se ele gostava dos Sex Pistols: "Yeah!", foi a resposta. Como a bateria Premier que Fê tinha comprado na Inglaterra ainda não tinha chegado, Pretorius e Renato começam a ensaiar juntos.

Os dois passavam tardes inteiras tocando as mesmas músicas – podia ser "Now I Wanna Sniff Some Glue", do Ramones, ou alguma do Damned, Buzzcocks ou Slaughter And The Dogs. De vez em quando eram acompanhados na bateria por Alex de Seabra, irmão de Philippe Seabra (*futuro guitarrista da Plebe*), que conhecia Pretorius da Escola Americana de Brasília, onde estudavam os filhos de diplomatas. "A gente fez uns ensaios em uma das salas da Embaixada da África do Sul, tentava tocar alguma coisa do Edgar Winter Group (*grupo de hard rock liderado pelo irmão do guitarrista Johnny Winter*)", lembra Alex, que logo largou o rock e se mudou para os Estados Unidos.

Embaixo do bloco A da Colina, Fê, Andre e Renato começam a pensar em um nome para a banda. Fê cita um grupo americano, Electric Flag (Bandeira Elétrica), e diz que podia ser algo parecido. Bandeira Elétrica, Tijolo Elétrico... Pretorius, então, decreta: "O nome vai ser Aborto Elétrico!". "A gente olha um para a cara do outro e fala: 'yeah!' ", confirma Fê. Além da imagem forte, o nome Aborto Elétrico também foi escolhido pelas iniciais AE, que eram pichadas utilizando o mesmo tipo de letra do movimento anarquista. Segundo Fê, a versão de Renato para a criação do nome – citação a um tipo de cassetete usado pela polícia brasiliense em 1968 que dava choques e acabou fazendo uma jovem grávida perder o bebê – não era verdadeira.

Os primeiros ensaios acontecem em 1979 no apartamento 33 do bloco A, endereço do baterista. Desses ensaios, surgem quatro músicas próprias. Duas com letras em português, "Benzina" ("Não quero cocaína/ Não quero benzedrina/ Não quero heroína/ Vou cheirar benzina...") e

"Comecei a tocar 'Fátima' e o Fê começou aí que eu tô pensando num negócio aqui'. Em de

Arquivo pessoal Flávio Lemos

"Admirável Mundo Novo" ("Não adianta você tentar vir me aconselhar/ Se eu seguir o seu conselho/ eu vou me ferrar...") e duas em inglês: "Here Comes The Reds", sobre militantes comunistas, e "(It´s All Because Of My New) Sneakers", singela homenagem ao par de tênis que Pretorius tinha acabado de comprar.

SANGUE NAS CORDAS

Em janeiro de 1980, depois de quase um ano de ensaios, surge enfim um local para a primeira apresentação do Aborto Elétrico: o bar Só Cana, no Centro Comercial Gilberto Salomão, no Lago Sul, tradicional ponto de encontro dos playboys da cidade. "Como a gente só tocava cinco músicas, elas foram repetidas duas vezes", recorda Fê. Pretorius se empolgou tanto que quebrou a palheta e cortou os dedos nas cordas. Mesmo sangrando, não parou de tocar. Perplexo, o público que estava no bar demorou para entender que estava presenciando o batismo da primeira banda punk brasiliense. Mas a reação foi mais positiva do que negativa. "O pessoal reagiu com: 'Ehhh! De novo!!!', porque brasileiro gosta muito de uma zona. Então, dá-lhe zona", ironizou Renato à BIZZ em 1989. O Aborto foi convidado a repetir a dose no Só Cana na semana seguinte. Como Fê estava com catapora, a apresentação teve que ser adiada indefinidamente – e esse acabou sendo o primeiro e último show de Andre Pretorius como guitarrista do Aborto Elétrico.

Na segunda formação da banda, Renato troca o baixo pela guitarra e Flávio, irmão de Fê, assume o baixo. Os ensaios passam a acontecer no novo endereço dos irmãos Lemos, que saíram da Colina e foram morar em uma casa no Lago Norte. Pelo menos dois clássicos do rock de Brasília nasceram nessa fase: "Veraneio Vascaína" e "Fátima". Flávio conta como foi criado um dos maiores sucessos do Capital.

" 'Fátima' foi impressionante. Eu comecei a tocar e o Fê começou a acompanhar. O Renato falou: 'Ôpa, continuem tocando isso aí que eu tô pensando num negócio aqui'. A gente continuou e ele pegou um papel, fez umas marcações do que seria a métrica da letra, aí pensou um pouco e começou a escrever. Depois de cinco minutos, a gente começou a cansar; eu parei. E ele falava: 'Continua, continua...' E permaneceu escrevendo, como se estivesse psicografando. Em dez minutos ele escreveu aquela letra longa, do começo ao fim... de onde veio, eu não sei, só sei que ele estava bem inspirado."

Começaram a aparecer outras músicas que seriam gravadas posteriormente pelo Capital e Legião Urbana: "Conexão Amazônica", "Geração Coca-Cola", "Música Urbana", "Metrópole", "Ficção Científica", "Tédio Com Um T Bem Grande Pra Você" e "Que País É Este?" (o grande hit dos shows, com direito a citação do Hino Nacional na última estrofe). Entre as que jamais foram gravadas, algumas tinham arranjos e letras mais elaboradas ("Construção Civil", "Helicópteros No Céu"), outras bem simples e diretas ("Pão Com Cola", "O Que Eu Quero") e ainda algumas de títulos engraçados, a exemplo de "Piauí Imaginário" e "AD" (tocada em um acorde só e basicamente um instrumental que se repetia, só o refrão ia aumentando: "ad, add, addd, adddd...").

Curiosidade: a banda tentou incluir duas vocalistas, Ana Resende e Cris Brenner, então namorada de Fê. Elas tentaram "Geração Coca-Cola", escrita por Renato em uma folha de caderno espiral, mas ambas desistiram logo depois do primeiro ensaio. "Ninguém avisou que não ia dar pra escutar nada, a voz era engolida pelos instrumentos. Foi uma decepção total", lembra Ana.

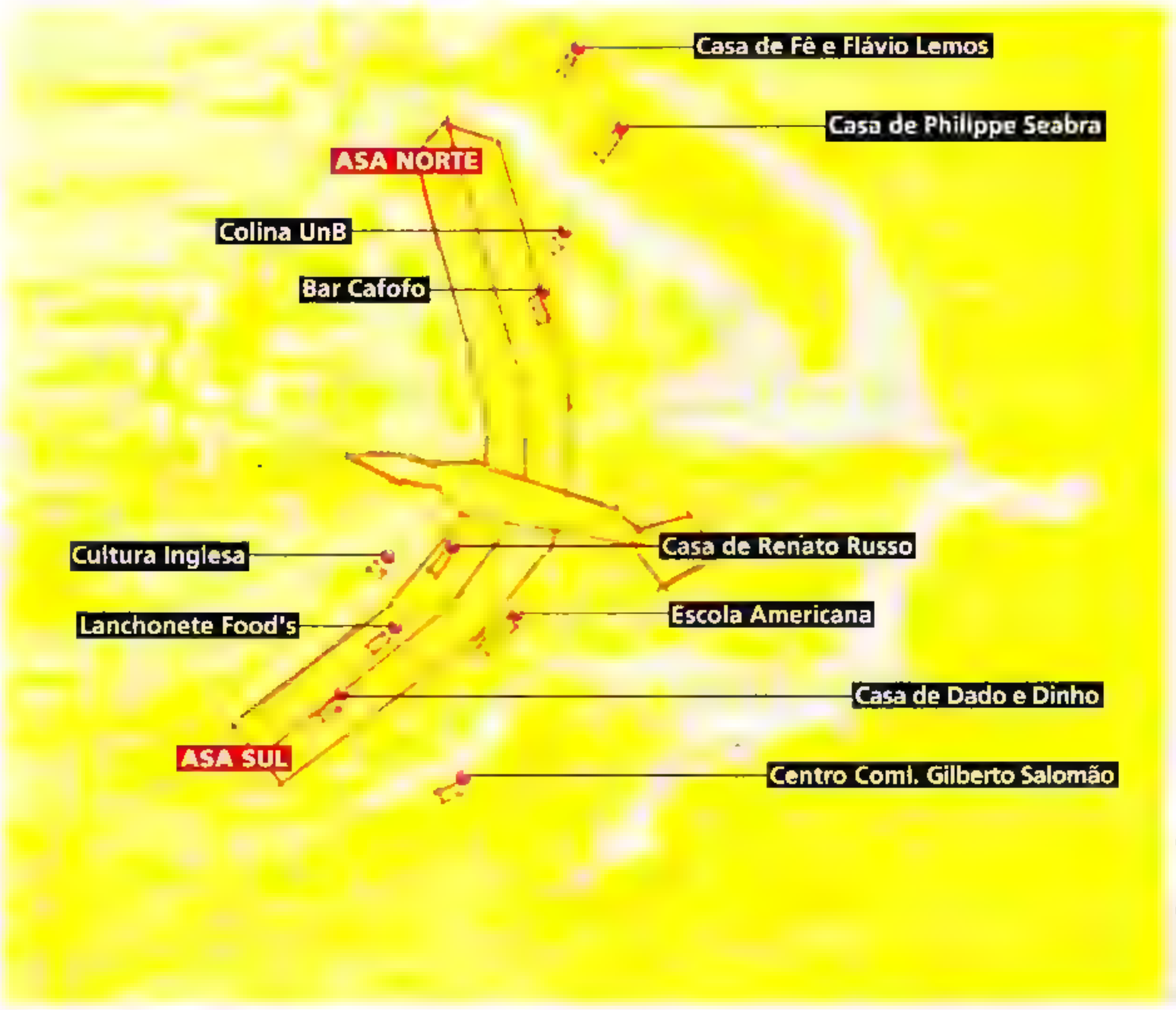


Ilustração Douglas Braga

acompanhar. Renato falou: 'Continuem tocando isso minutos ele escreveu a letra do começo ao fim...

Flávio Lemos

ME EMPRESTA UMA TOMADA?

Os shows também aconteciam com mais freqüência. Havia as apresentações relâmpagos ao ar livre, onde as bandas chegavam e pediam uma tomada emprestada para ligar os amplificadores na calçada de lanchonetes como o Food's, na Asa Sul. Foi lá que Dado Villa Lobos e Dinho Ouro Preto, filhos de diplomatas e chamados ironicamente de figurantes pelos mais velhos da turma, assistiram pela primeira vez a um show do Aborto Elétrico.

"Figurantes" famosos: Ameba e Dinho durante balada no Food's

As bandas punks também tocavam em colégios, como em um festival interno do Objetivo. "Eu estava vendo umas bandinhas, de repente entrou o Aborto Elétrico para tocar. Aquilo destoava de tudo, era muita energia. O Fê batia forte naquela bateria com bumbo de 24 polegadas, parecia um tanque de guerra. Era chocante", recorda Marcelo Bonfá, até então fã de Carpenters e Pink Floyd. Filho de um professor de sociologia que tinha se tornado funcionário do Banco do Brasil, ele morou no interior de São Paulo até se mudar para o Planalto Central em maio de 1977. "Brasília era muito doida nessa época, parecia um *(seriado) Babylon 5*: tinha alienígena em todos os cantos", compara o futuro baterista da Legião Urbana.

E os *alienígenas* começaram a eleger seus pontos de encontro. Foi o caso do Cafofo, bar improvisado em subsolo da quadra comercial da 407 Norte. O proprietário do local era um conhecido músico da cidade, o tecladista e arranjador Rênio Quintas. Ele cedeu as tardes de domingo para os punks candangos fazerem barulho e tomarem muita cerveja. A farra na Asa Norte reunia mais de cem pessoas todo domingo. "A turma toda cabia lá dentro, no porão. Fora, a zoeira soava como o motor de um avião, com flanger *(efeitos especiais)!*", compara Bonfá. A zoeira durou até que um dos donos de bar ao lado do Cafofo chamou a polícia para recolher os punks. "Saíram três camburões lotados de moleques, que só foram liberados pelos pais na delegacia", lembra Rênio.

Nessa época, o Aborto Elétrico dividia os toscos e improvisados palcos brasilienses com outro grupo punk: o Blitx 64.

Arquivo pessoal André Mueller

Blitx 64 na Expoarte, em maio de 1981: a melhor banda de Brasília para Jander Bilaphra, da Plebe Rude

Arquivo pessoal Fê Lemos

Formado pelo baterista Gutje Woorthman e pelos irmãos Loro (guitarra) e Geraldo *Gerusa* Ribeiro (baixo), que se conheceram na Colina, o Blitx não tinha vocalista (apesar de Gutje dar uns berros durante os shows). O repertório tinha doze canções, entre elas "Lindo Lixo" e "Romeu E Julieta", adaptação de uma antiga marchinha carnavalesca. "A gente começou quatro meses depois do Aborto, carregávamos os equipamentos juntos para os shows", conta Geraldo. "A gente fazia de tudo. Assustava as menininhas dizendo que ia vomitar dentro das bolsas delas, esvaziava extintor, explodia lâmpadas fluorescentes para acordar os vigilantes da UnB... Mas não botava fogo em índio", ironiza Gutje. "Eram duas turmas bem distintas. A do Blitx tocava zona total, era mais divertida de sair à noite. Já a do Aborto tinha informação, era mais intelectualizada e preocupada com a imagem", compara André Mueller. "Para mim, o Blitx foi a melhor banda de Brasília", elege outro futuro integrante da Plebe Rude, o vocalista Jander Bilaphra.

A essa altura, porém, a turma não era mais restrita aos que tinham se conhecido na Colina. Havia outros núcleos espalhados pelo Plano Piloto. Na 213 Sul, por exemplo, Dinho Ouro Preto e Dado Villa-Lobos dividiam o mesmo apartamento e logo se sentiram atraídos pelos representantes brasilienses da revolução punk. O mesmo aconteceu na 104 Sul, onde moravam os irmãos Pedro e Bi Ribeiro (baixista dos Paralamas), e na 316 Norte, quadra de Marcelo Bonfá. De menos de dez pessoas, a turma pulou para mais de 40 em menos de seis meses. Os mais novos eram chamados com ironia de figurantes ou satélites por não pertencerem à turma original que freqüentou a Colina entre 1978 e 1980.

SEXTAS NO CINEMA

As noites de sexta tinham programa obrigatório para a turma: o cinema da Cultura Inglesa, para assistir a filmes de cineastas como Wim Wenders, Werner Herzog e Fassbinder. Depois, era hora de procurar uma festa e, para encerrar a noite, discussões sobre livros de Dostoiévski e J.D. Salinger às margens do Lago Sul, com os carros fazendo rodas com os faróis acesos nas chamadas quebradas. "Foi a época mais intelectualizada da minha vida", reconhece Dinho. "A gente ficava em ruínas como as do Centro Olímpico da UnB com o som do carro ligado, tocando o *Talking Heads 77*, tomando vinho barato e conversando", conta Dado Villa-Lobos.

Enquanto isso, as coisas com o Aborto Elétrico não iam tão bem, apesar da crescente popularidade do grupo. Em show na cidade-satélite do Cruzeiro Velho, Fê ficou irritado com a displicência de Renato, que dizia estar distraído por conta do aniversário da morte de John Lennon, e arremessou uma baqueta no rosto do can-

"Eram dua

era mais divertid

era mai

tor da sua banda quando o vocalista errou uma letra. Renato não reagiu na hora. À noite, porém, sentenciou ao amigo: "Fê, o Aborto Elétrico acabou". O baterista conseguiu dissuadir o vocalista e eles retomaram a banda, mas foram as primeiras rachaduras sérias em uma amizade tida como indestrutível. "Fê implicava muito, mas o Renato também era difícil. Durante os ensaios, eles tinham discussões que duravam horas e horas. Os dois, que eram muito próximos, de repente não estavam mais se entendendo", narra Ico Ouro Preto, guitarrista da última formação do Aborto, atualmente trabalhando como fotógrafo de moda em Paris.

Ico tinha sido chamado para o Aborto apesar de seu estilo ter muito pouco a ver com os três acordes do punk – ele era estudante de violão clássico, fã de Paco De Lucia. Gostava de passar tardes inteiras tocando com Renato. "Muitas músicas a gente tocava no violão, só depois viravam rock. Eram horas de improvisação gravadas em cassete. Depois, a gente tirava os pedaços que a gente queria e via que tinham nascido músicas", lembra o irmão de Dinho Ouro Preto, do Capital.

A última e decisiva briga do Aborto Elétrico aconteceu por causa da letra de "Química". Os versos "Não saco nada de Física/Literatura, gramática/ Só gosto de educação sexual/ E eu odeio Química..." foram considerados infantis por Fê. "Achei uma bosta, não tinha nada a ver comigo. Falei para ele (*Renato*) que não tinha gostado do refrão, achava falso, não me identificava com aquilo como com 'Tédio' ou 'Que País É Este?'. Aí sim, foi o início do fim, porque até então o que ele fazia e dizia era o que a gente tocava", revela o baterista. "O Fê estava mais interessado em fazer camisetas, e eu ficava lá, pedindo para ensaiar. Aí eu disse: 'Quer saber de uma coisa? Vou sair!'", falou Renato à BIZZ. ▶

A cartilha da Colina

Ramones: O rock de Brasília também deve muito ao quarteto surgido em Nova York, em 1974: o Aborto Elétrico tocava "Now I Wanna Sniff Some Glue" logo nos primeiros ensaios. "A gente só gostava das bandas inglesas, mas os Ramones eram a exceção americana", lembra o baterista Fê Lemos.

Divulgação

Talking Heads: O primeiro disco do grupo, *Talking Heads'77*, era consumido sem moderação pela turma brasiliense, principalmente por Dado Villa-Lobos, Loro Jones e Fê Lemos – os dois últimos se inspirariam nos Talking Heads para buscar sonoridade mais *clean* e menos agressiva para o Capital Inicial.

Damned: Grupo britânico formado em 1976, que começou abrindo para os Pistols. O single de estréia da banda, "New Rose", é considerado o primeiro single do punk britânico e chegou a ser tocado em alguns shows da Plebe Rude.

Retna

Stranglers: Formada em 1975 na cidade inglesa de Chiddington e um pouco subestimada pela crítica, a banda tinha um vocalista de garganta poderosa, Hugh Cornwell. Sua estréia em disco, *Rattus Norvegicus*, saiu em 1977. Mas foi o segundo álbum, *No More Heroes*, lançado em outubro do mesmo ano, que se transformou em discoteca básica para a turma de Brasília.

Comsat Angels: Formada na cidade inglesa de Sheffield, onde o baixista da Plebe Rude, André Mueller, morou por dois anos. Tinha sonoridade mais experimental, com utilização de teclados bem marcantes. Os arranjos inspiraram várias músicas do primeiro álbum da Legião Urbana – o baterista, Marcelo Bonfá, era o maior fã de Comsat Angels que a banda poderia ter descolado no Brasil.

Buzzcocks: Os vocais melódicos de Pete Shelley ajudaram a forjar o punk-pop em músicas como "Orgasm Addict" e "Ever Fallen In Love" (depois regravada nos anos 80 pelo Fine Young Cannibals). "Comecei a tocar bateria ouvindo Buzzcocks", afirma Marcelo Bonfá. "Foi a primeira banda que me mostrou que era possível falar de amor utilizando a linguagem punk", acrescenta Philippe Seabra, da Plebe Rude.

Retna

Sex Pistols: Mais que músicas, Steve Jones (guitarra), Paul Cook (bateria), Glen Matlock (baixo, depois substituído por Sid Vicious) e Johnny Rotten (vocal) colecionaram dezenas de histórias de arruaças e tumultos, todas recitadas de cabeça pelo fã Renato Russo aos outros punks brasilienses.

Retna

turmas bem distintas. A do Blitx tocava zona total, de sair à noite. Já a do Aborto tinha a informação, intelectualizada e preocupada com a imagem"

André Mueller

Renato saiu e o Aborto continuou como trio: Flávio, Ico e Fê, que arriscava uns vocais por trás da bateria. Assim fizeram vários shows. O vocalista, porém, voltaria para uma despedida arrebatadora, diante de mais de 5 mil pessoas, no Centro Olímpico da UnB. Ico tinha simplesmente sumido algumas horas antes da apresentação ("Acho que não fui muito correto, mas meu lance era o ensaio, tinha pânico de tocar ao vivo", defende-se o guitarrista). Fê lembra com exatidão desse momento: "Eu procuro o Renato e digo: 'O Ico sumiu, vamos tocar, pega a guitarra, tá todo mundo esperando!' Aí ele me olha, dá um sorrisinho irônico e fala: 'Vamos embora, Fê...'".

O show foi um sucesso absoluto, mas Renato tinha outros planos na cabeça. Largou definitivamente o Aborto Elétrico e passou a ser conhecido como Trovador Solitário. Acompanhado apenas pelo violão, desfiava em bares o repertório do Aborto e também mostrava canções que seriam consagradas nacionalmente com a Legião Urbana – "Faroeste Caboclo", "Eu Sei" (até então conhecida pelo nome de "18 E 21") e "Dado Viciado". Era bastante aplaudido pelo público brasiliense, mas Renato queria mais. Chamou o baterista Marcelo Bonfá, que já tocava na UnB e em outros palcos improvisados com Os Metralhas de André Muller. "A gente fazia um punk bem visceral, mas as letras tinham cunho social, parecia coisa de sociólogo", conta Henrique Hermeto, vocalista e guitarrista dos Metralhas (que também era conhecida como SLU, Serviço de Limpeza Urbana). Bonfá saiu então para montar uma banda com apenas dois integrantes fixos – os outros músicos, entre eles guitarristas e tecladistas, se revezariam em participações especiais. Seriam muitos os convidados, dezenas deles, uma verdadeira legião de jovens amigos. A Legião Urbana.

Como Trovador Solitário, Renato já tocava "Faroeste Caboclo" e "Eu Sei"

Arquivo André Muller

"Eu procuro o Renato e digo: 'O Ico sumiu, pega a guitarra, tá todo mundo esperando o Aborto!'. Aí ele dá um sorrisinho irônico e fala: 'Vamos embora, Fê...'"

Fê Lemos

O legado da madrugada

Para matar a saudade da namorada Virginie, então morando na Inglaterra, o guitarrista Andre Pretorius convocou no início dos anos 80 o amigo Renato Russo e os dois se trancaram numa madrugada de domingo para segunda-feira no quarto do futuro vocalista da Legião Urbana. Munidos de violões e um pandeiro, gravaram uma fita cassete com 45 minutos de sons, conversas (todas em inglês) e muitas brincadeiras. As músicas são apresentadas sem títulos, apenas com alcunhas sobre o clima que cada uma delas deveria proporcionar ("esta é uma canção de ódio", "esta é uma canção sobre tortura" etc.). "Gostaria de doar a gravação original para uma entidade beneficente que ajude as vítimas da Aids", anuncia Virginie Hines, que guarda há duas décadas o cassete enviado pelo então namorado, Andre, e atualmente mora em Washington (EUA).

1 "This is a love song"

E aí, você por aqui?
Parece que a gente vive se encontrando
Uma conversa de bar é tão natural
Quando se vive a mesma de bar em bar
Que mais existe aí pra ver
Queria conversar com você
Tentar não é tão fácil assim
Será que você pensa como eu
Que tudo é sempre igual
Como tudo quase sempre é
Como voltar pra casa
Se você não encontra nada lá
Ou em qualquer outro lugar
Eu acho que sei como você se sente
Ficar aqui fora sem saber continuar
Que mais, que mais você vai fazer
E se você se sente assim
Você sabe que não adianta
Dizer que não sabe o que se passa com você
Então tenta voltar pra algum lugar
Yeah, yeah, yeah, yeah..
Às vezes fica cinza quando a chuva cai
Sempre em volta de você
Mas será que não é tempo de saber
o que se quer
E que seria bom se alguém dissesse
Que não adianta contar estrelas por aí

2 "This is a recent song. This is not a love song, this is a hate song , grrr!!!"

(Com introdução de "Tempo Perdido")

Quase comprei um carro novo
Só por causa de você
Quase gastei a minha grana
Mas você não quis me ver
Ainda bem, baby, porque
Você não tem mais nada a ver
Aquele dia no cinema
Foi tão estranho mesmo
E a sua família na churrascaria
E você na UnB
Você não tem mais nada a ver
Pode sair do apartamento
Você pode até sumir
Desaparecer, talvez
Faz um favor pra mim
Não quero andar com gente
Não quero andar com gente
Não quero andar com gente obsoleta (2x)

3 "This song is about torture, torture in Brazil..."

Os mortos não podem voltar
Os mortos não vão mais falar mal de vocês
Nem da madeira nem do ferro em brasa
Choques elétricos e ameaças
Crianças que desaparecem
Frases perfeitas, palavras cegas
Escritas em cartazes tropicais
Cadê meu pai, meu irmão?
Os mortos não podem vingar
Os mortos não vão mais mostrar
o que são vocês
Um morto não precisa de exílio
Um morto não pode abrir cabeças
A não ser que as palavras reapareçam
Pra lembrar por que foram silenciadas
Gritos cegos parem, por favor
Isso dói

4 sem título

Quando eu for embora
Não, não chore por mim (3x)
Eu não quero que chore por mim
Se uma semente
foi plantada vai crescer (3x)
Nunca deixe a semente morrer
Quando eu for embora
Não, não chore por mim (3x)
Eu não quero que chore por mim
Todo curso d'água
Um dia acaba indo pro mar (3x)
Nunca deixe a água acabar
Quanta gente nunca
Tem comida pra comer (3x)
Como é que conseguem viver
Quando eu for embora
Não, não chore por mim (3x)
Eu não quero que chore por mim
Quando está escuro
A luz precisa iluminar (3x)
Nunca deixe a estrela apagar
Quando eu for embora
Não, não chore por mim (3x)
Eu não quero que chore por mim
Toda menininha
Vai crescer e ser mulher (3x)
E conseguir o que ela quiser
E todo gatinho
Se transforma num gatão (3x)
Não se esqueça do seu coração
Quando eu for embora
Não, não chore por mim (3x)
Eu não quero que chore por mim (2x)

Fê Lemos *(em pé)* na bateria do Aborto: longas discussões com Renato

Na próxima parte: o primeiro show da Legião Urbana termina em prisão. Acampamentos: (pouco) sexo, (algumas) drogas e (muito) rock'n'roll. Como um garoto tímido e diabético, Dado Villa-Lobos se tornou guitarrista da maior banda de rock do Brasil. O sucesso da primeira temporada de shows de Legião, Plebe e Capital produzidos pelas próprias bandas.

O Pavement de Stephen Malkmus *(acima, na extrema direita):* ameaçando pendurar as chuteiras

No palco da tradicional Brixton Academy londrina, Stephen Malkmus balbuciou algo dando a entender que o show daquela noite – 20 de novembro – era o último do Pavement. Pouco antes, o líder de um dos mais elogiados grupos independentes americanos dos anos 90 tinha apontado para um par de algemas preso no pedestal do microfone e cuspido: "Isso representa bem o que é estar numa banda". O semanário inglês *New Musical Express* deu a notícia levando a sério (como se David Bowie não tivesse dito a mesma coisa ao fim da turnê de *Ziggy Stardust*, como se Robert Smith não anunciasse o fim do Cure a cada disco), mas o desmentido não demorou. "Entenderam tudo errado. Aquele era o último show da excursão. E Stephen não disse: 'Isso representa bem o que é estar numa banda'; ele disse: 'Estar na Inglaterra'. Mas é bem provável que tiremos dois anos de férias mesmo", explicou o guitarrista Scott Kannberg, aproveitando para dar uma sacaneada nos britânicos.

O episódio é típico do Pavement e de Stephen Malkmus, um talento para frases desconcertantes e letras nonsense. Explicando o título do quinto álbum da banda, *Terror Twilight* (lançado no Brasil no fim do ano passado), o compositor (ele não se considera vocalista – e realmente canta à maneira pouco musical de Lou Reed) soltou: "Era para ser *Pussy Eater Fool Or Cocksucking Is Cool*, a gente adora fazer rimas, sabe? Mas o cara da gravadora falou que esse nome não ia dar muito certo..."

Em outubro, SHOWBIZZ teve a oportunidade de conversar com o compositor num bar em Nova York, antes do show de aniversário do selo Matador. Magro, aparência frágil, simpático, Stephen disse que estava planejando passar o fim de ano em Phnom Penh, capital do Camboja. "Um amigo meu

fim do Pavement?

Separação? Dois anos de férias? Quando a notícia vem da banda mais irônica do planeta, nunca se sabe

por Pedro Só

tem uma casa legal lá. Vou com minha namorada e mais dois casais, eles têm muitos revólveres, vamos estar seguros." Não dava para acreditar, claro *(férias no Camboja é nome de música dos Dead Kennedys, "Holiday In Camboja")*, mas a história apareceu em entrevistas a jornais americanos – o cara talvez estivesse falando sério.

Se o Pavement realmente tiver rachado, será uma grande perda. Produzido por Nigel Godrich (responsável por *Mutations*, de Beck, e *OK Computer*, do Radiohead), *Terror Twilight* pode não reprisar a copiosa inspiração do clássico *Slanted And Enchanted* (de 1991, obra-prima da chamada baixa fidelidade), mas é o melhor disco do grupo, em termos técnicos e musicais. "Numa comparação, diria que tentamos repetir nesse álbum aquilo que meus ídolos do Sonic Youth tentaram em *Dirty* (o trabalho mais acessível que os reis do ruído e das afinações bizarras fizeram, em 1993, sob a batuta de Butch *Nevermind* Vig). Eles não gostaram nada da experiência e acho que nunca mais vão fazer um disco assim. Mas eu sou fã de *Dirty* e fiquei muito satisfeito com *Terror*", explicou Stephen.

Ele sempre fez pouco dos elogios e conseguiu afastar de si qualquer aura de "gênio torturado" ou "gênio misterioso". "Quando gravamos o primeiro disco – apontado nos EUA e na Inglaterra como um dos melhores dos anos 90 –, eu trabalhava como guarda no Whitney Museum. Do tipo que fala 'não toque', sabe? Eu gostava, fiquei um ano nesse emprego: não precisava usar o cérebro. Era uma espécie de motorista de caminhão que não precisa dirigir."

Stephen diz que não se interessa por letras. "Eu sei que nossa banda não é musicalmente das mais coesas, mas meu maior interesse está no som, nas mudanças de acordes, nas composições. O texto é a última coisa", minimiza. É mais fácil fazê-lo falar sobre o cavalo de corrida que tem em Louisville, Kentucky, em sociedade com os colegas de banda. "Bob Nastanovich *(segundo baterista, organista e gritador oficial da banda)* é quem cuida dele. Ele mora lá."

Stephen tem casa em Portland, Oregon. No Pavement, é assim, cada integrante fica numa cidade. "Atrasa um pouco os trabalhos, mas faz bem para a banda. Eu acabo sentindo falta até das piadas ruins dos caras", brinca. Da língua ferina do compositor, pouca gente escapa. "A pior banda que já abriu para a gente? Empate entre The Verve e L7."

Ao falar sobre a indústria fonográfica, ele não hesita em apontar que o rock vive um momento fraco. "O U2 tentou fazer uma marola no último disco, criar uma discussão com a *PopMart*, e a coisa não pegou." Guru alternativo? Nunca. "Nesse meio nunca conseguiram me pegar para Thom Yorke ou coisa que o valha. Imagina... Acho que ninguém se importa muito com o que eu faço ou deixo de fazer", diminuiu, sem pingo de ironia. Fama? "Gosto quando alguém aponta para mim na rua. Sei que isso pode ser chato, mas geralmente quem fala comigo é fã da banda, eu não sou 'o cara que estava na TV ontem'. Claro que me sinto embaraçado, fico meio desconfortável, mas jamais trato mal. Amigos meus falaram com John Kennedy Jr. uma vez na rua e ele foi um babaca – os caras ficaram muito putos."

A conversa com o atencioso Stephen ia muito bem, mas não resistiu a 25 minutos. Depois que uma colega que "rachava" a entrevista com SHOWBIZZ fez duas perguntas pouco interessantes, ele alegou que estava cansado e pediu licença... Antes, porém, havia dito: "Sabe, eu não gosto de reclamar... Mas turnês podem ser meio chatas. Só que ir para um país como o Brasil seria muito interessante. Em fevereiro, há uma possibilidade..." Será que daqui a dois anos?

Cuspidas clássicas

Metallica lança registro dos shows que fez acompanhado por 80 músicos eruditos – todos com fones de ouvido

Por Daniel Oliveira, de Sausalito (EUA)

O Metallica quer sempre inovar ao vivo. Em abril do ano passado, Lars Ulrich (bateria), James Hetfield (guitarra e voz), Kirk Hammett (guitarra) e Jason Newsted (baixo) subiram ao palco do Berkeley Community Theatre (em Berkeley, Califórnia) acompanhados pela Orquestra Sinfônica de São Francisco. Foram duas noites especiais, registradas no álbum *S & M* (de "Symphonic" e "Metallica", trocadilho com sadomasoquismo). Além de pancadas tradicionais, como "Battery", "Enter Sandman" e "Master Of Puppets", o CD traz duas canções novas: "No Leaf Clover" e "Human".

Para não perder o ritmo, os músicos da orquestra usaram fones de ouvido, com o som das guitarras abaixado. "Não estamos acostumados a tocar com tanto volume e precisávamos ouvir as batidas de Lars", explica o violinista canadense Jeremy Constant, um dos 80 integrantes da sinfônica. A idéia do projeto surgiu quando o maestro americano Michael Kamen, famoso por projetos sinfônicos com Aerosmith, Pink Floyd e Bryan Adams, compôs arranjos de cordas para a música "Nothing Else Matters", em 1991.

Seis anos mais tarde, o Metallica o chamou, dando o sinal verde, e a Orquestra de São Francisco topou na hora. "Não me importo com gente de cabelo branco, mas é demais sentir a energia do público jovem num concerto sinfônico", diz Michael. Jeremy se surpreendeu: "Nunca vi gente subindo no palco e se jogando na platéia em um concerto". Ele ressaltou que tocar em músicas agressivas como "Fuel" e "Battery" foi fácil. "Se você ouvir 'A Sagração Da Primavera', de Stravinsky, vai reparar que o estilo também é brutal."

A gravação de *S & M* ficou a cargo do produtor canadense Bob Rock, que trabalhou em todos os discos do Metallica nos anos 90. Ele diz que foi um pesadelo gravar os dois shows: "Precisei limpar ruídos de palco, regravar uma parte de guitarra e ajustar a sincronia com a orquestra. Pois é: os fones nos ouvidos dos músicos não conseguiram evitar problemas. "A orquestra tocou um pouco atrás do Metallica", explica Bob.

Por que o preço dos ingressos dos shows do Metallica no Brasil é tão alto? Houve muita reclamação...

Lars Ulrich: É caríssimo tocar na América do Sul. Nem pensamos em ganhar dinheiro quando excursionamos por lá. Se empatar os custos, está bom. Tocamos por causa dos fãs. Mas tenho 37 anos e não quero pagar para tocar. Se fosse assim, eu ficaria em casa com meu filho.

A Sinfônica de São Francisco encarou o trovão do Metallica (*Jason Newsted, à direita*)

Quanto vocês cobram para tocar?

Não temos um preço. Dividimos os lucros com o produtor de acordo com o número de pagantes. Não recebemos antecipado.

Tocar bateria num grupo heavy metal requer bastante preparo físico. Por que você começou a fumar depois dos 30?

Eu nunca tinha fumado até os 33 anos, então achei que estava numa hora boa para iniciar algum vício ruim! Gosto de fumar para enfurecer os americanos. Mas não fumo muito – chego a dez cigarros por dia. Corro e me exercito bastante.

Vocês tocam sob efeito de drogas, como fazem várias outras bandas?

Não toco bêbado ou sob efeito de qual-

Terence McCarthy

quer coisa desde 1994. Dependo do meu corpo em 110%. Jason *(Newsted, baixista)* fumava um pouco, James *(Hetfield, vocal e guitarra)* bebia umas cervejas, mas o que fazemos requer concentração e preparo físico. Antes do show, quero estar "limpo". Mas, depois, a história é diferente. Ainda temos alguns vícios.

Quais seriam eles?
Use sua imaginação!

Vocês costumam cuspir bastante no palco. Alguém já ficou com raiva por causa disso?
Quando fomos convidados para tocar em Cingapura, recebemos um fax com as leis do país. Os produtores queriam nos proibir de cuspir, falar palavrões e tocar sem camisa. Obviamente, cuspimos, falamos palavrões e tocamos sem camisa.

Quais foram as conseqüências?
Nada aconteceu. Sobrevivemos!

Foi difícil convencer uma orquestra a tocar com um grupo de metal?
Foi moleza. Nos EUA, a Sinfônica de São Francisco tem reputação de ser cabeça aberta e aventureira. Ela já havia tocado com o Grateful Dead antes.

Mas o Metallica é muito mais pesado que o Grateful Dead!
Mesmo assim. No fim das contas, não faz tanta diferença. Afinal, a orquestra não tocou exatamente rock'n'roll, apenas executou partes sinfônicas com uma banda de rock. E foi tranqüilo: os músicos absorveram o clima do projeto logo nos primeiros ensaios.

Trabalhando com músicos eruditos, você chegou a se sentir inferiorizado em algum momento?
Nem um pouco. Conquistamos o respeito da orquestra rapidamente. Logo nos primeiros ensaios, os músicos ficaram impressionados com nossas canções. Eles me diziam: "É inacreditável como você consegue bater com tanta força". Também nos perguntavam: "Como vocês conseguem lembrar de tantas partes?" Eles tocam sempre com partitura, lendo.

A cara

Carlos Eduardo Miranda, c

"Bá, *veinho*! Até hoje gasto todo meu dinheiro em disco e gibi. Meus hábitos são os mesmos desde guri: ver desenho animado, filme de terror, ouvir som..." É só entrar no apartamento – alugado – do gaúcho Carlos Eduardo Miranda, 37 anos, em Perdizes (Zona Oeste de São Paulo) e comprovar. Na sala, com centenas de bonequinhos de personagens de gibi fazendo sentinela, estão cerca de 4 mil CDs, socadinhos num armário baixo e comprido, sem arrumação definida. É uma coleção diferente, que dispensa aquelas coisas carne-de-vaca que todo mundo possui, mas inclui um monte de artistas dos quais você nunca ouviu falar.

A renovação do pop brasileiro nos anos 90 passou obrigatoriamente pelos ouvidos sagazes de Miranda. Como jornalista (aqui mesmo, na BIZZ), agitador, produtor e, mais recentemente, como diretor artístico da gravadora Trama, ele farejou, filtrou e ajudou a esculpir (lapidar não seria o verbo adequado) os sons de uma geração: Raimundos, Skank,

Miranda e seu hamster de estimação, Boni (de Bonitinho): entre Elvis Costello, Parliament, Devo e o skate rock dos Boneless Ones

Fotos Mara Sheldon

do dono

mem que preparou o rock brasileiro para o ano 2000, tem um acervo cheio de surpresas

Sepultura, Ratos De Porão, De Falla, mundo livre, Otto, Virgulóides, Catapulta... Por essa lista, dá para notar um certo ecletismo. Só que é um ecletismo sem a bunda-molice habitualmente associada à expressão.

Mais fácil começar pelo que Miranda não tem: Beatles e Stones. "Esses eu sei de cor; já tive e perdi. Eu emprestava demais, chegava a deixar 100 LPs de uma vez só", conta. A maioria dos vinis sobreviventes, por volta de mil, fica no escritório, na Trama. "Acho que uns 6 mil passaram pela minha mão. Quando me mudei de Porto Alegre para São Paulo, trazia os discos numa mala." Nesse processo, sumiu muita MPB. "Tive um programa na rádio da faculdade, *Clube da Esquina*", confessa. "Mas estou guardando a MPB para depois. Tem uns sons que eu vou deixar para curtir quando ficar velho. Bossa, já estou começando a pegar."

Jazz, pelo menos o oficial, Duke Ellington, bebop, também não rola muito. "Eu detesto Charlie Parker", proclama Miranda, em tom sacrílego. Em compensação, não faltam trilhas de filmes italianos dos anos 70, pirações instrumentais e *lounge* das mais variadas vertentes, pop japonês. O rock pesado fica meio escondido. E mesmo assim... "Metallica, Iron Maiden, essas coisas que tocam no rádio, ouço no rádio." Tecno? "Gosto, mas deixa o DJ tocar nas festas." Punk? "Gosto do americano, mas só até 1985. Dead Kennedys, GBH... Odeio Bad Religion", saliva, pegando um vinil do Boneless Ones, banda californiana. "Este LP tem o melhor timbre de baixo do mundo!"

Aos 5 anos, Mirandinha já quicava ouvindo uma fita do pai com "Surfin Bird"; pirou no rock a partir de um compacto do Creedence e achou seus queridões na praia setentista: Faces (mais tudo que o baixista Ronnie Lane gravou), Stevie Miller Band, Mott The Hoople, Steely Dan, T. Rex, David Bowie ("só até *Let's Dance*"), Roxy Music, Phil Manzanera (guitarrista do Roxy), a guitarra de Robert Fripp fora do King Crimson, Robert Wyatt (ex-Soft Machine), Todd Rundgren, Hawkwind. Na área black, os regulamentares Sam Cooke, Marvin Gaye, Curtis Mayfield... Mais os grooves animais de Mandrill, Parliament, War.

O maior tesouro, porém, são as deliciosas obscuridades. Elas podem ser rock de garagem (como a banda feminina Thee Heeadcoatees), zydeco (o som da Louisiana, sul dos EUA), tex mex, protoeletrônicos (Silver Apples), lendas folk como o escocês Ewan McColl ("o pai dos Pogues"), funk africano, a banda de bluegrass do cartunista Robert Crumb (R. Crumb And The Cheap Suit Serenaders)... Até chegar a geniais maluquices atuais, como o finlandês Jimi Tenor e o transexual Sukia (do álbum *Contacto Especial Con El Tercer Sexo*, do selo dos Dust Brothers, que produziram de Beck a Hanson). Bizarria? Você já ouviu falar em coleção de "Macarena"? Miranda tem. "É uma das melhores músicas do mundo: ela possui o poder de fazer as pessoas de palhaço", explica, rindo, antes da conclusão séria. "Música é o efeito que ela provoca."

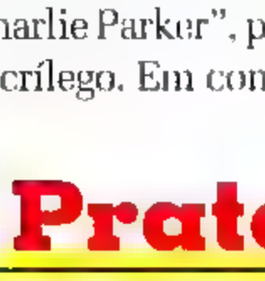
Pedro Só

Prateleira especial

BRIAN ENO

Here Come The Warm Jets

"Eu com 12 anos curtia Deep Purple, Black Sabbath e quando topei com isso *(o primeiro solo do ex-Roxy Music, lançado em 1973)*: 'Que música é essa?' O que mais me fez viajar é que ele é um antimúsico. Vem daí meu completo desprezo pela parte técnica, meu antivirtuosismo."



WILD MAGNOLIAS

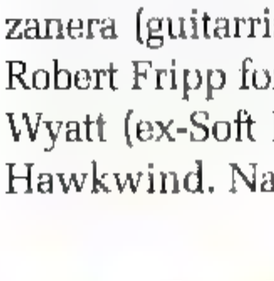
Wild Magnolias

"Esse é um bloco de carnaval de New Orleans, com clarinete, baixo, percussão na banda. São mestres: mostrei para o Nando Reis e para o pessoal do Skank e eles ficaram doidos."

CHRIS SPEDDING

Friday 13th

"Guitarrista inglês, versátil pra caramba. Começou com Jack Bruce *(ex-Cream)* tocou com Eno e Bowie *(e mais Donovan, Dusty Springfield, Bryan Ferry, Paul McCartney)*. Este é ao vivo, com o baixista Busta Jones e David Van Tieghen na bateria."



DR. FEELGOOD

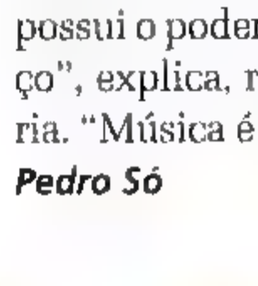
Stupidity

"É a banda *(inglesa, emblema do chamado pub rock)* de blues que eu gosto. Blues punk de bar sem-vergonha *(aqui, gravado ao vivo em 1975)*. O Wilko Johson é meu guitarrista favorito, detona na Telecaster. Ele fica possuído tocando."

GONG

Flying Teapot

"Comprei na Modern Sound *(tradicional loja de Copacabana)*, que tinha importados que não se encontravam em Porto Alegre. Cheguei em casa, ouvi e comprei os outros dois da banda *(expoente do rock espacial alemão)*. Mas este é desatado de tão louco."



VAN DYKE PARKS

Song Cycle

"Quando soube que era o cara que trabalhava com o Brian Wilson, dos Beach Boys (na obra-prima quase perdida *Smile*), fechou. É pop, é louco, é muito bom (este é o primeiro álbum de Van Dyke, de 1968, com orquestra, coral, acordeão e Deus em mil detalhes)."

10 discos...

...para você entender (e se divertir adoidado) com

GLAM

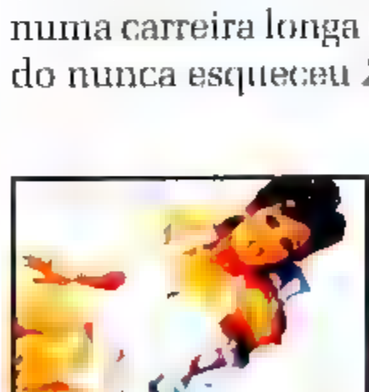
O cantor e compositor Alvin L, destrincha os sons dessa era inesq

Divulgação

1971. O "sonho" acabou de acabar. Os hippies sobreviventes se atolam em drogas pesadas e desilusão. Enquanto isso, seus irmãos menores, naquela terra de ninguém conhecida como pré-adolescência, se davam conta de um mundo de poliéster, TV em cores, missões espaciais, terrorismo... o futuro tinha chegado e o meio era a mensagem. Desesperadamente precisando de novos heróis, os meninos ligam a TV (em cores berrantes) para ver o *Top Of The Pops* (um *Xou da Xuxa* inglês da época) e dão de cara com aquele ser sexualmente indefinivel tocando guitarra prateada, vestido de cetim dos pés à cabeça e cheio de purpurina. Marc Bolan e seu T. Rex eram os flautistas de Hamelin pós-modernos.

Enquanto isso, David Bowie, um artista fracassado dos anos 60, posava para a capa de seu novo LP, *The Man Who Sold The World*, usando um... vestido! "Um vestido muito masculino", na opinião dele. Não tinha mais volta. A partir daí, o glam rock reinou por quatro gloriosos anos como um deus auto-indulgente, exagerado, cínico e frívolo.

Enquanto "sérios" (Bowie, Roxy, Mott, Lou, Iggy) gravavam álbuns venerados até hoje, exibidos fabulosos (Mud, Suzi Quatro, Slade, Gary Glitter, Sparks, The Sweet) faziam singles arrepiantes. Muitos pegaram o bonde andando e mais pareciam donos de botequim mal maquiados do que pop stars. Praticamente todos os artistas da época que possuiam algum senso, mesmo que não fosse de ridículo, tiveram sua fase glam (Stones, Faces, Elton John, Alice Cooper, Queen). Fracassos retumbantes (Jobriath, Roderick Falconer) e gênios incompreendidos (Roy Wood e seu Wizzard) tinham seus 15 segundos de quase-fama seguidos pela eternidade cult. *"Ziggy played guitar..."*



DAVID BOWIE
***THE RISE AND FALL OF ZIGGY STARDUST AND THE SPIDERS FROM MARS* (1972)**

Uma obra eterna apesar de, esteticamente, pertencer à época. Cheio de claros, escuros, depressão, melancolia, euforia, imaginação, tudo quase em realidade virtual. E ainda por cima com os arranjos e a guitarra paradisíaca de Mick Ronson. Mudou a vida de muita gente: quem domina o inglês e ouviu na idade certa sabe como. Bowie ainda faria mais três discos glam, *Alladin Sane* (1973), *Pin Ups* (1973) e *Diamond Dogs* (1974), e seguira numa carreira longa e frutífera, mas o mundo nunca esqueceu *Ziggy Stardust*.

T. REX
***ELECTRIC WARRIOR* (1971)**

O Tyranossarus Rex era uma dupla hippie acústica de algum sucesso até que, em 1970, Marc Bolan se reinventou. Arrumou outro parceiro, eletrificou o som, estourou e gerou quase uma beatlemania. Puxado por "Get It On (Bang A Gong)", *Electric Warrior* transformou Marc em símbolo. De quê, discute-se até hoje. O fato é que tanto *EW* quanto o LP seguinte, *The Slider* (1972), são obras-primas de poesia viajante e riffs à Chuck Berry. Marc morreu em 1977, em acidente de carro, sem repetir o brilho, queimado por dinheiro e champanhe fáceis. Mas a posteridade lhe foi generosa: o T. Rex hoje é a alucinação coletiva da qual todos gostam de lembrar.

ROXY MUSIC
***ROXY MUSIC* (1972)**

O Roxy deste primeiro LP parece vindo do planeta Glamour & Sofisticação. Misturando tudo, do pop mais pop à eletrônica de vanguarda, com ironia e inteligência, *Roxy Music* é um álbum assombroso. Não fossem as limitadas condições de gravação, seria perfeito. Sucesso nas paradas, agradava também aos mais mal-humorados universitários. Começa com barulho de festa (risadas, gelo batendo no vidro dos copos) e um convite/ordem para reinventar tudo. É impossível ouvir "Virginia Plain", "2HB", ou "Bitters End" e não ser transportado para um mundo paralelo onde a vida é bela, bem vestida e está tomando um daiquiri na beira da piscina.

ROCK

ível e maravilhosamente sem senso de ridículo

GARY GLITTER

***GLITTER* (1972)**

O peludo Gary já era meio velho e gordo quando gravou este álbum na cola do hit "Rock'N'Roll Part 2". O som ainda é impressionantemente primitivo/futurista, absolutamente original e irresistível. Misturando canções próprias e covers dos anos 50, o álbum parece ter sido feito por um imitador mutante de Elvis em uma Memphis de outra galáxia. Gary, lenda viva na Inglaterra, até pouco tempo fazia shows em estádios, cantando os mesmos hits de 25 anos atrás e ainda vestindo seus modelos de lamê apertadíssimos e botas plataformas. E tem a honra de ser o único cantor a ter um hit em que canta uma só palavra, "HEY!!!" Ultimamente anda tendo problemas com a lei. *Who cares? HEY!*

IGGY & THE STOOGES

***RAW POWER* (1973)**

Bowie praticamente forçou Iggy a reformar a Legião da Má Vontade (os Stooges) e ir a Londres gravar este clássico do descontrole emocional. Produzido por Iggy, que gastou a maior parte do orçamento em drogas, *Raw Power* é um album único na história do rock. Guitarras histéricas, letras violentas, performances sadomasoquistas e mixagem desequilibrada feita por Bowie (enquanto consumia as tais drogas) fazem dele a principal ponte entre o glam e o punk. Recentemente foi remixado por Iggy, mas a maioria dos fãs prefere a instabilidade original.

NEW YORK DOLLS

***NEW YORK DOLLS* (1973)**

Dizem que o New York Dolls era a única imitação dos Stones a ter um Mick Jagger e quatro Keith Richards. Que injustiça. A banda foi sucesso de mídia desde que pisou no palco pela primeira vez, graças ao visual drag queen viajando de ácido e às letras provocantes. Sexo, drogas e rock'n'roll no volume 11. Na época pensava-se que esse primeiro LP seria um sucesso estrondoso. Ledo engano. Mas o charme de músicas como "Personality Crisis", "Subway Train" e "Trash" perdurou e influenciou de Sex Pistols à Morrissey e tudo que veio depois.

LOU REED

***TRANSFORMER* (1972)**

Lou Reed andava meio sem rumo depois do fim do Velvet Underground, quando o incansável Bowie e Mick Ronson produziram e arranjaram este LP. O tema aqui é ambigüidade sexual, vida alternativa e o evangelho segundo Andy Warhol. O humor negro e ácido de Lou nunca esteve melhor do que em "Walk On The Wild Side", "Vicious" e "Make Up", seu lado romântico/neurótico nunca esteve mais sedado do que em "Perfect Day" e "Satellite Of Love". Até hoje, o Príncipe do Valium é obrigado pelos fãs a tocar ao vivo essas canções, constantemente regravadas.

MOTT THE HOOPLE

***ALL THE YOUNG DUDES* (1972)**

Depois de anos de shows lotados e fracasso comercial, o Mott estava decidido a encerrar a carreira, quando Bowie os convenceu a gravar sua composição "All The Young Dudes". Resultado: um hit planetário, hino incontestável do glam, e vida nova para a banda. O álbum homônimo, produzido por Bowie e Mick Ronson, foi feito às pressas, mal gravado e mal mixado. Talvez não seja o melhor do Mott, mas a presença de "All The Young Dudes" e o gênio lírico de Ian Hunter em "Sucker", "One Of The Boys" e "Sea Diver" garantem a imortalidade. Ian e o Mott, juntos e separados, ainda fizeram mais bons discos.

THE SWEET

***DESOLATION BOULEVARD* (1974)**

The Sweet era uma banda de singles como o Slade. Seus singles são tão maravilhosos que é até injustiça não colocar um Greatest Hits nesta lista. Mas por obra e graça desta versão americana de *Desolation Boulevard*, que reúne as melhores faixas de dois álbuns ingleses da banda (*Desolation Boulevard* e *Sweet Fanny Adams*), ficamos com este LP que soa bem até hoje. O engraçado é que, enquanto os ingleses viam o Sweet como banda inconseqüente, os americanos levavam a sério. "The Ballroom Blitz", a música mais famosa desse disco, foi sampleada por Beastie Boys (em Paul's Boutique) e volta e meia aparece em compilações dos anos 70.

SLADE

***OLD NEW BORROWED AND BLUE* (1974)**

O Slade era uma banda de singles. Suas músicas estavam sempre nos primeiros lugares da parada e no coração dos adolescentes, mas seus álbums não eram levados a sério. Besteira. Pelo menos três deles são ótimos: *Slade Alive* (1972), *Slade In Flame* (1974) e este. *Old New Borrowed And Blue* tem canções maravilhosas, arranjos pesadamente bacanas (as linhas de baixo do Jimmy Lea!), atitude e sinceridade. Dos inúmeros hits da banda, só traz a belíssima balada "Everyday", que foi sucesso até no Brasil. Infelizmente parece que naquela época ninguém era nascido...

Alvin L

Democracia

Discos independentes, CDs e fitas demo
Envie para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Sandra e os rapazes do Oh! Valerie: coquetel de emoções

Pinturas etílicas

A cantora e artista plástica Sandra Mendes é uma veterana da cena underground: já agitou algumas bandas nervosas em São Paulo. Uma delas, a Nave, chegou a ser contratada pelo prestigiado selo americano Grita!, montado por Jay Zyscrout, ex-baterista do Bad Religion. Agora morando no Rio, Sandra lidera o **Oh! Valerie** junto com o guitarrista Miguel, parceiro em todas as composições. Ambos dividem também o trabalho no bar do maior clube alternativo da Zona Sul carioca, a Bunker 94, onde ela cria drinques inusitados, como a gelatina de vodca que leva o nome da banda.

"Trabalho com gente no limite, sensíveis e bêbados. Essa emoção da noite está presente no meu som." Apesar disso, suas canções surpreendem pelo toque nostálgico e ensolarado: voz e guitarra mais flauta, baixo e bateria viajam por baladas pop e peso punk."Hoje sou mais *crooner*, rola um lance meio cabaré", define sandra, cuja voz lembra a de Siouxsie Sioux.

As letras – em inglês – possuem influências beatniks e abordam temas inusitados: "Copacabana" fala dos mendigos do bairro; "Riverside" comenta filmes de Francis Ford-Coppola; e "Norman Bates" é sobre alguém que vai matar a mãe. "Essa não é autobiográfica", esclarece Sandra. **Contatos: (21) 548-7201**
Wagner Filho

Cavaco espacial em batuque especial

Quando cantar samba era proibido e formar uma roda dava cadeia, **bangalafumenga** era a senha que indicava onde e quando seria o clandestino pagode. Ha dois anos, esse codinome historico batizou um bloco de carnaval criado por Chacal, poeta e agitador cultural carioca. Desfilando pela orla do Rio, a turma já arrastou bambas como Fernanda Abreu, Lenine e Pedro Luís. Hoje, é nome de baile na sede do glorioso Botafogo de Futebol e Regatas.

Durante o resto do ano, os integrantes do bloco se encontravam para levar cirandas, jongos e maracatus. E o som acabou partindo do samba para a mistureba geral de ritmos brasileiros. Até rock e o "repente carioca" (como eles chamam o rap praticado nos morros e suburbios do Rio) entraram na parada.

A formação atual da banda Bangalafumenga tem Rodrigo Maranhão na voz e no "*space* cavaco" (um genial cavaquinho comcaptador de guitarra), Thiago de Sabbato no baixo, e os percussionistas André Moreno, Dudu Fontes, El y Werneck e André Bava castigando mais de 20 instrumentos diferentes. O primeiro CD demo da banda tem oito músicas e batuques irresistiveis, como "Quebra-quilos", "O Dono Da Boia" e "Ciranda". **Contatos: (21) 239-1914**

Bangalafumenga: samba e batuques siderais

Pullovers: meiguice pop com boas influências

Underground fofinho

O grupo paulistano **Pullovers** nasceu de uma teimosia. O vocalista Luiz Venâncio e o baterista Daniel Hirata queriam formar uma banda, desde que os outros integrantes fossem do sexo feminino. "A mulher tem mais sensibilidade", justifica Luiz, que encontrou a guitarrista Marianne, a baixista Ana Carolina e fechou a formação. Eles estão juntos há menos de um ano, mas já lançaram uma fitinha sonora e graficamente muito meiga, *Teenage Darling*. Docinhos como "Korea Lamem", "You Don't Know How Sweet You Look Like" e "I'm Not A Nazi" entregam as influências da banda. "Ouvimos muito Belle & Sebastian, Pavement, Teenage Fanclub... E até bossa nova, mas não conta pra ninguém!", sorri o vocalista, que divide o microfone com Ana Carolina. Se você busca candura, corra atrás dessa demo.
Contatos: Tels.: (11) 7083-5816 e (11) 268-4662; e-mail: pullovers@hotmail.com

Electric Sorocaba

Os sorocabanos do Wry andam roubando tietes do Jota Quest

Fotos: Divulgação

Como no videogame, Mario Bross está passando de fase. O vocalista do **Wry**, banda sorocabana de ótima reputação na cena indie, constata a evolução e anuncia novos rumos. Após seis anos fazendo shows eletrizantes, o quarteto lançou o primeiro disco, *Direct*. Conseguiu até abrir para os gringos Man Or Astro-man? (o guitarrista Blaza elogiou), Make Up e Superchunk. Canções como "Distancity" e "New Radio Station" foram lapidadas nas últimas apresentações e devem aparecer no novo álbum, que sai este ano. Jane's Addiction e Sonic Youth estão entre as influências do Wry, a primeira banda sorocabana a se destacar desde Vzyadoq Moe. "Uma vez, abrimos um show do Jota Quest na nossa cidade. Tinha umas 6 mil pessoas. Dias depois, três meninas de Boituva (SP) me disseram que tinham ido ver o Jota Quest naquele dia, mas que tinham gostado mais da gente", sacaneia Bross. É o pop perdendo fã para o indie rock. **Contatos: Tels.: (15) 233-2955 e (15) 233-8932; e-mail: wry@uol.com.br**

Raio-D

Um exame nas demos mais interessantes do mês

Farrapo Joe

Som: rock experimental
Origem: Brasília, DF
Auto-retrato: "É rock progressivo do cerrado. Psicodélico e sempre buscando algo novo, usando novos instrumentos. Em Brasília está rolando essa onda setentista. É espontâneo, o inconsciente coletivo se manifestando. Também admiramos muito os Beatles e gostaríamos de evoluir como eles".
Resumo crítico: A demo intitulada *Capa Branca Com Milhinho No Meio* é feita artesanalmente. Tem um quê de Frank Zappa, principalmente na melodia de "Labirinto".
Produção: Boa
Contatos: Tel.: (61) 248-5675; e-mail: impaciente66@hotmail.com

Momento 68

Som: Psicodelismo pop
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "O trabalho é totalmente ligado ao psicodelismo dos anos 60, gravado de forma lo-fi, como Guided By Voices e Mercury Rev fazem ainda hoje. Meio pop, meio valsa, com letras surreais e versões em português para músicas de Troggs e Syd Barret".
Resumo crítico: Momento 68 é o projeto lisérgico de Sandro, ex-The Charts, com o maluco gaúcho Plato Divorak (Lovecraft). "1-3-4 O'clock", divertido rock co-escrito por Frank Jorge (Graforréia Xilarmônica) é o grande momento da demo.
Produção: Boa
Contatos: Tel.: (11) 3862-4768; site: http://slag.sekure.org

Divine

Som: Pop guitar rock
Origem: Brasília, DF
Auto-retrato: "Melodias simples e bem pops. Ouvimos Primal Scream, Nirvana, Super Furry Animals, Pandoras, bandas de garagem dos anos 60 e abordamos temas da cultura pop. Rezamos na cartilha que diz que letras boas casam bem com rock'n'roll".
Resumo crítico: *Lo-fi* é a demo mais power pop desse quarteto, que se prepara para lançar um compacto de surf music. Atenção para as letras de Cláudio Bull e a delicadeza das bases musicais.
Produção: Boa
Contatos: Tel.: (61) 223-0271; e-mail: divine@sagres.com.br

De Alanis a Raimundos, as melhores imagens em 10 pôsteres inesquecíveis

Apenas R$ 5,50

Abril 5 anos

CD GRÁTIS!

Nas bancas.

Para tirar pica-pau do oco

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

No quarto disco por uma grande gravadora, Beck cala a boca de seus detratores com balanços letais

BECK
Midnite Vultures 9
Universal

Ilustração Fê x Reners

A maior frustração musical de 1999 foi a não vinda de Beck ao Brasil. Esta ausência nos privou de assistir a um dos raríssimos artistas "do bem" que apareceram na finada década. Surgido em 1994, com a explosão do hino "Loser", o americano Beck Hansen criou uma marca absolutamente única. Sua mistureba está longe de ser previsível e sem gosto como a maioria dos liquidificadores sonoros que andaram nos aterrorizando nos últimos anos.

Não adianta você ter a banana, a aveia e o leite. Se não souber equilibrar direito e, ainda, adicionar na moita uma baunilha (?!), a vitamina vai ficar um lixo. Os ingredientes usados por Beck são óbvios e já foram testados sem sucesso por uma centena de outras estrelas do pop – funk, psicodelismo, putaria, eletrônica, nonsense, etcetera etc.

O engraçado em relação a Beck é que ainda existe, por parte de alguns, uma certa dúvida quanto a seu talento como músico e produtor. A inclusão de seu nome em uma possível lista de artistas definitivos está sempre sendo adiada até o próximo lançamento. Pois então, com este *Midnite Vultures* (seu quarto álbum por uma grande gravadora), a espera dá de cara com uma parede de concreto.

Aos primeiros segundos, "Sexx Laws" mostra o cartão de visitas – naipe de metais à Dexys Midnight Runners, banjo e steel guitar "embolados" a um ritmo de tirar pica-pau do oco e uma letra que poderia ter sido assinada por um tal de Robert Zimmerman (o popular Bob Dylan), puxada por um vocal totalmente setentista.

Como sempre, se ligar na produção dos discos de Beck é um prazer especial. A maneira como as vozes são gravadas e mixadas é uma aula de criatividade. O emprego de ruídos e afins destoa de qualquer outra tentativa "antenada" exatamente por seu acerto enxuto. A terceira faixa do disco, "Mixed Bizness", salta como uma daquelas músicas em que se pode confiar para animar qualquer festa (*N. do E.: a reação do povo no embalo Ronca-Ronca, que o autor deste texto comanda aos sábados, no Barman Club, no Rio de Janeiro, comprova a afirmação*).

Ao invés de se recorrer a "Satisfaction" (Rolling Stones), "Sex Machine" (James Brown), "Brown Paper Bag" (Roni Size) ou "Conga Conga" (Gretchen), tente aplicar aos desanimados uma dose letal de Beck. Ao todo são onze composições para seu verão se tornar inesquecível – ao som do que há de mais antiquado e pioneiro na música ocidental.

Mauricio Valladares

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

Fotos Divulgação

Jupiter Apple, pronto para conquistar o mundo com seu som lounge

Males do sul

JUPITER APPLE
Plastic Soda (9)
WANDER WILDNER
Buenos Dias! (8)
Matraca/Trama

O bardo gaúcho Wander Wildner ataca de intérprete em seu segundo disco. Foram-se as baladas, mas o sangue continua com a habitual tosqueira em "Eu Queria Morar Em Beverly Hills", dos recifenses do Paulo Francis Vai Pro Céu. A crueza do menestrel aparece em "Refrões", ode a artesãos como Neil Young e Júpiter Maçã, citado como aquele que "desenha cogumelos". Deve haver algo errado na água de Porto Alegre, mesmo: sofisticado e autoral, o disco em inglês de Júpiter Maçã incrementa o psicodelismo de sua estréia, *A Sétima Efervescência*, com bossa nova, jazz, pop francês e ficção científica. Convertido em Jupiter Apple, em tramas e dosagens diferentes para dar sua visão de futuro do passado. O efeito é psico-samba-lounge cadenciado pela batida do violão ("Collector's Inside Collection", "Welcome To The Shade", "Samba Groovy Theme") alternado com demências como "A Lad & A Maid In The Room" ou "Head-Head".
Emerson Gasperin

Psicodelismo falado em gringo

Por que você gravou em inglês?
Jupiter Apple: Eu estava a fim de uma coisa um pouco mais expansiva, de "desfronteirização", e o inglês é o que mais se encaixou nisso. Esteticamente, para esse projeto a língua caiu como uma luva. Além disso, as canções "apareceram" para mim nesse idioma.

Quais as diferenças entre esse disco e o anterior?
Dois anos e meio de experimentalismos que se refletiram na minha obra. *Plastic Soda* não é tão deslumbrado na psicodelia, mas é mais fechado na busca de um sentido... Não quis fazer um disco cerebral, mas nesse eu pensei mais, sem perder o feeling.

Queria um disco que casasse psicodelia com bossa.

Por que você disse que *Plastic Soda* traz um "super-som"?
Porque é uma produção pobre, mas com resultados de superprodução. Todo mundo que se envolveu no disco estava muito inspirado.

COUNTING CROWS
This Desert Life (7)
Geffen/Universal

Não é nada, não é nada, tem seu valor

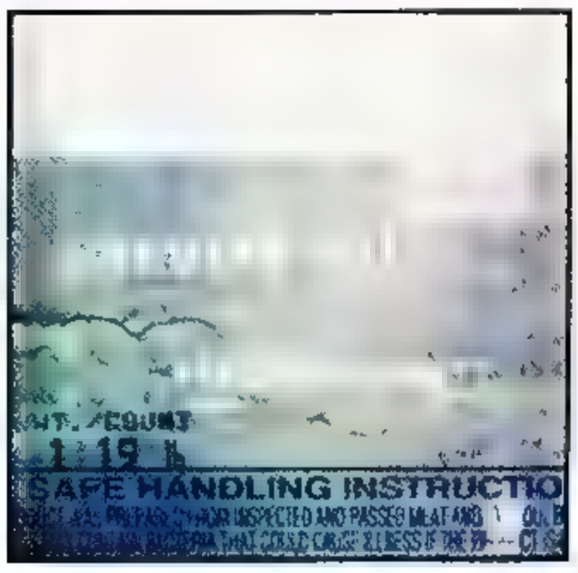
Os Counting Crows nunca negaram a influência que o R.E.M. exerceu em seu estilo musical, de melodias simples construídas a partir de espertas linhas vocais e instrumentais, com nítida inclinação para o country rock. Adam Duritz se parece com Michael Stipe, tanto no timbre único como nas letras enigmáticas e extremamente intrincadas. O guitarrista David Bryson emula na cara dura o fraseado esperto de Peter Buck. Isso fica claro em *This Desert Life*, o terceiro álbum de estúdio deste sexteto de San Francisco. A canção de trabalho, "hanginaround" (assim mesmo, emendado e com minúsculas) realmente gruda gostosamente no ouvido, assim como "Mrs. Potter's Lullaby" (que lembra o som com levada folk de Simon & Garfunkel), a balada psicodélica "3High Life" , a irônica "I Wish I Was A Girl" e "Speedway" (com ecos de Gram Parsons). Entretanto, nenhuma delas logra ter o mesmo apelo comercial de "Mr. Jones", sucesso que projetou o grupo em 1993.
Celso Pucci

TORI AMOS
To Venus And Back (7)
Warner **IMPORTADO**

A voz da americana inteligente em CD duplo

Onde Lauryn Hill é mero ritmo (roubado, geralmente) e panfletarismo primário, ela é melodia exuberante e belas canções que falam de sexo com poesia e originalidade. Onde Alanis Morissette é historia e esoterismo barato, ela é suavidade e misticismo elevado. Por essas e outras, mesmo fora de megaesquemas de divulgação, Tori Amos é adorada por homens e mulheres de todas as idades nos EUA.

Este seu sexto álbum, duplo, reúne dois discos diferentes: *Orbiting*, todo de inéditas, feito em estúdio, segue a linha de *From The Choirgirl Hotel*, de 1998, com menos inspiração. Tori poderia muito bem passar sem os loops pesados e efeitos eletrônicos que poluem algumas de suas melodias: brilha muito mais em "Bliss", "Lust" (com uma bela visão sobre o palpitante tema sexo no casamento) e "Josephine", onde a voz de fada e as mãos de anjo ao piano estão mais nuas e cruas. O disco ao vivo, *Live, Still Orbiting*, traz três canções jamais registradas: "Waitress" e as emocionantes "Cooling" e "Cornflake Girl" (favorita em shows da cantora há muitos anos). A banda, que ela apresenta como "meus maravilhosos irmãos aqui no palco", reproduz bem arranjos como o de "Precious Things". Mas o maior argumento para levar mais um disco da deusa Tori Amos para casa está na voz e nos versos sublimes de "Girl", "Sugar" e "Purple People", lindas de chorar.
Pedro Só



GRAVITY KILLS
Perversion (8)
Trama

Feras da indústria seguem apostando na novidade

O Gravity Kills despontou lá fora com o single "Goodbye", da trilha sonora do filme *Mortal Kombat*. A banda ainda estava sem gravadora e mandou a música na última hora, torcendo para cair em ouvidos certos. Daí veio o contrato e o álbum de estréia *Gravity Kills*, de onde saiu o single "Guilty", que foi parar em outra trilha, a de *Seven*. Com Perversion, a banda consolida-se como uma das melhores crias do rock industrial americano. Construindo suas músicas em torno das guitarras, ao invés de centralizar o som nas batidas eletrônicas, o Gravity Kills consegue agradar a metaleiros e tecnófilos não-puristas, que gostam de ver os limites de seus estilos serem renovados. O melhor fica com "Crashing" (ao estilo de White Zombie), a pesada "Wanted", o single "Alive" e a dançante "One".

Andréa Estevam

SYMBOLS
Symbols (7)
Independente

Estréia de grupo de metal melódico brasileiro

O primeiro disco do Symbols nem sempre reproduz a ferocidade da banda no palco, mas mostra bem do que são capazes os irmãos Tito e Eduardo Falaschi, (violão, baixo e vozes), Rodrigo Arjonas e Demian Tiquez (guitarras), Rodrigo Mello (bateria) e Marcelo Panzardi (teclados e vocais). Com aquela garganta de Bruce Dickinson (ele foi finalista do concurso para substituir o cantor quando este saiu do Iron Maiden, em 1994), Eduardo passeia pelas oitavas ao lado das guitarras e dos teclados, sempre na dose certa, em canções pesadas como "Scream Of People" e "Eyes In Flames" e em belas baladas como "Hard Feelings" e "You" Só falta aos meninos encontrar uma cara mais pessoal (o som ainda lembra muito Iron e Angra) para inflar ainda mais o orgulho brasileiro de quem os ouve.

Bernardo Araujo

Peixões no laguinho

MAKE UP
Save Yourself (8)
DUB NARCOTIC SOUND SYSTEM MEETS THE JON SPENCER BLUES EXPLOSION IN A DANCEHALL STYLE!
Sideways Soul (4)
K/Motor Music

Começam a sair no Brasil os discos do selo K Records, responsável pela revelação de muitos artistas importantes na cena dos EUA. Destes dois primeiros lançamentos, um é ótimo, o outro é engodo. O Make Up, quarteto de Washington, está sendo incensado sob a alcunha gospedelic (gospel + psicodelismo) e merece ser ouvido. Em seu sexto álbum, *Save Yourself*, a soul music e o rock de garagem dos anos 60 gritam em faixas como "White Belts" e "The Prophet". Quando o tema não é religioso, eles vão fundo na sacanagem. Na lasciva "C'mon, Let's Spawn", Ian Svenonius canta: "Quero ser o peixão/ no seu pequenino lago/ vamos procriar!". Dá até pra perdoar a versão de "Hey Joe" no fim do CD, já que eles dão novo contexto ao enredo da música. Já o encontro de Calvin "Dub Narcotic" Johnson com Jon Spencer não dá caldo. Em pique de jam session lesada, os amigos vão reaproveitando os riffs de *Acme*, disco da Blues Explosion produzido pelo mesmo Calvin. A introdução de "Banana Version" tem a mesma levada de "Bernie", "Diamonds" é contruída sobre a base de "Calvin", e por aí vai. Ou seja: rebordosa total.

José Flávio Júnior

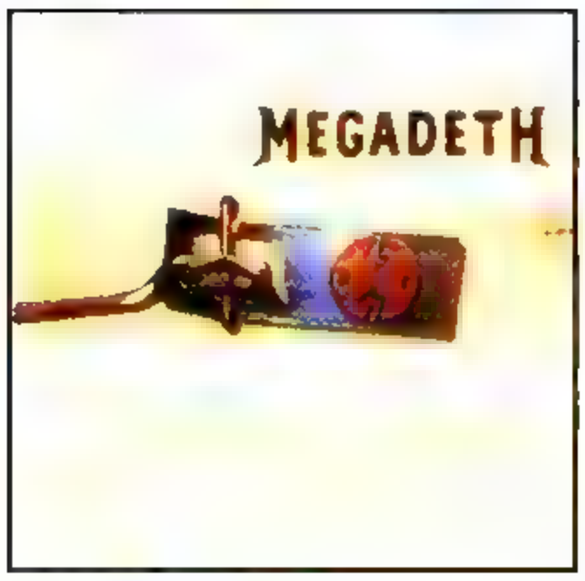
Barulho de menos

FOO FIGHTERS
There Is Nothing Left To Lose (9)
Roswell/BMG

No primeiro disco, tudo era muito ligado ao grunge. No segundo, o peso tomou conta. Só no terceiro álbum é que Dave Grohl sacou a quantidade exata de barulho necessária para que o Foo Fighters deixasse de ser chamado de "a banda do baterista do Nirvana": nenhuma. É um tremendo papo-furado alegar que o disco foi gravado sem pressão em uma casa transformada em estúdio, na Virgínia (EUA), para justificar as melodias das canções, mas não se encontra outra explicação. Certo, "Stacked Actors" abre o álbum a coices supostamente endereçados a Courtney Love, mas a partir daí o clima reinante é pop. Fácil (tente esquecer o refrão de "Learn To Fly"), variado ("Generator" ressuscita a beat box que Peter Frampton imortalizou, enquanto "Aurora" resvala no pós-punk) e de qualidade – "Live-in Skin", "Next Year", "Headwires" e "Ain't It The Life" são tão doces, mas tão doces, que lembram o Teenage Fanclub. Todas as músicas podem rolar sem causar nenhum choque aos seletos ouvintes, para felicidade das rádios. Afinal, a última vez que se viu tantos hits em um disco foi em *Seu Espião*, a estréia do Kid Abelha.
Emerson Gasperin

O Foo Fighters descobre, finalmente, sua verdadeira vocação musical

Divulgação BMG



MEGADETH
Risk (6)
Capitol/EMI

Banda de Dave Mustaine perde peso e qualidade

O nome Risk (Risco) vem de um bate-boca do cantor e guitarrista do Megadeth, Dave Mustaine, com o baterista Lars Ulrich, de sua ex-banda, o Metallica, que declarou que o Megadeth "não era de se arriscar". A expectativa era que o Megadeth lançasse um disco comparável ao Álbum Preto do Metallica, de 1991, que tirou a banda do gueto heavy e a colocou no topo do planeta. Não deu exatamente certo. O novo CD é mais acessível do que, por exemplo, os excelentes Cryptic Writings e Countdown To Extinction, e isso não é mau. O problema é que as canções não são tão boas quanto a média de um disco do Megadeth. A coisa começa bem, com "Insomnia" e seu fraseado oriental, a malvadona "Prince Of Darkness" e o hino "Crush'em", que Dave compôs para a Liga Americana de Hóquei. Mas, quando resolve ser mais pop, o moço não se dá tão bem. É o que se ouve em "Ecstasy", com seu violãozinho tipicamente Roupa Nova, na esperançosa "I'll Be There" e em "The Doctor Is Calling". Isso sem falar na semelhança desta última com várias canções do Metallica, como "One", "For Whom The Bell Tolls" e "(Welcome Home) Sanitarium". Um disco fraco, Mustaine poderia – e deveria – fazer coisa melhor, ao invés de ficar se preocupando apenas e tão somente com o som dos outros...
Bernardo Araujo

MILTON NASCIMENTO
Uma Travessia Musical (7)
Reader's Digest Música

Coleção mapeia o melhor do compositor

Enfim, uma coletânea decente de Milton Nascimento. Esta coleção de 5 CDs, vendida por telefone (514-2100 para quem mora no Rio e 0800 263646 para o restante do país) ou pela internet (www.selecoes.com.br) traz ao todo 70 gravações, quase todas originais – alguns registros são ao vivo –, cobrindo a passagem do cantor e compositor pelas gravadoras EMI, PolyGram e WEA – apenas as da Sony ficaram de fora; menos mal, pois representam a pior fase do artista. *Travessia*, o primeiro CD, traz canções da segunda metade dos anos 60 e que o projetaram, entre elas "Morro Velho" e a própria "Travessia". *Clube da Esquina* resume o trabalho de Milton ao lado dos compositores mineiros, com destaque para "Cálix Bento" e "Nada Será Como Antes". Em *Certas Canções* encontra-se parte da produção do artista nos anos 80, com músicas como "Caçador De Mim" e "Beijo Partido". Grandes Encontros inclui duetos de Milton com, entre outros, Elis Regina ("O Que Foi Feito Devera"), Clementina de Jesus ("Circo Marimbondo") e Chico Buarque ("O Que Será"). *Vivendo De Amor e Paixão*, o último CD, inclui "Milagre Dos Peixes" e "Menestrel Das Alagoas". Acompanha os discos um livreto de 92 páginas, com fotos primorosas, as letras de todas as músicas, dados biográficos bastante detalhados e uma curiosa entrevista de Milton a Márcio Borges, repleta de histórias interessantes sobre o cantor e compositor.
Toninho Spessoto

TOM JONES
Reload (6)
V2/Roadrunner

O velho crooner em boas – e más – companhias

As bandas novas vivem dizendo que o amam, ele é citado em refrões de britpop e costuma se dar bem quando grava música contemporânea. Assim sendo, este disco de duetos unindo a nova guarda do pop rock britânico e adjacências ao velho crooner galês Tom Jones acaba não sendo tão picareta. *Reload* sugere uma nova bombada na carreira do cantor, mas deve ser consumido pela garotada com apetite kitsch (mas com todo o respeito). Tem muita coisa inusitada, algumas inevitáveis derrapadas – parceiros malas, músicas mal escolhidas – e... versões até melhores do que as originais! Jones está totalmente à vontade ao lado de Robbie Williams em "Are You Gonna Go My Way", de Lenny Kravitz, turbinada por metais. "All Mine", do Portishead, ganhou uma versão dilacerante na voz do mestre, ao lado do Divine Comedy. Os conterrâneos também não fazem feio. James Dean Bradfield, do Manic Street Preachers, duela com o ídolo em "I'm Left, You' re Right, She's Gone" para ver quem tem o vocal mais emocionante e Cerys Matthews, do Catatonia, faz charminho em "Baby It's Cold Outside", clássico do jazz romântico, gravado originalmente por Ray Charles e Betty Carter, no início dos anos 60. A seleção tem ainda Stereophonics, Van Morrison, Cardigans, Pretenders e outros grandes artistas pagando tributo. Ou, dependendo do caso, pagando mico.

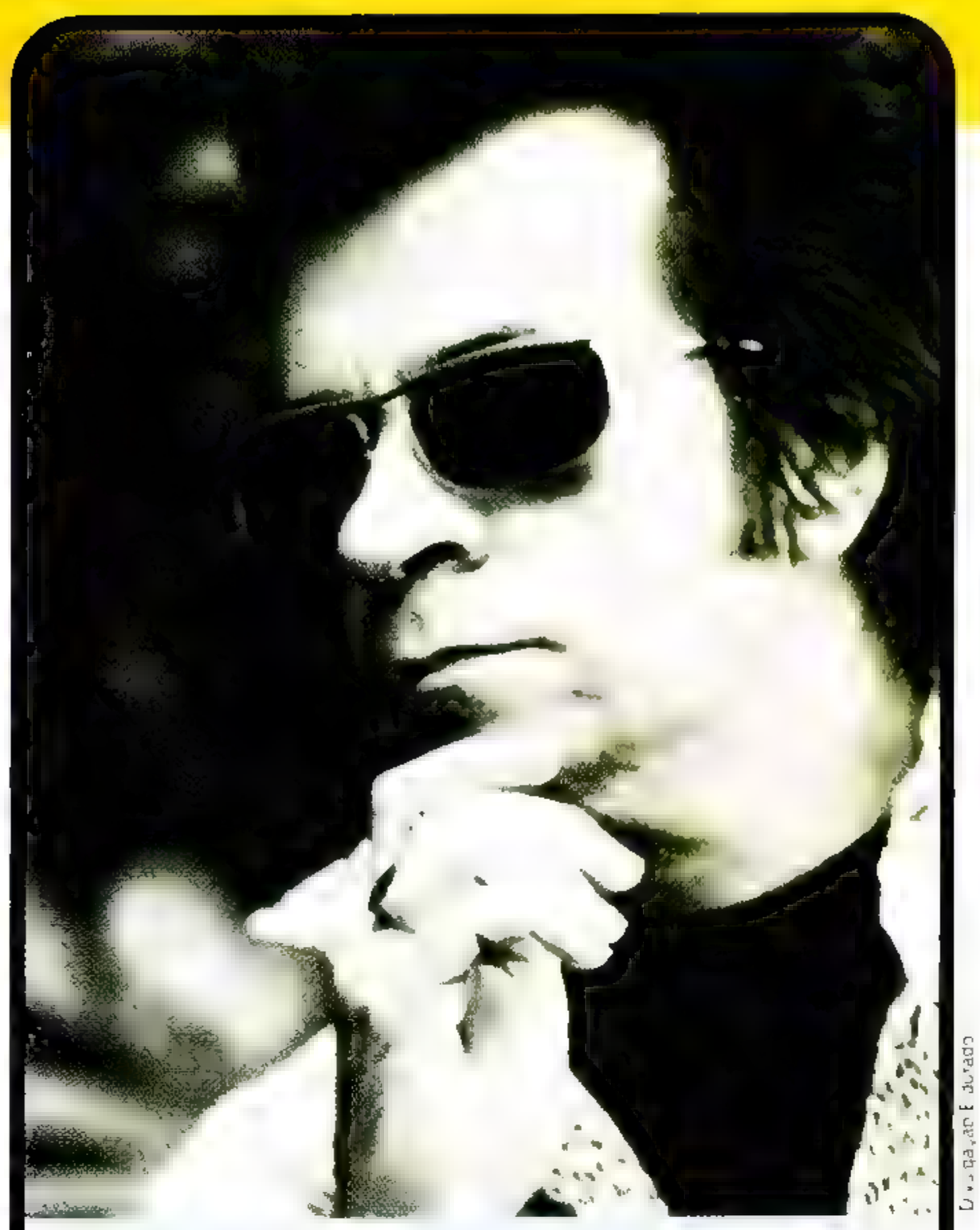
José Flávio Júnior

JAMES
Milionaires (7)
Universal

Banda inglesa tenta se equilibrar na inconstância

Infelizmente, o James não foi lembrado nas listas dos melhores da década. A inconsistência de seus integrantes sempre atrapalhou a produção de um álbum perfeito, que é insistentemente cobrado pelos fãs. E a história se repete neste novo CD, *Milionaires*, o segundo produzido por Brian Eno. "Crash", a primeira faixa, tem joguinhos de palavras, citação literária e consegue fazer você dançar. A extraordinária "Vervaceous", que conta com a participação de Sinead O' Connor, começa com um vocal tocante de Tim Booth, que, aos poucos, vai crescendo e envolvendo cada vez mais o ouvinte. Outros bons momen tos do álbum são "I Know What I'm Here For", "Dumb Jam" e "Someone's Got It In For Me". O problema é que canções fraquinhas e bobas como "We're Going To Miss You", que parece mais um hino tosco de Copa Do Mundo, e "Afro Lover", uma apologia fútil ao capitalismo, só estão no álbum para ocupar espaço e ofuscar um pouco o brilho que a banda possui.

Juliano Zappia



MARCELO NOVA
Grampeado Em Público – Volume 1 e 2 (8)
Baratos Afins

Marceleza é porreta. Tanto que, apesar de baiano, desdenha a axé music, preferindo se remeter a lendas do rock como Jerry Lee Lewis e Bob Dylan.

Apesar de ter uma respeitável carreira solo (ainda que mal divulgada), desde os tempos do Camisa De Vênus, um dos grandes trunfos de Marcelo sempre foi a presença de palco. Estes dois CDs comprovam que, ao vivo, ele continua a apresentar shows empolgantes. Gravados durante um show em Jandaia do Sul, no Paraná, os discos não têm o mínimo retoque, vão direto na veia. A banda – Johnny Boy (guitarra), Lu Stopa (baixo) e Denis Mendes (bateria) – ajuda a dar pique às canções de Marcelo. No Volume I, destacam-se "Faça A Coisa Certa", "Quando Eu Morri" e "A Ferro E Fogo". No segundo há "Coração Satânico" (com 16 minutos), "Gotham City", "O Adventista" e "Só O Fim". É rock'n'roll cru, sem disfarces.

Celso Pucci

O verdadeiro padre Marcelo

SHOWBIZZ: Como surgiu a idéia de lançar dois CDs gravados ao vivo por um selo independente?
Marcelo Nova: Decidi criar uma discografia alternativa, sem vínculo com nenhuma grande gravadora. Outros volumes virão, tenho gravado várias músicas ao vivo, às vezes com a banda, outras, solo.

A regravação de "O Adventista" seria uma homenagem aos padres cantores que tomaram de assalto a mídia?
Eu sou o verdadeiro padre Marcelo. Em 1988, escrevi com o Raul uma canção profética, "Pastor João E A Igreja Invisível", que detonava essas seitas. Tudo o que estava ali acontece hoje.

Você lida bem com o assédio do público?
Esse negócio de adoração, de idolatria, não é a minha praia. Outro dia, chegou um fã e, sem mais nem menos, simplesmente se jogou aos meus pés. Depois do susto, eu disse: "Sai pra lá, meu filho. Eu sou baiano, mas não sou Caetano".

Questão de opção

Tennant e Lowe, repetindo a mesma fórmula: sabor de coisa requentada

PET SHOP BOYS
Nightlife (6)
Parlophone/EMI

Neil Tennant e Chris Lowe estão mais para Pet Shop Sirs do que Boys. O som deles ainda oferece a mistura de disco, dance-pop e tecno que desce macia e quase reanima. Só que é uma fórmula que parou no tempo.

Há uma década, eles falavam de sexo, amor, baladas e dor de cotovelo. Em *Nightlife*, ainda é a mesma coisa, mas isso não quer dizer que seja um disco ruim. As melodias são bem trabalhadas e os arranjos, em grande parte executados pela Orquestra de Londres, competentes. "Happiness Is An Option", construída sobre a peça sinfônica "Vocalise", de Sergei Rachmaninov, usa batidas de rap e refrão de R&B. O single "New York City Boy" ganha força graças à sonoridade do disco. "Closer To Heaven" destaca-se mesmo seguindo todos os ensinamentos da Cartilha Pet Shop Boys De Como Fazer Música e "In Denial" vale pela curiosidade de se poder ouvir, depois de um longo hiato, a australiana Kylie Minogue, aqui duetando com Neil Tennant. Para os fãs carentes, já deve ser suficiente. Para quem gosta de surpresas, melhor procurar maiores emoções em outros lançamentos.

Andréa Estevam

LOBÃO
A Vida É Doce (9)
Universo Paralelo

Declaração de independência de alta classe

Se você leu as últimas edições de SHOWBIZZ, acompanhou a saga de Lobão. Do seu alardeado abandono pelas grandes gravadoras à iniciativa de fazer um disco em esquema independente. Se aliou a uma produtora, se precaveu judicialmente, inventou um selo e lançou um novo produto: a revista *Manifesto Lobão* acoplado ao CD inédito e interativo *A Vida É Doce*, que sai devidamente numerado, para evitar fraude e pirataria. Será que de todos os artistas nacionais só Lobão ouviu Portishead, Nine Inch Nails e Massive Attack? Quem conhece as últimas "preciosidades" de Paralamas ou Titãs sabe a resposta.

A bachariana "Vou Te Levar", "Universo Paralelo" (essa é beeem Portishead – chamem a Beth Gibbons!), a paulada "Tão Menina", "Pra Onde Você Vai" e a faixa-título (com seu verso desesperado "Me perdoa/A vida é doce") estão entre as dez melhores músicas de sua carreira. Depois de uma temporada em coma no início de 1999 e de não conseguir diálogo com seus colegas de profissão, só podia vir algo nesse nível.

Trip hop em português pode causar certo estranhamento, mas todo mundo não achou o máximo quando Otto fez tecno? A trilogia de *Nostalgia* e *Noite* está fechada. Aprendam a lição.

José Flávio Júnior

ZZ TOP
XXX (8)
RCA/BMG

Trio moderniza o som sem perder as raízes

Não há como pedir fidelidade às raízes ao ZZ Top. Seu som, cruzamento bizarro entre a tradição e a tecnologia, está bem expresso em XXX, 13º álbum de uma bem-sucedida carreira. Há várias versões para o nome do disco: pode se referir aos 30 anos do grupo, àquela classificação usada pelo governo americano para filmes pornográficos ou mesmo a uma marca de cerveja mexicana apreciada pelo grupo – o que parece ser o mais provável, diga-se. Mas no campo musical, este disco representa as duas faces do ZZ Top. Riffs de guitarra poderosos e sintetizadores bem colocados convivem pacificamente nas oito faixas gravadas em estúdio, que são completadas com quatro registros ao vivo. Entre as canções inéditas se destacam "Poke Chop Sandwich" (dedicada ao baterista do bluesman Lightnin' Hopkins, Spider, que sempre trazia um prosaico sanduba de pernil em seu kit), "Fearless Boogie" e "Trippin'". Nas faixas ao vivo, o melhor mesmo é a versão para o velho hit de Elvis, "(Let Me Be Your) Teddy Bear". Mas a grande curiosidade é a participação exclusivamente vocal de Jeff Beck em "Hey, Mr. Millionaire", numa das raríssimas vezes em que o guitarrista abriu a boca no microfone em sua longa carreira.

Celso Pucci

PEPEU GOMES

Meu coração (7)

Trama

Guitarrista sai da tomada e faz disco de primeira

Pepeu Gomes tenta fazer as pazes com o sucesso em seu novo disco. Curiosamente, o baiano troca a guitarra pelo violão ao regravar seus grandes sucessos e apresenta duas inéditas ("Dono de Mim" e "O Que É Que Você Quer Comigo?"). O trabalho é um unplugged sem a marca e o público da MTV. E funciona. Pepeu usa a sonoridade acústica para realçar as harmonias e melodias de, entre outras, "Mil e Uma Noites de Amor", "Malacaxeta II", "Masculino e Feminino", "Eu Também Quero Beijar", o reggae-maconhado "O Mal É O Que Sai da Boca do Homem" e a caribenha "Sexy Yemanjá". Bacana também a releitura de "Garota Dourada". O sucesso do grupo Rádio Taxi perde a breguice pop original e ganha um verniz bossa-novista.

Hagamenon Brito

GLENN HUGHES

The Way It Is (8)

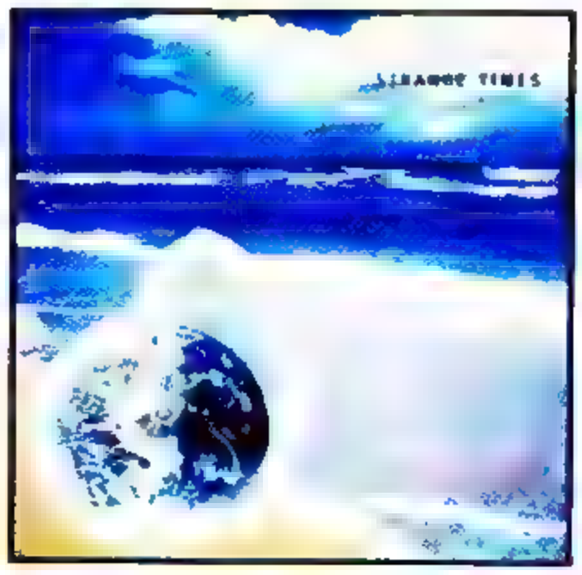
Rock Brigade

Ex-baixista do Deep Purple em seu melhor CD solo

Com a mãozinha de amigos de resposnsa como Keith Emerson (Emerson, Lake & Palmer) nos teclados e o ex-Guns'n'Roses Matt Sorum na bateria, Glen Hughes une adrenalina de iniciante e experiência de veterano em seu novo disco.

O negócio aqui é hard rock de primeiríssima em faixas como "You Kill Me" (em clima de "Black Dog", do Led Zeppelin), "Neverafter", "Second Son" e "The Way It Is". Seu vozeirão brilha especialmente em "Rain On Me", "Don't Look Away" e "Curse". Justiça seja feita ao excelente guitarrista Joakim Marsh, que co-assina o álbum e dá um banho de sensibilidade e peso. Curiosamente, "Freedom", de Jimi Hendrix, proporciona os dois pontos chinfrins do CD: primeiro em uma releitura sem sal e, ao final, em remix frouxo assinado por Laurence Tolhurst, ex-The Cure.

Carlos Eduardo Oliveira



THE MOODY BLUES

Strange Times (7)

Universal

Ex-progressivos seguem em frente sem complicar

Este disco vai agradar aos antigos fãs do Moody Blues e pode até atrair a nova geração. Inclui as indefectíveis baladonas ("Love Don't Come Easy", "Foolish Love", "Strange Times") ao lado dos inevitáveis roquinhos ("English Sunset", "Sooner Or Later"). O repertório traz, ainda, referências a trabalhos anteriores da banda. "Words You Say" parece saída de *Days Of Future Passed* (1967), o disco mais psicodélico dos MB. "The Swallow" e "The One" lembram On The Threshold Of A Dream (1969), álbum de country rock. É música bem feita, sem qualquer ranço saudosista.

Ayrton Mugnaini Jr.

Fotos Divulgação

VARIOS

Austin Powers – The Spy Who Shagged Me More Music From The Motion Picture (8)

Warner Music

Austin Powers Original Soundtrack (7)

Hollywood/ Roadrunner

Graças ao processo de redescoberta de outrora mal-afamadas vertentes dos anos 60 (baladas easy listening, jazz pop para dançar, psicodelia ligeira e bossa nova, estilizada ou não), o chamado mundo fashion da música anda escutando coisa boa. Mesmo que você não goste de Mike Myers e não esteja nem aí para o seu coeficiente de modernidade, vale se ligar nos sons de Austin Powers.

Nesta segunda trilha de O *Espião Bond Cama*, a contemporaneidaide do Lords Of Acid recupera via sampler "Tu Veux Ou Tu Veux Pas". A faixa gravada por Brigitte Bardot na década de 60 vem a ser versão da pilantragem (no bom sentido: o do mix bossa hully gully inventado no Brasil) "Nem Vem Que Não Tem", do bravo Carlos Imperial. Mas nem a melhor das reciclagens, nem mesmo o impagável tema do Dr. Evil tocado pelos They Might Be Giants, tem a força de "Time Of The Season". Lançada em 1967, a canção dos Zombies fica anos-luz à frente da interpretação de Scott Weiland incluída na primeira trilha. E vale a denúncia: a ótima "Beautiful Stranger" (incluída aqui em versão house horrível), de Madonna e William Orbit, é chupada de "She Comes In Colours", do terceiro álbum (*Da Capo*) do grupo psicodélico californiano Love.

Na trilha do primeiro Austin Powers, o outro lado da moeda: Cardigans, Lightning Seeds, Space e Wondermints fazem retrô de primeira. Os suecos, aliás, superam em mojo até mesmo "Incense And Peppermint", clássico da lisergia que também está no disco. E o grande plus acaba sendo "BBC", impagável rock primal tocado pela banda de Mike Myers. Moral da história: nenhuma. E viva a pilantragem.

Pedro Só

STEVE HOWE
Portraits Of Bob Dylan (5)
Eagle/Roadrunner

Guitarrista do Yes em tributo mediano a Dylan

Em seu novo disco-solo, o guitarrista do Yes, Steve Howe, traz covers de canções de Bob Dylan, uma de suas paixões musicais. Com arranjos burilados de violão e guitarra, Steve relê as músicas com extrema competência instrumental, mas os vocalistas têm performances irregulares. A cantora Annie Haslam (ex-Renaissance) e Allan Clarke (ex-The Hollies) se dão muito bem em "It's All Over Now Baby Blue" e "Don't Think Twice It's Alright", mas o mesmo não se pode dizer de Jon Anderson, cantando à Yes "Sad Eyed Lady Of The Lowlands" e do Phoebe Snow, em uma releitura esquisita de "One Too Many Mornings". Mas o próprio Howe consegue convencer como cantor, em "Mama You've Been On My Mind", "I Don't Believe You" e "Buckets Of Rain".
Celso Pucci

ALBERT KING & STEVIE RAY VAUGHAN
In Session (9)
Stax/BMG

Dois gigantes do blues em encontro antológico

Promovida por um programa de televisão canadense em 1983, esta jam session foi emblemática, pois Vaughan nunca escondeu que King era sua maior influência – às vezes é até difícil distinguir quem está solando, prova do quanto ele aprendeu com o mestre. Stevie tinha acabado de lançar seu primeiro disco, *Texas Flood*. Isso explica por que ele canta em apenas uma faixa do CD, "Pride And Joy", e também o comentário de King de que não fazia a menor idéia de quem fosse o tal Stevie Ray Vaughan até chegar ao estúdio e reconhecer o garoto que vivia em volta dele quando o veterano passava por Austin. É King quem conduz a sessão e canta clássicos como "Blues At Sunrise" e "Call It Stormy Monday". Mas Vaughan não se intimida e manda ver, especialmente em "Overall Junction" e "Pride And Joy".
Helton Ribeiro

STEREOLAB
Cobra And Phases Group Play Voltage In The Milky Night (6)
Warner – **IMPORTADO**

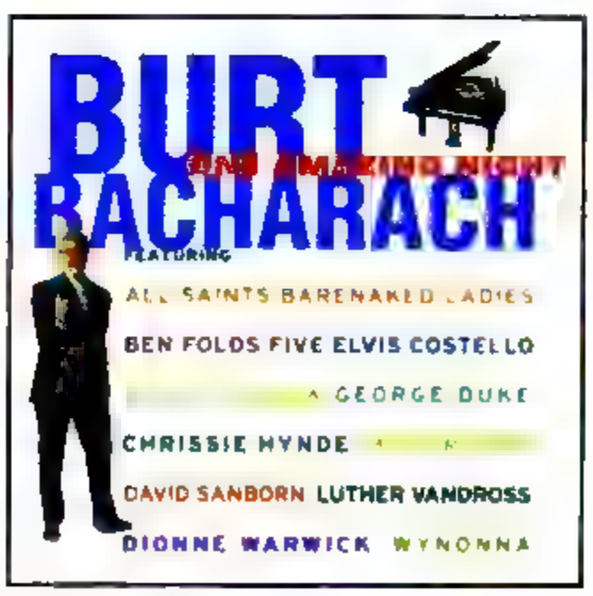
Zumbidos eletrônicos em ode à chatice

Era uma vez uma banda muito original, que fazia rock com sacadas eletrônicas muito bacanas. Mas desde *Dots And Loops*, de 1997, o Stereolab anda em processo de autofagia. *Cobra And Phases* promete a cada instante, mas gira em círculos. Além da incômoda clicheria de zóins e plóincs dos teclados, o CD tem bobagens como o suplício de 12 minutos intitulado "Blue Milk" e as pseudo-jazz-futurísticas "Fuses" e "Strobo Aceleration". Salvam-se alguns bons momentos na emocionante voz de Laetitia Sadier, mas é pouco. O Stereolab caminha para a UTI.
Carlos Eduardo Oliveira

VÁRIOS
Chiquinha Gonzaga, A Maestrina (9)
Revivendo

Tesouros da primeira grande compositora popular

Primeira mulher a assumir publicamente a profissão de compositora no Brasil, Chiquinha Gonzaga (1847-1935) foi também pioneira em discos. Neste CD duplo estão 44 canções, gravadas entre 1902 e 1932, acompanhadas por um encarte rico em informações. Além da riqueza melódica, elas têm valor por testemunhar a evolução das técnicas de gravação. A faixa que abre o primeiro CD reproduz a marcha "Abre Alas" num disco de 1911 como foi encontrado, e depois de remasterizado. O repertório é primoroso, com pérolas como "Lua Branca", "Atraente" e "Corta-Jaca". Entre os intérpretes, a própria Chiquinha Gonzaga, ao piano. Indispensável para se conhecer a história da música popular brasileira do início do século.
Toninho Spessoto



BURT BACHARACH
One Amazing Night (6)
N2K/Abril

Tributo aquém do talento do homenageado

Desde que foi reverenciado pelo Oasis, o maestro e compositor Burt Bacharach, um dos maiores gênios musicais do século, tem participado – ou sido vítima – de projetos brilhantes e homenagens meia-boca. É aí que se inclui *One Amazing Night*, registro de um especial de TV de 1998. Alguns artistas não estão à altura do homenageado, apesar de ele participar de todas as faixas. Mike Myers destrói "What's New Pussycat" e o grupo feminino All Saints desafina demais em "(There's) Always Something There To Remind Me". Resta o consolo de o velho Burt, com seu ouvido de ouro, ter chamado gente do ramo. O Ben Folds Five brilha na versão de "Raindrops Keep Falling On My Head" e Sheryl Crow faz bonito em "One Less Bell To Answer". E mais: qualquer disco que conta com Dionne Warwick e Chrissie Hynde não pode ser de todo ruim.
Sérgio Martins

FROST
That Was Then, This Is Now Vol, 1 (8)
Celeb – **IMPORTADO**

Lição de rap com sotaque hispânico

Arturo Molina, o Frost, é o patrono do rap chicano. A partir de *Hispanic Causing Panic* (1990), ele vem demarcando as fronteiras do estilo. Agora volta em outro bom disco, no qual continua a mandar rimas em *spanglish*, fusão do inglês com o espanhol. Um de seus méritos é cantar bem tanto com agressividade como na manha. "Big Business", "Mamacita" e "Latin Kingz" mostram que, mesmo no estilo gangsta, os latinos são capazes de botar mais suingue e tempero. O rap chicano pode tomar de assalto o hip-hop no próximo século.
Luciano Marsiglia

THE CHARLATANS
Us And Us Only (9)
Island/Universal

Banda ressuscita com garra e melancolia

Us And Us Only é o sexto álbum dos Charlatans e, como o próprio nome indica, trata-se de um trabalho um tanto quanto egoísta. Gravado inteiramente em seu próprio estúdio, *Us And Us Only* é o reflexo de uma banda que enfrentou momentos difíceis, se isolou de tudo, e aos poucos, com um certo grau de dificuldade, foi reencontrando seu caminho. E a salvação, mais uma vez, foi o bom e velho amor, sempre impregnado de altíssimas doses de melancolia. "Quando você achar isto você irá sentir/ eu te darei todo o meu amor", grita o vocalista Tim Burgess, na épica e ambiciosa "Forever". Em "A House Is Not A Home" – nada a ver com a balada homônima de Burt Bacharach –, com guitarras e órgão à Rolling Stones, ele lamenta não entender as mulheres e canta as dificuldades do casamento. Já na ótima "The Blind Stagger", Tim declara ser capaz de enfrentar seus problemas sozinho sem precisar de nenhuma ajuda do Senhor. Os sérios problemas com as drogas no passado e a morte de um dos integrantes parecem ter tido um efeito positivo no som dos Charlatans. Deixando o orgulho e a ingenuidade para trás, a banda fez um disco sincero, complexo e, acima de tudo, humano. Mas o mais importante de tudo é que, nesse processo, eles conseguiram se desvencilhar do incômodo rótulo que não tem feito nada bem a uma infinidade de bandas neste final de milênio: o britpop.

Juliano Zappia

Bolachas da hora

DAVID CROSBY (7)
AMERICA (8)
10CC (5)
EMERSON, LAKE & PALMER (7)
RENAISSANCE (4)
MOTÖRHEAD (8)
URIAH HEEP (8)
BACHMAN-TURNER OVERDRIVE (8)
IGGY POP (7)
BEST OF THE BEST (7)
King Biscuit Collection
King Biscuit/Abril

Entre 1973 e 1998, o *King Biscuit Flour Hour*, um programa de rádio transmitido por mais de 150 emissoras, levou ao público americano performances de algumas das mais importantes bandas e solistas da história do rock. O acervo reunido fez os produtores do programa criarem um selo, o King Biscuit, para que o material pudesse ser levado ao público. Esses discos, alguns bem interessantes, começam a sair também no Brasil.

O pop/rock melódico está garantido por David Crosby e pelos grupos America e 10CC. Crosby interpreta canções como "In My Dreams" e "Guinevere", em show de 1989. A dupla America recria hits como "I Need You", "Ventura Highway" e "A Horse With No Name" em uma grande performance de 1982. O 10CC vem em um fraco show de 1975 sem seu maior hit, a balada "I'm Not In Love".

O rock progressivo também está no primeiro pacote da King Biscuit, com o trio Emerson, Lake & Palmer e a banda Renaissance. O CD do ELP traz gravações feitas em shows de 1974 e 1977, com clássicos como "C'est La Vie" e a grandiloqüente "Fanfare For The Common Man". O do Renaissance, centrado nos vocais de Annie Haslam, inclui a peça "Song Of Scherehazade", que na performance ao vivo parece mais arrastada do que já é.

Mas o filé mesmo é o bom e velho rock'n'roll. Quem gosta de um metal jurássico vai fazer a festa com os discos do Motörhead e do Uriah Heep. O do "cabeça de motor" foi gravado há 16 anos. Traz os poderosos vocais de Lemmy Kilmister em pancadões como "Back At The Funny Farm" e "Tales Of Glory". Em show de 1974, o Uriah Heep detona, entre outras, "Stealin" e "July Morning" e faz um *medley* com "Roll Over Beethoven", "Blue Suede Shoes", "At The Hop" e "Hound Dog". O soft rock do Bachman-Turner Overdrive aparece no seu auge, em disco de 1974, com hits como "Let It Ride", "Welcome Home" e "Roll On Down The Highway". O punk de Iggy Pop marca presença em show de 1988, com destaque para "Kill City", "High On You", "Instinct" e "Penetration". O pacote da King Biscuit fecha com a coletânea *Best Of The Best*, com performances de, entre outros, Queen, Genesis e Kansas. A série tem muito mais e este CD é um saboroso aperitivo do que virá pela frente.

T. S.

O trio Emerson, Lake & Palmer, num grande show lançado pela King Biscuit

Divulgação

E mais...

Um tributo a Tim Maia, uma seleção da FM Brasil 2000, coletâneas de Queen e Elvis Costello, os temas de James Bond...

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
LANÇAMENTO NOSSO DE CADA DIA (Roadrunner)	Sepultura, Machine Head, Soulfly, Prodigy e várias outras bandas bacanas.	Em coletânea do que rola na Brasil 2000 FM de São Paulo, selecionada por Tatola e Roberto Maia.	Sim. É um bom painel do rock atual e tem as inéditas "Floaters In Mud" (Sepultura) e "Black Star" (do Radiohead, na versao do Drugstore).
THE BEST OF BOND... JAMES BOND (Capitol/EMI)	Shirley Bassey, A-Ha, Rita Coolidge, Duran Duran, Tom Jones e outras feras do pop.	Em temas dos filmes do agente secreto James Bond, entre elas "Goldfinger", "A View To A Kill" e "All Time High", todas nas versões originais.	Sim. Inclui boas canções que só podem ser encontradas aqui. A pepita maior é "We Have All The Time In The World", com Louis Armstrong.
NO ORDINARY WORLD (Parlophone/EMI)	Joe Cocker, cada vez mais rouco e menos criativo.	Em um disco chatíssimo, apesar de incluir "First We Take Manhattan" (Leonard Cohen) e "While You See A Chance" (Stevie Winwood).	Nem a pau. Do cantor genial que emocionou Woodstock e toda uma geração, parece que não sobrou muito.
SLC PUNK (Hollywood/ Roadrunner)	Nomes seminais do punk rock como Ramones, Dead Kennedys, The Stooges e Velvet Underground.	Em trilha sonora com clássicos como "Kiss Me Deadly", "Dreaming" e até uma cover pesadona do hit country "Rose Garden".	Claro, é punk do bom. Repertório bem sacado que funciona como boa introdução ao gênero.
VH1 DIVAS LIVE/99 (Arista/BMG)	Divas de verdade (Tina Turner, Cher, Chaka Khan), futuras divas (Faith Hill, LeAnn Rimes) e pseudodivas (Whitney Houston, Mary J.Blige).	Em CD ao vivo, extraído de um especial da VH1 americana, com participação especial de Elton John.	Aqui tem coisa boa: "Proud Mary", "I'm Still Standing", "I'm Every Woman". Apesar dos berros de Whitney Houston, dá para ouvir.
TRIBUTO A TIM MAIA (Som Livre)	Cláudio Zoli, Ed Motta, Jorge Ben Jor, Sandra de Sá, Toni Garrido, Alcione, Lobão e a Banda Vitória Régia, entre outros.	Num tributo a Tim Maia, gravado ao vivo no Metropolitan (RJ), com os intérpretes recriando sucessos do cantor.	Nem sempre. Fafá de Belém ("Canário do Reino") e o filho de Tim, Léo M ("Cristina"), derrapam. O Sindico merecia coisa melhor.
THE BEST OF ELVIS COSTELLO (Mercury/Universal)	O cantor e compositor inglês Elvis Costello.	Em coletânea de sucessos que cobre a fase punk/ new wave e as incursões pelas baladas, mas deixa o pop dos anos 80 de fora.	Sim, apesar de algumas omissões. Mas petardos como "Allison" e "God Give Me Strength" (com Bacharach) já valem o investimento. E tem "She".
GREATEST HITS III (Parlophone/EMI)	O Queen, com e sem Freddie Mercury, George Michael e o próprio Freddie em gravações solo.	Em coletânea que inclui "The Great Pretender", "Barcelona", "Living On My Own" e "Las Palabras De Amor".	Não, é picaretagem, um sopão requentado com canções medianas do Queen e remixes chinfrins. Esqueça.
RUAS DE ARÁ (Independente*)	Paulo Lobo, cantor e compositor sergipano.	Em seu disco de estréia, com repertório autoral que demonstra personalidade.	Sim. Bom melodista, afinado e com boas sacadas poéticas, Paulo canta sua terra sem truques pseudomodernizantes da MPB.
NO BALANÇO DO BALAIO (Kuarup)	O cantor e compositor Vander Lee.	Em seu disco de estréia, que alterna samba da antiga, sambalanço, toada, reggae e MPB de barzinho, com letras que vão do humor ao romantismo.	Sim, o cara é talentoso, como provam as canções "Quem Me Dirá?", "Românticos" (belíssima, por sinal) e "A Baiana Cover". Olho nele.
É MÚSICA! (Sambaloco/ Trama)	Ram Science, projeto do produtor Ramilson Maia, que estréia em disco.	Reunindo múltiplos estilos – drum 'n'bass e tecno, por exemplo – misturados por Ramilson com versatilidade e técnica.	Nem sempre as fusões de ritmos dão bons resultados. "Só Jesus Salva", "Drum Rhodes" e a faixa-título são casos onde o caldo deu certo.
O DISCURSO (Sambaloco/ Trama	Projeto comandado pelo produtor Bruno E, que já trabalhou com rap e música eletrônica.	Tentando redefinir os conceitos de música brasileira por meio de inusitadas junções de ritmos nordestinos com emboladas eletrônicas.	É louvável a intenção de revitalizar gêneros tradicionais, mas ainda vai rolar muita cabeçada antes de se chegar a um resultado palatável.
CARMÉLIA ALVES ABRAÇA... (CPC-Umes)	A Rainha do Baião, Carmélia Alves, que volta ao disco após 30 anos	Recriando clássicos de Jackson e Gordurinha, com participações especiais de Inezita Barroso ("Baião") e Elymar Santos ("Súplica Cearense").	Claro. Aos 77 anos, Carmélia esbanja brejeirice em delicias como "Mambo da Cantareira", "Chiclete Com Banana" e "O Canto da Ema".

*informações no tel. (079) 231-1981

Ilha Grande.
Mistério e Beleza.
Não resista
a curiosidade.

EDITORA EIXES

Saiba porque a **Ilha Grande** é considerada
um dos lugares mais misteriosos e belos do Pais.
A Revista **Família Aventura** traz também matérias com
o misterioso **Everest**, Rafting no **Chile** e todas as dicas
para transformar sua vida numa grande aventura.

FAMÍLIA AVENTURA

Todo brasileiro tem direit

www.bol.com.br

Escolha um nome, uma senha e ganhe um endereço

Fale com pessoas nem sabem que v

E se você um pseu continuar

Com todo o respeito, suas chances de conquistar alguém pela Internet diminuem um pouco caso você se chame, por exemplo, Finlandécio. Então, o e-mail grátis do Brasil Online permite, opcionalmente, que você se registre através de um apelido, preservando seu nome verdadeiro. E-mail grátis do Brasil Online. Tão grátis, mas tão grátis, mas tão grátis, que nem o seu nome nós cobramos. Veja, passo a passo, como é fácil ter seu e-mail: 1) Num computador ligado

um e-mail grátis.

Internet.

que
ocê existe.
quiser, é só usar
ônimo que elas
n sem saber.

à Internet, digite www.bol.com.br na barra de endereços. Aperte a tecla Enter. 2) Clique em Inscreva-se Já. 3) Siga as instruções da tela. Digite seu nome, ou apelido, e uma senha. Pronto. Você já tem um e-mail grátis e para sempre, válido em qualquer computador, em qualquer lugar do mundo, com qualquer provedor.

BOL
BRASIL ONLINE

Ao Vivo

O Echo dos anos 90?

Blur

Credicard Hall (São Paulo) 21/11

Eles tocaram. Para fazer justiça, encantaram. Depois de várias tentativas frustradas, o Brasil pôde ouvir o sotaque *cockney* da segunda melhor banda de britpop do mundo. O Blur, no auge, veio se apresentar para uma platéia com média de 20 anos de idade e que atravessou a década ouvindo os discos do quarteto inglês. Ouvi-los ao vivo, numa casa a poucos quilômetros do bairro? Só em sonho.

Nos anos 90, a juventude roqueira de nosso país preferiu a agressividade dos grupos americanos à delicadeza do rock britânico. Graças a isso e ao extorsivo preço do ingresso, a banda que coloca 100 mil europeus num estádio tocou para um Credicard Hall – de som cronicamente embolado e eco insuportável – à meia lotação.

"Tender", "Bugman" e "Coffee & TV", que, nessa ordem, abrem o recente *13*, também serviram para começar o show paulista. O repertório do álbum que eles vieram promover não é lá essas coisas. Cientes disso, emendaram uma obra-prima da época em que não emulavam Pavement (cujo CD *Crooked Rain Crooked Rain* tocou inteirão antes do show) e se contentavam em fazer melodias limpas e assobiáveis: "End Of A Century", com os *britkids* paulistanos na platéia berrando que não há nada de especial no fim do século.

Do chato último disco, ainda teve "B.L.U.R.E.M.I","Battle" e o novo single, "No Distance Left To Run". "Pop Scene", sem os metais, e "Advert", com uma tecladista fazendo a melodia, foram as escolhidas do segundo álbum, *Modern Life Is Rubbish*. Damon Albarn conteve o piriri (tinha abusado da comida mexicana no dia anterior) e pulou feito um moleque. Com "Badhead", voltaram a *Parklife*.

Depois de uma saída estratégica, um "Happy Birthday" para o aniversariante Alex James e mais baladas: "Beetlebum" (nem tão balada assim), "This Is A Law" e "The Universal", em que o vocalista protagonizou o momento mais emoci-

Graham Coxon: o melhor músico do Blur

Damon Albarn: cantor de muito sotaque e pouca voz

onante. Erguido pela turma do gargarejo, com o holofote em seu peito, esbravejou os últimos versos da canção. "É impressionante quando a gente chega a um país estranho e as pessoas sabem cantar as letras."

Ainda haveria o segundo bis, com os megahits. Os póins eletrônicos de "Boys & Girls", a guitarra dance de "There's No Other Way", o refrão cantado em uníssono de "Parklife" e a pulsação de "Song 2" poderiam até ter ficado de fora. Ainda assim os presentes já teriam gostado da apresentação.

Houve uns coroas que reclamaram. E não foi por causa da ausência de boas canções, como "Chemical World", "To The End", "For Tomorrow", "Country House" ou "On Your Own". Não dava para compreender. Era o Echo & The Bunnymen da geração 90. E quando eles voltarem ao Brasil, mais gordos, sem voz e menos inspirados, estaremos lá. Gostando do mesmo jeito.

José Flávio Júnior

Alex James arriscou um baixo acústico durante a música "Tender"

Fotos Juliano Zappia

O John Taylor da década passada

O visual e a simpatia já dariam ao baixista do Blur, Alex James, vários gols de vantagem em um jogo imaginário contra os integrantes do Oasis Bem-humorado – ao contrário dos arrogantes irmãos Gallagher e diferente do guitarrista Graham Coxon e do baterista David Rowntree, que falaram à MTV em estado semicatatônico –, o bonitão (está para o Blur assim como John Taylor estava para o Duran Duran nos anos 80) conversou com SHOWBIZZ vestindo uma camisa 9 da Seleção Brasileira. "Todas as outras estavam cheirando mal", explicou ele, horas antes de entrar no palco do Metropolitan, no Rio.

Como está a turnê?
Fantástica. Os festivais na Europa, a passagem pelos EUA e o show de São Paulo foram ótimos. O "Parabéns A Você" que cantaram para mim lá tocou meu coração.

É verdade que vocês agora são amigos dos músicos do Oasis?
Não é bem assim. O novo baixista deles, o Andy Bell, é muito amigo meu.

Ele tem o mesmo nome do cantor do Erasure, não?
Isso. Uma vez, na época em que o Erasure estava no auge, apareceu na conta desse meu amigo uma quantidade de grana que ele nunca tinha visto na vida. Infelizmente depois descobriram. Bem, voltando à pergunta anterior, Oasis e Blur são muito diferentes. Eles são do norte da Inglaterra, nós somos do sul; nós viemos da classe média, eles são proletários, é normal essa rivalidade.

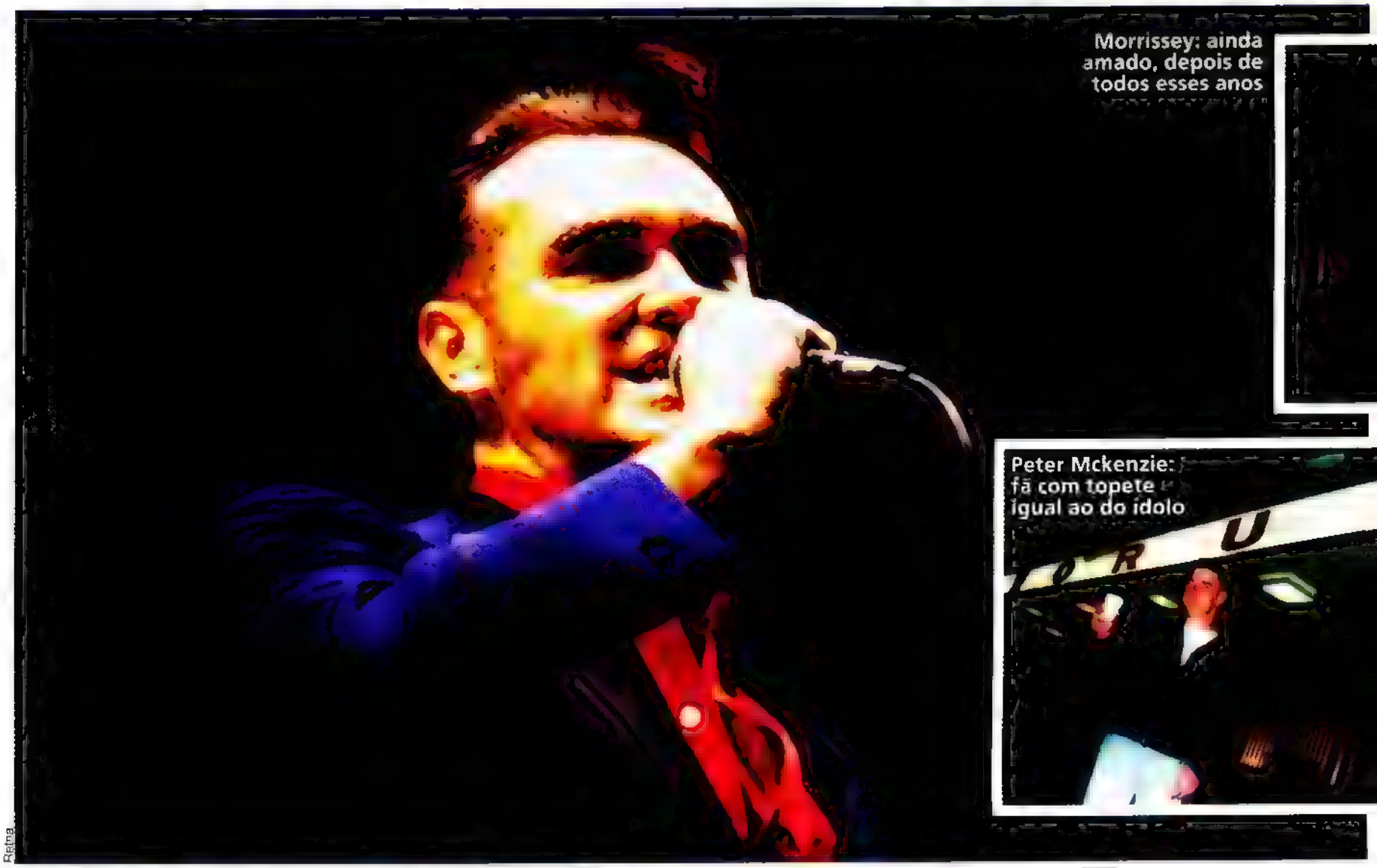
Mas você acha que o Oasis melhorou com a entrada dele?
Claro. Ele é um dos melhores guitarristas do pop inglês, talvez o melhor depois do nosso, Graham Coxon.

E Noel Gallagher, é um bom guitarrista?
Não. Talvez seja um bom compositor.

É verdade que o Blur está dividido em blocos, você e Damon contra Graham e Dave?
Nada disso. Somos quatro pessoas de personalidade forte, que convivem intensamente há muito tempo. Então, é claro que há discordâncias. Mas somos amigos de verdade e muito unidos.

Você já ouviu falar que o Blur estaria acabando, por não ter mais para onde levar o seu som?
Já ouvi essa besteira. Mas, se já levamos a nossa música para tantos lados, é porque ainda há muito mais para levar. Não consigo imaginar vida melhor do que viajar pelo mundo tocando um instrumento.

Bernardo Araujo



Morrissey: ainda amado, depois de todos esses anos

Peter Mckenzie: fã com topete igual ao do ídolo

Reina

O mundo mágico d

Morrissey

Forum (Londres) 13/11/99

Poucos artistas nos dias de hoje podem se dar ao luxo de fazer uma turnê européia sem uma gravadora por trás. Menos artistas ainda se permitem fazer um show sem tocar os maiores sucessos de sua carreira-solo ou de sua antiga banda e, ainda sim, não decepcionar ninguém. Morrissey pode. Sem disco novo na praça e nem contrato com gravadora, o ex-vocalista dos Smiths fez recentemente apresentações lotadas de Estocolmo (Suécia) a Tessalonica (Grécia) e viu seu prestígio permanecer intacto no Velho Mundo. Bem-vindos ao mundo mágico de Moz (como os fãs carinhosamente se referem a ele).

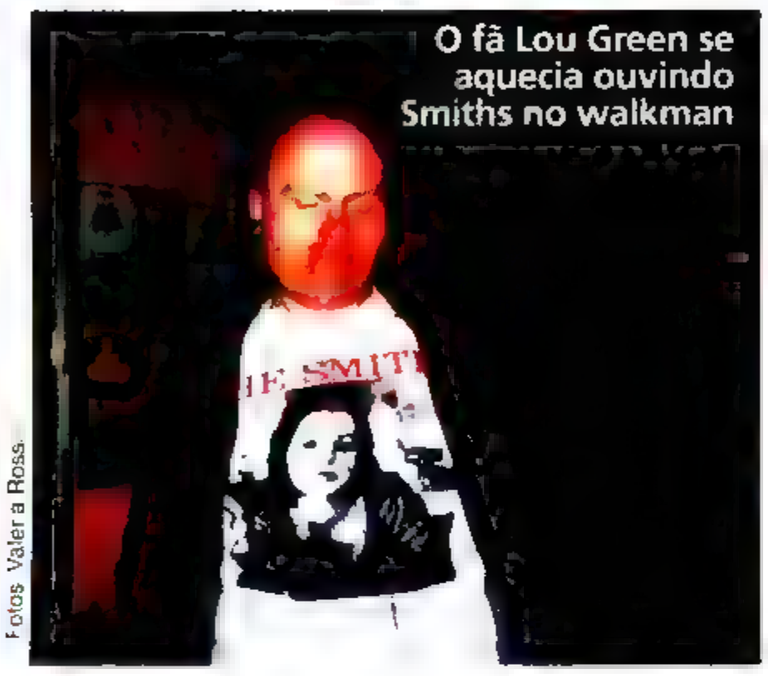
Vivendo atualmente em Los Angeles – "Hoje em dia eu acho a Inglaterra claustrofóbica", explicou, em entrevista à revista inglesa *Big Issue* – Morrissey retornou depois de três anos a Londres para uma temporada de quatro noites lotadas no Forum, em Kentish Town. Com capacidade para 3 mil pessoas, a casa ficou pequena para tanta gente que queria ver o ídolo. O fã Noel Patterson era o primeiro da fila da noite de estréia da temporada inglesa. Ele agüentou quase oito horas de espera protegido apenas por uma camiseta (do Morrissey, claro), num dos dias mais frios do ano, para garantir o seu lugar em frente ao palco. "Cheguei às 11h da manhã. Qualquer sacrifício é pouco para ver esse homem de perto", exagerou.

Na noite de estréia, a tensão era palpável. O público – do qual 90% aparentava ter idade de quem acompanhou toda a carreira dos Smiths – esperava angustiadamente pela entrada do seu ídolo. Aos gritos de "Mor-ris-sey", "Morris-sey", entoados como num estádio de futebol, Moz entrou no palco com sua postura meio arrogante, algo tímida, vestindo uma calça jeans, uma blusa azul do West Ham (um time pequeno da Inglaterra) e um blaser preto, que logo tirou por causa do calor (ele ainda iria trocar de camisa mais duas vezes durante a noite – e vestir novamente o blaser).

"You're Gonna Need Someone On Your Side" foi a música escolhida para começar o show. Como iria fazer em todas as músicas dali em diante, o público cantou a letra a plenos pulmões e jogou flores no palco (que Morrissey apanhava e arremessava de volta). Pelo menos uma vez a cada música, alguém subia no palco para abraçar o cantor, antes de ser afastado pelos seguranças: cenas de comportamento tipicamente adolescente protagonizadas por gente beirando os 30 anos.

Tudo o que se podia esperar de Morrissey estava lá. A mão deslizando furiosamente pelo corpo, o fio do microfone chicoteando raivosamente o ar, a aparência alternando entre a angústia e o tédio

Noel Patterson *(à esq.)*, primeiro da fila, chegou às 11h para um show às 20h



O fã Lou Green se aquecia ouvindo Smiths no walkman

Fotos Valeria Ross.

e Moz

e a postura de quem se ama mais do que tudo na vida. Um Morrissey maduro vale mais do que dez Liam Gallagher na flor da idade.

Ao todo foram 17 músicas em pouco mais de uma hora, e apenas três dos Smiths – "Meat Is Murder" (precedida de farpas à família real), "Is It Really So Strange?" e "Last Night I Dreamt That Somebody Loved Me", a única reservada para o bis.

O repertório, concentrado na carreira-solo de Morrissey, incluiu "Speedway", "Tomorrow", "Break Up The Family", "Boy Racer", "Alma Matters" e "November Spawned A Monster", mas desprezou os hits "Suedehead" e "Everyday Is Like Sunday" (do começo da década passada). Nem por isso os fãs deixaram de sair roucos de tanto gritar, suados de tanto pular e com as caras mais felizes do mundo, como deve acontecer num bom show de rock.

Luciano Vianna e Valeria Rossi

Pato e Fermin IV, do Control Machete: rap com chili

Sem perder a humildade jamais

Control Machete

Broadway (São Paulo) 11/11

Para os seus avós, seria como se o Trio Los Panchos, o mais famoso grupo de mariachis do mundo, tocasse no Brasil. Junto de Café Tacuba e Molotov, o Control Machete é o maior nome do pop mexicano. No caso, embalado a hip-hop.

Com os álbuns *Mucho Barato...* e o novo *Artillería Pesada, Presenta...* na bagagem, o grupo de Monterey (norte do México) levou um público considerável a sua única apresentação em São Paulo. Mais uma prova de que o hip-hop possui suas próprias vias de informação e não depende das estruturas oficiais.

Se essa crítica pudesse seguir a ordem de comentários habitual, começaria pela atração de abertura, certo? Pois numa atitude de humildade, Fermin IV, Pato e o DJ Toy subiram ao palco primeiro, surpreendendo a galera que ainda tomava umas no bar. No vestuário, nenhum item rapper do tipo correntes no pescoço, bonés ou tênis da hora – despojados e com cabelos precisando urgentemente de um corte, eles pareciam aqueles ratos de shows que esperam uma oportunidade para não pagar o ingresso.

Com o som bem equalizado, o Control Machete soltou suas rimas contundentes e revolucionárias, que no caso não significaram panfletárias. Bravatas como "f** os EUA" se misturavam a odes à cerveja (apelidada carinhosamente de cheve) e à tequila, garantindo um clima também favorável à diversão feminina, um grande mérito no mundo bandido do rap.

Tendo como ponto alto "?Comprendes, Mendes?", "Andamos Armados", "Unisono" e "Ileso", os MCs Pato e Fermin IV provaram ser uma dupla das mais afiadas, páreo para B-Real e Sen Dog, do Cypress Hill. Simplicidade e competência foram a receita mexicana para um show apimentado.

Depois, foi a vez de o rapper brasileiro RZO subir ao palco com uma posse de pelo menos dez manos, bombetas na cabeça, postura "ladrão"...

Luciano Marsiglia

Conexão cucaracha

Em suas letras, vocês defendem a "transformação do indivíduo". Este seria o caminho para a revolução?

Fermin IV: Creio que sim. Revolução é mudar as coisas do centro do indivíduo para depois estender à família e mudar suas concepções. Nosso novo disco vai além do protesto, propõe algo positivo, que é a honestidade, o respeito, o trabalho.

Até Puff Daddy andou gravando em espanhol. Vocês acreditam que o rap latino será uma grande força em breve?

Sim, ele tende a crescer muito. É uma corrente que tomou conta dos bairros e revolucionou a música. Puff Daddy provavelmente tem a intenção de vender mais, de expandir seu mercado. Nós, não. Viemos mostrar e falar o que somos.

Quais as semelhanças entre a Cidade do México e São Paulo que vocês puderam observar?

Elas se parecem muito. São duas cidades imensamente grandes, com muitas pessoas, onde se nota a pobreza. E se há pobreza, há violência. Os governos deviam trabalhar para mudar isso, dando trabalho às pessoas.

Dexter, do Offspring, segurou a platéia com brincadeirinhas tolas

Punk engraçadinho

Skol Rock – The Vandals, Bad Religion e Offspring

Anhembi (São Paulo), 20/11

Três importantes bandas do punk/rock americano passaram pelo palco. Mas na platéia não se via roupas com tachinhas nem topetes moicanos antigravitacionais. Tensão mesmo, só quando policiais levavam adolescentes em flagrante maconheirístico (droga historicamente dissociada do "movimento") para fora do estacionamento e completavam a geral com chutes e berros.

Grande parte dos 30 mil presentes tinha entre 15 e 25 anos. E buscava, em troca dos 30 reais do ingresso, "curtir os shows e, se der, paquerar um pouquinho", como disse Marcos, um garoto que pediu para não ser identificado porque tinha dado "um cano na namorada". As estudantes Caroline Garcia, 18 anos, Fabiana Zurita, 16, e Lúcia Ramos, 16, enfrentaram frio e chuva para ver grupos que nem conheciam direito. "Viemos pelo Offspring. Não tenho nenhum CD deles e não conheço muito as outras bandas, mas estou achando o máximo", informou Lúcia. "A galera que freqüenta show hoje é diferente: antigamente só tinha doidão e gente esquisita", arrematou Caroline. Perto delas, um embasbacado Diogo Fukuyama, 14 anos, não desgrudava os olhos do Bad Religion. "É o primeiro show da minha vida", revelou. No meio da muvuca, o gerente industrial Pedro Gomes, 46 anos, curtia junto com os filhos. "Vou em todos os shows de rock. Bad Religion é demais, só não ganha da minha banda predileta, o Metallica."

Pouca gente foi lá para ver The Vandals, mas a banda chamou a atenção na marra. Seus quatro integrantes pularam, suaram e fizeram até uma cover de "Summer Nights", travoltice da trilha do filme *Grease*. No final, o vocalista Dave Quackenbush abaixou as calças e rebolou de sunguinha azul.

Às 21h02 – com apenas dois minutos de atraso, um feito –, o Bad Religion subiu no palco. Com a voz abafada pelo som precário das caixas usadas pela produção, o vocalista Greg Graffin adiantou-se e fez piada com as repetidas vindas (três) da banda ao Brasil. "Se continuar assim, daqui a pouco tocamos aqui uma vez por mês", disse. "Eu não vou achar nada ruim..." E lá vieram "Recipe For Hate", "Stranger Than Fiction", "American Jesus", "A Walk", "Against The Grain", "Generator", "Infected" e, para fechar, "21st Century Digital Boy". Execuções perfeitas, mas... não seria a hora de inovar um pouco? "Vi os três shows deles aqui, mas acho que o primeiro, no Close Up Planet de 1996, foi o melhor", opinou Camila Chacon, 23 anos, advogada.

Onze horas em ponto, o Offspring engatou "Americana" – música-título do último disco da banda. Aliás, metade das músicas do show foi tirada desse CD. A outra metade saiu dos álbuns *Ixnay On The Hombre* e *Smash*, deixando de lado os sons do começo da carreira. Os hits estavam lá: "All I Want", "Smash", "Pretty

Carnaval de grooves

Funk Como Le Gusta

Sesc-Pompéia (SP), 12, 13 e 14/11

O lançamento do CD *Roda De Funk* rendeu praticamente um carnaval: foram três dias de grooves fortes, animados pelos 12 músicos – mais a vocalista Paula Lima – do projeto Funk Como Le Gusta e por convidados do disco, como Sandra De Sá e o rapper Gustavo Black Alien.

O Funk Como Le Gusta nasceu de jams que rolavam no Espaço Anexo, em 1998, capitaneadas pelo guitarrista BiD e por Sergio Bartolo, baixista do Karnak. No ano passado, suas *sessions* encheram várias vezes o Blen Blen, na Vila Madalena, com participações de Fernanda Abreu (que participa do disco na faixa "Funk De Bamba"), D2, Daúde, Otto e DJ Marky Mark, entre outros.

Na sexta-feira, o show começou com a voz única do Prof. Lomas comandando uma sessão de relaxamento (que faz parte do CD) e seguiu na base do samba soul, com participação do seminal Trio Mocotó *(veja boxe)*, que acompanhava Jorge Ben no final dos anos 60. O público não parou de arriscar o samba no pé.

Marissa Haidar

O Trio Mocotó entrou na roda de bambas do Funk Como Le Gusta

No segundo dia, com lotação esgotada, Sandra De Sá arrepiou em duetos com Paula Lima. O hip hop ficou para a tarde de domingo: os MCs Thaíde, Napoli, Black Alien e Speed improvisaram ao som dos *scratches* do DJ Zé Gonzales, do Planet Hemp. No final, rolou um drum'n'bass acústico, com os percussionistas Simone Soul e James Müller tirando sons numa roda tribal. Eles saíram do escuro com luzes na cabeça (do tipo usado por mineiros de carvão) e se enfiaram no meio da galera. Batucada!

Tatiana Ivanovici

Queremos Mocotó

O Trio Mocotó, um dos mais importantes nomes do samba rock, está completando 30 anos de carreira e aprontando um novo disco com participação de DJs e gente da antiga. O percussionista João Parahyba dá a dica de um belo site dedicado ao grupo (www.triomocoto.com.br) e avisa: "Até 2001, o samba-rock vai estar pegando fogo".

Como surgiu a participação do Trio Mocotó no Funk Como Le Gusta?

João Parahyba: O produtor Suba *(iugoslavo radicado em São Paulo que morreu em novembro, num incêndio)*, que era meu parceiro, nos apresentou ao BiD, que é fã do samba-rock dos anos 70.

Como você vê o samba-rock hoje no Brasil?

Eu vejo um recomeço, acho que até 2001 o negócio vai estar pegando fogo. Mas o novo samba-rock terá influências hip-hop, dance e tecno, da linguagem eletrônica.

O que houve com o álbum *Trio Mocotó*, relançado recentemente, mas aparentemente recolhido das lojas?

Esse disco foi gravado em 1975 para ser lançado na Europa por um selo italiano. Aqui no Brasil o selo Arlequim, licenciado pela MoviePlay, lançou esse trabalho sem nos consultar. Disseram que os discos haviam sido retirados das lojas, mas não foi isso o que aconteceu. Agora estamos tentando viabilizar um acordo. A gente só quer os nossos direitos, não quer brigar com ninguém.

Bad Religion pela terceira vez no Brasil: a um passo de Jimmy Cliff e Man Or Astro-Man?

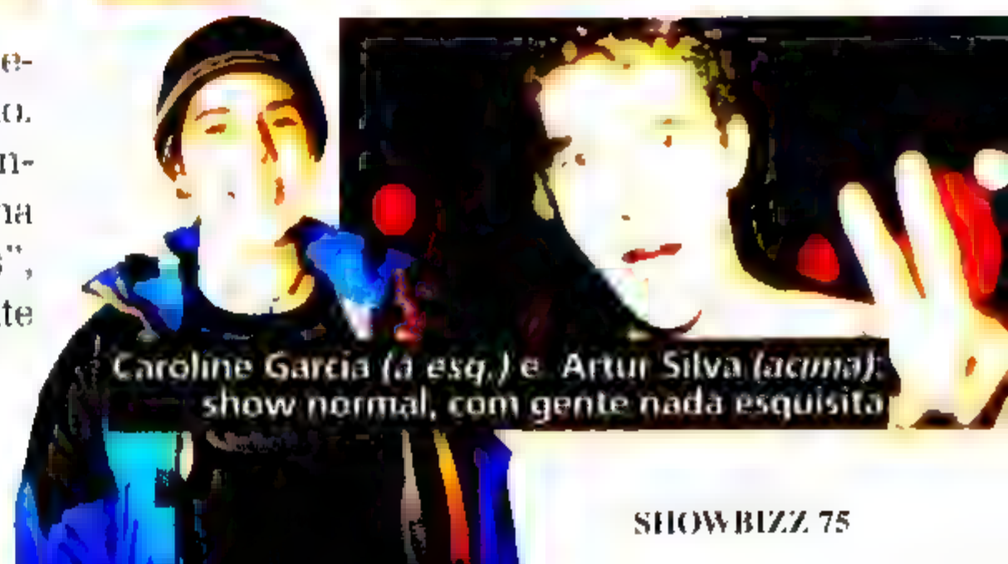
Fly" e "Come Out & Play", entre outros.

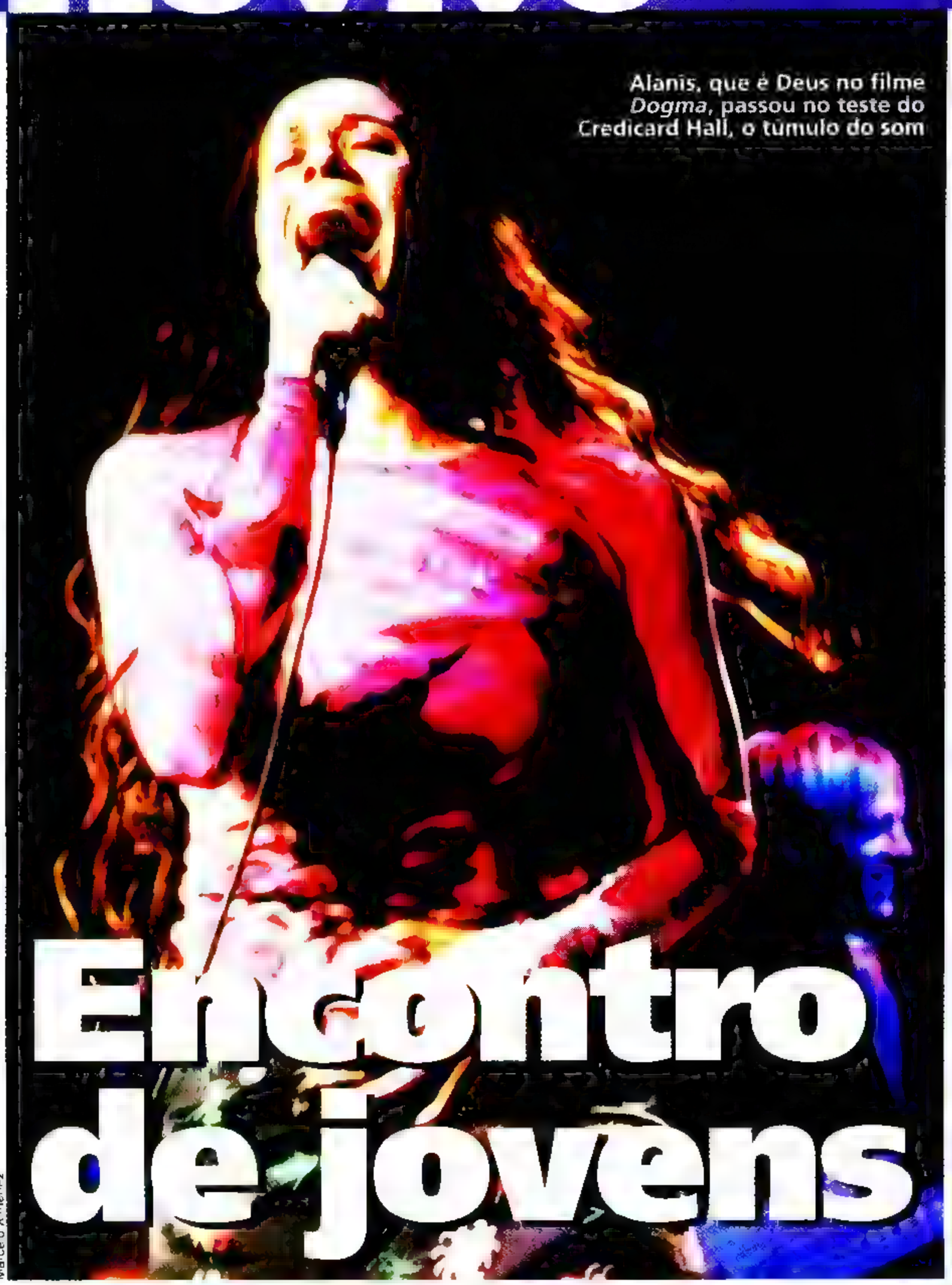
Mesmo sem cantar bem, Dexter Holland segurou a onda com carisma, energia e algumas brincadeirinhas. Primeiro, ele destruiu com um taco de beisebol cinco bonecos, réplicas dos Backstreet Boys; depois, uma trupe de atores, incluindo um gordinho de tanga fio-dental vermelha e capa de super-herói, dançou em meio a bolhas de sabão. Para completar, Dexter pegou uma mangueira de incêndio e deu um banho na platéia. E a noite acabou com "Feelings", cover brega de Morris Albert condizente com o espírito do punk apresentado.

Andréa Estevam

Fotos Marissa Haidar

Dave Quackenbush, dos Vandals: o ídolo de João Gordo mandou bem


Caroline Garcia *(à esq.)* e Artur Silva *(acima)*: show normal, com gente nada esquisita



Alanis, que é Deus no filme *Dogma*, passou no teste do Credicard Hall, o túmulo do som

Marcio X menez

Sacudindo as jóias

Fernando Collor é um bom marido. Levou a mulher, Rosane, ao show de Alanis Morissette. Estavam juntos na suíte especial que a revista *Caras* mantém no Credicard Music Hall, Hall, Hall, como gosta de repetir o Tatola, da rádio Brasil 2000, em homenagem ao famoso eco do local.

Collor ficou o tempo todo no bar do camarote, bebericando, fumando charutos e conversando, apertado num paletó azul. Não curtiu a música, mas parecia estar se divertindo com o clima da casa. "Esses encontros são ótimos para colocar os assuntos em dia", explicou ele, a *Caras*. Rosane, pelo visto, ama Alanis. Cantou, daquele jeito esquisito que a gente canta quando não sabe a letra e muito menos falar inglês. Sacudiu as jóias em "Ironic".

Também foi durante essa música que Júnior, o irmão de Sandy, se soltou. Pulou da cadeira, arrastou dois amigos e tentou traduzir a empolgação em dança. Sandy preferiu ficar sentada, comportada, princesinha de tiara nos cabelos.

Collor e Rosane e Júnior e Sandy saíram antes do fim. Fugiram do encontro com o povo, mas por motivos diferentes (antes de subir ao camarote, o ex-presidente havia sido vaiado pelo público). E a noite acabou em grande estilo na suíte de *Caras*, com as *vigêis* da MTV Marina Person e Chris Nicklas atirando autógrafos aos fãs da platéia. Essas, sim, são amadas.

Felipe Zobaran

ALANIS MORISSETTE

Credicard Hall (SP), 27 e 28/11

A relação entre a cantora Alanis Morissette e seu público transcende os limites usuais da devoção por astros pop. O que se viu nas duas apresentações da cantora e compositora canadense em São Paulo foi uma verdadeira catarse coletiva. Mais que simples idolatria, os 7 mil jovens que se acotovelaram em cada um dos shows realizados no Credicard Hall – com um som ótimo *(N. do Ed.: há controvérsias)*, para desespero dos seguidores ranhetas de João Gilberto – expressaram total identificação com as mensagens de inconformismo adolescente e relatos sobre desilusões sentimentais transmitidos pela cantora canadense em quase todas as suas canções.

Durante 90 minutos, acompanhada por uma competente banda de cinco músicos, a moça desfilou um repertório de 16 canções, mesclando sucessos e material novo, presente em *Unplugged MTV*, seu mais recente CD. A reação do público se mostrou mais calorosa às músicas conhecidas – "You Learn", "Thank You", "You Oughta Know", "Ironic", "Uninvited", o atual sucesso "That I Would Be Good" – que foi trilha de novela no Brasil e tema de pelo menos dois seriados da televisão americana – e a cover de "King Of Pain", do Police. Detalhe: todos sabiam as letras de cor, o que parece ter tocado genuinamente a cantora, que não se cansava de elogiar a massa, derretendo-se em sorrisos e palavras elogiosas.

Extremamente doce e calma nos contatos com a imprensa, no palco Alanis se mostrou a *selvagem* de sempre, mesclando as boas interpretações a movimentos frenéticos (no segundo show, ela chegou a se agachar com tonturas, depois de rodopiar e girar a cabeça violentamente várias vezes). Cantou com emoção, tocou violão e flauta, mostrou seu *domínio* nas duas notas que consegue tirar da gaita. Enfim, deu um belo espetáculo para uma platéia ensandecida e totalmente entregue à força de suas canções. Mais que um simples show, essa nova passagem de Alanis Morissette pela capital paulista foi a celebração de um culto.

Toninho Spessoto

Trabalho imundo

Gangrena Gasosa
Sutiã Xiita
Poindexter

Garage (Rio de Janeiro), 19/11

Era uma noite histórica, para o bem ou para o mal. O Sutiã Xiita, que por anos divertiu o underground carioca, estava se despedindo dos palcos. "Perdeu a graça, agora estamos em outras bandas, é melhor parar e continuar amigos", justificou o baixista Daniel Cabelada, atual Endoparasite. Os outros integrantes do Sutiã tocam em bandas como o Jason e a grande atração da noite, o Grangrena Gasosa. Seis anos após *Welcome To Terreiro*, o disco que inventou o saravá-metal – um som pesadíssimo com temática e teatralidade umbandísticas e humor de péssimo gosto –, a banda retornava com o CD *Smells Like A Tenda Espírita*.

Depois do rapcore bem mandado do Poindexter, o Sutiã Xiita manteve a galera quicando. As últimas palavras da banda: "Vadia! Mundana! Piranha! Vagabunda *(do refrão de "Boquete", um clássico do underground carioca)*!"

Às três e meia da manhã, cerca de 150 bravos viram a cortina se abrir para Ronaldo Chorão, Ângelo (vozes), Felipe (guitarra), Fábio (baixo), Mutley (bateria, do Sutiã Xiita) e Fábio Lessa (percussão). Os elementos cênicos foram modestos, por falta de grana: pratos com farinha e pipocas no palco e acessórios macumbísticos nas roupas dos cantores.

Entre músicas do disco novo, como "Surf Iemanjá", "Bloodline Chupacabra" e "Timbalada De Caveira", Ronaldo Chorão respondia atento aos insultos carinhosos dos fãs: "Vá tomar no c*, amigo!" A nova combinação de vozes é esperta: Chorão fica com as frases (um pouco) mais compreensíveis, enquanto cabem a Ângelo os berros guturais e coreografias grotescas. O instrumental está mais afiado, graças à competência do baterista Mutley e ao toque afro dos bongôs e atabaques de Fábio Lessa, que ousam combinações batucada-distorção jamais sonhadas pelo Sepultura. Entrosada, a cozinha capricha no peso. Os nomes das canções seguem geniais: o que antes era "Pegue Santo Or Die" e "Troops Of Olodum" agora é "Benzer Até Morrer" (tirado de "Beber Até Morrer", do Ratos De Porão), "Matou A Galinha E Foi Ao Cinema" e "Centro Do Pica-Pau Amarelo".

Ronaldo rolou no chão, pulou e até cantarolou, emocionado, uma baladinha dos Backstreet Boys. Seu colega Ângelo exibiu uma voz que orgulharia Tom Warrior, do Hellhammer, e provou que sabe agitar – e sambar no melhor estilo das Sheilas quando a batucada pedia. Veio o esperado momento em que a farinha de macumba e as pipocas de Obaluaê voaram sobre o público. Ao final, em "Protesto Concreto", Rafael Ramos, do *Quiz MTV* (chamado de "patrão" por Ronaldo, já que *Smells Like A Tenda Espírita* saiu por seu selo, o Tamborete – e-mail: tamborete@openlink.com.br), deu canja na bateria. O dia ameaçava clarear, e o mundo estava mais completo e emporcalhado com a existência do Gangrena Gasosa.

Bernardo Araujo

Rodrigo "D ames" Méda

...o Chorão, do Gangrena: medo de oculto é roll – rock & roll

O novo vocalista Ângelo: grunhido de categoria internacional e rebolado Exu/Sheila

"Não estou nem aí para a umbanda"

Por onde andou o Gangrena durante esses seis anos, do lançamento do primeiro disco, *Welcome To Terreiro*, para cá?
Ronaldo Chorão (vocalista): A banda nunca parou de verdade. Passamos um bom tempo ensaiando as novas músicas e guardando dinheiro para conseguir gravar o disco.

Que mudanças aconteceram na formação?
Entraram o Mutley na bateria, o Ângelo, que era baixista da Dorsal Atlântica, no lugar do vocalista Paulão *(atualmente no Funk Fuckers)*, e o Fábio, na percussão.

O que você achou de surgir um outro Chorão, o do Charlie Brown Jr.?
O que é que eu vou fazer, né? Quem pode mais grita mais alto. No disco, o meu nome está como Chorão3, por causa desse e de um outro, do grupo de pagode Os Travessos.

Que outras profissões os integrantes do Gangrena exercem?
Eu e o Mutley trabalhamos como vendedores em concessionárias; o Fábio é funcionário da Varig; o Ângelo tem uma academia; e o Vladimir é profissional autônomo, ou seja, é camelô.

E qual é a relação de vocês com a umbanda?
O Fábio freqüenta, o Felipe tem medo, os outros três respeitam e eu não estou nem aí.

Você estava lá?

Confira o que ficou em sua memória sobre alguns gringos ilustres que deram o ar de sua graça (com camisa da seleção) no Brasil

1 **Que bandas estiveram na primeira edição brasileira do festival metaleiro Monsters Of Rock, em 1994?**
a) Suicidal Tendencies, Black Sabbath, Kiss e Slayer
b) Black Sabbath, Slayer, Iron Maiden e Led Zeppelin
c) Marcelo Nova, Ovelha, Zé Ramalho e Maria Bethania
d) Kiss, AC/DC, Black Sabbath e Heróis Da Sepultura

2 **Na segunda vinda do Guns N' Roses ao país houve um incidente envolvendo a banda e jornalistas. Qual?**
a) Axl lambeu o ombro da repórter Glória Maria e a chamou de "meu sorvete cremosão de chocolate"
b) Axl jogou uma cadeira em cima dos repórteres que faziam plantão no saguão do hotel Maksoud, em São Paulo
c) Axl e Slash foram flagrados pela revista *Caras* jogando RPG no quarto do hotel Intercontinental, no Rio
d) Axl comeu uma repórter estragada e pegou uma baita verminose

3 **Michael Jackson esteve aqui em 1996 e subiu um morro carioca para gravar um clipe com um grupo brasileiro. Quem era o tal grupo e qual foi a música?**
a) Trem Da Alegria, "I Want Your Sex"
b) Escadinha & Seus MCs (Mensageiros Da Cocaína), "Black Or White, The Choice Is Yours"
c) Legião Urbana, "Acrilic On My Ass"
d) Olodum, "They Don't Care About Us"

4 **Que marcas de cerveja o Oasis exigiu nos camarins de seus shows no Brasil?**
a) Kaiser e Cintra
b) Bolivian Lager e Paceña
c) Carlsberg e Amstel
d) Red Stripe e Guinness

5 **As apresentações dos Rolling Stones em 1996 no Brasil contaram com uma canja especialíssima. De quem e em que música?**
a) Patrick Dimon, em "Pigeon Without A Love"
b) Luciana Gimenez, em "Let's Spend One Night Together"
c) Bob Dylan, em "Like A Rolling Stone"
d) Zélia Duncan, em "I Wanna Be Your Man"

6 **Quais dos artistas abaixo vieram mais vezes ao Brasil?**
a) Ramones, Marky Ramone e Los Gusanos
b) Australian Haoles, DJ Give The S, Yoyoyo Marley
c) Pato Banton, Spy Vs. Spy e Man Or Astro-man?
d) Jimmy Cliff, Inner Circle e Iron Maiden

7 **O Nirvana chocou o país em 1993, durante o show da banda no Hollywood Rock. O que Kurt Cobain aprontou?**
a) Quebrou um disco da Legião Urbana no palco e xingou o vocalista Renato Russo de "plagiário boiola"
b) Revelou seu cabeludo bumbum e disse que estava "em diarréia de janeiro"
c) Mostrou seu útero e sentou num abacaxi
d) Exibiu seu (pequeno) pênis e cuspiu na lente da câmera da Globo

POR ONDE VOCÊ ANDAVA

De 0 a 2 pontos
ÚLTIMA FILA
Enquanto essa corriola de boiolas e drogados passava pelo Brasil divulgando seu estilo de vida decadente, você estava jogando bola ou correndo atrás das fêmeas. Se foi isso mesmo, parabéns. Mas se seu tempo foi ocupado jogando RPG ou decifrando a letra de "Daniel Na Cova Dos Leões", retiramos as congratulações.

De 3 a 5 pontos
FILA DO BANHEIRO
Você conseguiu guardar na cabeça muita meleca sobre esses gringos que vieram nos visitar. Mas sua quantidade ainda está nos limites do saudável: ir a todos esses shows é uma cagada.

6 ou 7 pontos
FILA DOS PERDIGOTOS
Sabe tudo, hein? Tiete fácil, rainha do gargarejo que se oferece com os lábios carnudos latejando a qualquer cabeludo(a) pelos camarins da vida! Fora, cadela entreguista, Embratel do sexo oral, Intelig das taras imundas!

Respostas: 1) a; 2) b; 3) d; 4) d; 5) c; 6) c; 7) d

"Stacked Actors"

Foo Fighters mira em Courtney Love para detonar a falsidade no mundo pop

(Dave Grohl, T. Hawkins, N. Mendel)

Oh mirror mirror, you're coming in clear
I'm finally somewhere in between
I'm impressed, what a beautiful chest
I never meant to make a big scene
Oh mirror mirror, you're coming in clear
Will you resign to the latest design
You look so messy when you dress up in dreams
One more for hire, a wonderful liar
I think it's time we all should come clean
Stack dead actors, stacked to the rafters
Line up the bastards all I want is the truth
Hey, hey now, can you fake it,
Can you make it look like we want
Hey hey now, can you take it
And we cry when they all die blonde
God bless, what a sensitive mess
Yeah, but things aren't always what they seem
Your teary eyes, your famous disguise
Never knowing who to believe
See through, yeah but what do you do

"Atores Empilhados"*

Oh espelho, espelho, estou vendo você com clareza
Estou finalmente em algum lugar intermediário
Estou impressionado, que peitos lindos
Eu nunca tive a intenção de fazer um escândalo
Oh espelho, espelho, estou vendo você com clareza
Você vai renunciar ao último modelo?
Você parece tão desarrumada quando se veste de sonhos
Mais uma para aluguel, uma maravilhosa mentirosa
Acho que está na hora de nós todos confessarmos a verdade
Atores mortos empilhados, empilhados até as vigas do telhado
Alinhe os bastardos, tudo o que quero é a verdade
Ei, agora você consegue fingir?
Você consegue fazer parecer como nós queremos?
Ei, agora você consegue engolir isso?
E nós choramos quando todas elas morrem loiras
Deus nos abençoe, que confusão delicada
É, mas as coisas nem sempre são o que parecem
Seus olhos lacrimejantes, seu famoso disfarce
Sem nunca saber em quem acreditar
Olhe através, sim, mas o que você faz?

* "Stacked" pode significar tanto "empilhado", "amontoado", como "forjado", "arranjado"

Divulgação/EMG

Em quem servir a carapuça

Mesmo não sendo o primeiro single do álbum *Nothing Left To Loose*, "Stacked Actors" é com certeza a faixa mais polêmica desse último trabalho do Foo Fighters. Isso por causa dos boatos de que o vocalista e líder Dave Grohl teria escrito a letra pensando em Courtney Love, a viúva de Kurt Cobain, parceiro de Grohl no Nirvana. Numa entrevista ao jornal inglês *New Musical Express*, Grohl disse que escreveu a música "para tudo que é falso, glamouroso e irreal e que, se ela se aplicasse especificamente a alguém, tudo bem". Já o baterista Taylor Hawkins foi mais direto: "Sim, há uma ou duas frases feitas para ela. Dave nunca admitiria isso, mas é verdade". Enquanto o veneno corre solto, o selo Sub Pop prepara o relançamento de *Bleach*, disco de estréia do Nirvana, com músicas inéditas incluídas.

Dave Grohl, Nate Mendel e Taylor Hawkins *(da esq. para a dir.)*: polêmica à vista com canção do novo disco

© EMI VIRGIN SONGS INC

Falta de variedade em dose dupla

Abril Music

Duas músicas de Paulo Ricardo, duas dos Raimundos, duas do Charlie Brown Jr., duas dos Titãs e outras duas dos Paralamas do Sucesso... O alto índice de dobradinhas na parada é a triste prova da falta de variedade nas FMs. No caso dos Titãs, há motivos: com o desgaste de "Pelados Em Santos", a gravadora optou por trabalhar logo "Aluga-se", de Raul Seixas. **Maurício Manieri** consolida sua carreira com "Bem Querer" e "Anna Julia" (Los Hermanos) segue em ascensão (é, música boa de vez em quando tem vez nas paradas).

		mês anterior
1º	"Bem Querer" / Maurício Manieri	2º
2º	"O Vento" / Jota Quest	2º
3º	"Sonho Lindo" / Paulo Ricardo	4º
4º	"Anna Julia" / Los Hermanos	10º
5º	"A Mais Pedida" / Raimundos	5º
6º	"Hoje À Noite Não Tem Luar" / Legião Urbana	8º
7º	"Cachorrada" / Gabriel O Pensador	3º
8º	"Depois" / Pato Fu	9º
9º	"Meu Erro" / Paralamas com Zizi Possi	•
10º	"Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)" / O Rappa	11º
11º	"O Carcará E A Rosa" / Nativus	•
12º	"Confisco" / Charlie Brown Jr.	•
13º	"Te Levar" / Charlie Brown Jr.	7º
14º	"Que País É Este – Unplugged" / Paralamas do Sucesso	5º
15º	"Aluga-se" / Titãs	•
16º	"Giselda" / Ultraje A Rigor	15º
17º	"Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos	16º
18º	"Como Se Fosse A Primeira Vez" / Paulo Ricardo	14º
19º	"Pelados Em Santos" / Titãs	6º
20º	"Enquanto Ela Não Chegar" / Barão Vermelho	•

Reina

A safra de lançamentos internacionais que engorda as lojas todo final de ano fez uma baita diferença: veja só o que tem de músicas "calouras" este mês! Entre as estréias, quem mostrou mais velocidade de saída foram os californianos do **Smash Mouth**, que emplacam a segunda música de seu disco *Astro Lounge* (a primeira foi "All Star", que ficou de fora este mês). Resta esperar para ver quem, dentre tantos estreantes fortes (Guns, Kiss, Bush, Live), vai ter fôlego para ocupar o pódio na próxima edição.

		mês anterior
1º	"Then The Morning Comes" / Smash Mouth	•
2º	"Learn To Fly" / Foo Fighters	7º
3º	"She's All I Ever Had" / Ricky Martin	1º
4º	"Genie In A Bottle" / Cristina Aguilera	17º
5º	"Soldier Of Love" / Pearl Jam	12º
6º	"Around The World" / Red Hot Chili Peppers	•
7º	"Scar Tissue" / Red Hot Chili Peppers	6º
8º	"Someday We'll Know" / New Radicals	5º
9º	"She" / Elvis Costello	3º
10º	"The Last Kiss" / Pearl Jam	4º
11º	"Nothing Can Keep Me From You" / Kiss	10º
12º	"You'll Be In My Heart" / Phil Collins	2º
13º	"Ana's Song (Open Fire)" / Silverchair	11º
14º	"Never There" / Cake	8º
15º	"King Of Pain" / Alanis Morissette	•
16º	"The Dolphin's Cry" / Live	•
17º	"It's Alright" / Guns N' Roses	•
18º	"Stringin' A Line" / Jon Bon Jovi	•
19º	"The Chemical Between Us" / Bush	•
20º	"Someday" / Sugar Ray	9º

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em doze rádios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 30 de novembro de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização. CBAB

•estréia

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Björk e Madonna: José Melo Júnior – Rua Félix Amaro, 140 – São Geraldo – Arcoverde, PE – CEP 56500-000

Black Sabbath e Metallica: Naíla Delalana – Rua Isaura da Silva Vieira, 114 – Cubatão – Itapira, SP – CEP 13970-000

Charlie Brown Jr.: Elizângela Apolinário – Rua Povo de Deus, 46 – Maria Imaculada – Poços de Caldas, MG – CEP 37700-000

Cranberries: Bruno Santiago Bráz – Rua Tancredo Almeida Neves, 110 – Justinópolis – Ribeirão das Neves, MG – 33913-110

Def Leppard: Alexandre de Lima – Rua Santos Dumont, 493/207 – Centro – Juiz de Fora, MG – CEP 36010-510

Depeche Mode e Alphaville: Regina Martins – Avenida Conselheiro Aguiar, 3005/103 – Recife, PE – CEP 51020-021

Echo & Bunnymen: Eliane Alves Silva – Rua Carlos Martel, 232 – Vila Zilda – São Paulo, SP – CEP 02324-070

Genesis: Norival Alves Nascimento – Alameda 03, 627, Condomínio Saber, casa 02 – Jardim Holanda – Uberlândia, MG – CEP 38412-324

Guns N' Roses: Jonas Rodrigues Araújo – Rua Horácio Batista Carneiro, 102, Conj. Galdêncio – Campina Grande, PB – CEP 58108-400

Hole e Alanis Morissette: Tereza Cristina Alves – Rua João Rebello, 840 – Montes Claros, MG – CEP 39401-036

Michael Jackson: Raquel de Marco – Rua do Feltrins, 110 – Demarchi – São Bernardo do Campo, SP – CEP 09820-280

Nirvana e Smiths: Vanessa Farias – Rua Pedro Rabelo, 52 – Vila Nova York – São Paulo, SP – CEP 03908-000

Divulgação/PolyGram

PJ.: musa da garotada indie

P.J. Harvey: Camila Mendes – Rua Georges Gebrail, 155 – Eldorado – Diadema, SP – CEP 09972-310

Placebo: Marcela Vieira – Rua Gotaru Suzuki, 131 – Taboão da Serra, SP – CEP 06765-140

Roxette e Mariah Carey: Francisco Araújo Júnior – Conj. Boa Esperança II, Q. 20, C. 08 – Floresta – Rio Branco, AC – CEP 69905-400

Silverchair: Débora Soares – Rua Gelásio Pimenta, 178 – Tatuapé – São Paulo, SP – CEP 03412-000

FÃS-CLUBES

Legião Urbana: Fã-clube O Livro dos Dias – Rua XV de Novembro, 333 – Capinzal, SC – CEP 89665-000

Pato Fu: Pato Fã Fu Club – Rua João Abreu Castelo Branco, 184 – São Paulo, SP – CEP 08270-150

Wilsom Sideral: Fã-clube Oficial Mania Sideral – Rua Hilário Hilgert, 81/200 – São Francisco – Farroupilha, RS – CEP 95180-000

FANZINES

Cultura pop, rock, futebol: Scream & Yell Zine – Rua Vicente Pasin, 87 – Santa Rita – Aparecida, SP – CEP 12570-000 – E-mail: screamyell@hotmail.com

Duran Duran: A Duranie's Life Association – Rua Filomena Nunes, 603, frente – Olaria – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21021-380

HQ, música, ecologia: O Gárgula – Avenida Hercílio Luz, 839/303 – Florianópolis, SC – CEP 88020-001 – E-mail: ogargula@uol.com.br

R.E.M.: Orange Crush – Avenida Princesa Isabel, 186/906 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22011-010

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar 40 palavras.
Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 4º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (0_ _11) 3037-4869, fax: (0_ _11) 3037-4909 - Caixa Postal 66157,CEP 05315-970 -São Paulo - SP
Site: www.publiabril.com.br

REPRESENTANTES NO BRASIL
Rio de Janeiro: Vic Assessoria em Comunicação Ltda - Rua Prof. Gastão Bahiana, 615 - cj 1401 - Lagoa - CEP 22071-030 -Tel/Fax (0__21) 513-2348
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, sl 401 - Pituba , Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/Fax: (0_ _71) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat cj 1701/ 6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel: (0_ _61) 223-21347/ 321 - 0305 - Fax: (0_ _61) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - sl 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Tel: (0_ _19) 233-7175 - Fax: (0_ _19) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 sl 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tel: (0_ _85) 254-1666/6045 - Fax: (0_ _85) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sl 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tel: (0_ _31) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel: (0_ _41) 253-4048 - Fax: (0_ _41) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 15º andar - sl 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife PE - CEP 50020-000 - Tel: (0_ _81) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda Rua João Penteado, 190 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel: (0_ _16) 635-9630 - Fax: (0_ _16) 635-9233
Rio Grande do Sul: Compágina Representação de Veículos de Comunicação Ltda - Al. Coelho Neto, 40 - cj 501 - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (0_ _51) 988-5061
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (0_ _48) 232-0519

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
INTERESSE GERAL
ALMANAQUE ABRIL • INFO EXAME
SUPERINTERESSANTE
GUIA ABRIL DO ESTUDANTE • SAÚDE! • VEJA
ECONOMIA E NEGÓCIOS
EXAME • VOCÊ S.A.
AUTOMOBILISMO E TURISMO
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
ESPORTES
PLACAR
MASCULINAS
PLAYBOY • VIP EXAME
FEMININAS
CLAUDIA • ELLE • NOVA • NOVA BELEZA
MANEQUIM • PONTO CRUZ • FAÇA E VENDA
CAPRICHO • BOA FORMA • ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARICIA • VIVA! MAIS
DECORAÇÃO E ARQUITETURA
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO • BONS FLUIDOS EM CASA
ENTRETENIMENTO
MINHA NOVELA • REVISTA DA WEB!
CONTIGO • SHOWBIZZ

Revista Showbizz, Edição 174, Janeiro de 2000, é uma publicação da Editora Abril S.A. ISSN 0104-1649 **Assinatura:** sua satisfação é sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - 4º Andar, Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. **Edições Anteriores** (mediante disponibilidade de estoque): Central de Atendimento, 2ª a 6ª, das 8h às 20h, tel.: (0_ _11) 3990-2200, fax (0_ _11) 3990-2233, pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br, ou peça para Abril S.A. – Caixa Postal 14.151, CEP 02799-970, São Paulo – SP. O pagamento deverá ser efetuado através de depósito em conta corrente ou com cartões de crédito Visa, MasterCard, Diners, American Express e Sollo ao preço da última edição em banca mais despesas operacionais. Solicite também através de seu jornaleiro ao preço da última edição em banca.

Central de Atendimento ao Assinante:
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

A alma de um país

Ray Charles deu molho e suingue a velhas canções country americanas

A teimosia de Ray Charles resultou em um álbum clássico

LFI

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1962
Produção: Sid Feller
Músicas: "Bye Bye, Love" • "You Don't Know Me" • "Half As Much" • "I Love You So Much It Hurts" • "Just A Little Lovin" • "Born To Lose" • "Worried Mind" • "It Makes No Difference Now" • "You Win Again" • "Careless Love" • "I Can't Stop Lovin' You", "Hey, Good Lookin".

Lançado originalmente em mono, o álbum ficou 14 semanas em primeiro lugar nos EUA. Voltou ao topo do *hit parade* com a versão em estéreo, editada também em 1962. Em 1988, saiu em CD pela Rhino com três faixas bônus, que haviam sido editadas apenas em singles, à época do lançamento original: "You Are My Sunshine", "Here We Go Again" e "That Lucky Old Sun".

Modern Sounds In Country And Western Music

Ray Charles

Quando Ray Charles resolveu cantar country music, foi desaconselhado por Sam Clark, presidente da gravadora ABC. "Você faz muito sucesso. Se gravar country, vai perder parte do seu público." Mas Ray decidiu levar a idéia adiante. "Se isso acontecesse", disse ele, anos depois, "por outro lado ganharia novos fãs". E o homem fez o tal álbum.

Modern Sounds In Country And Western Music, lançado em 1962, foi o primeiro disco country a alcançar o topo da parada pop nos EUA mantendo-se ali por 14 semanas consecutivas. A concepção era bem simples: clássicos country adequados à estética do rhythm & blues de Ray Charles, com arranjos (dos maestros Gerald Wilson, Marty Paich e Gil Fuller) baseados em cordas, naipe de sopros e nos vocais das Raelettes, grupo que acompanhava o cantor. E tudo isso emoldurado pela voz iluminada de Ray, então no seu auge.

O resultado é um dos mais belos discos produzidos até hoje. A seleção de repertório foi feita a partir de um lote de 150 canções. "Escolhi as músicas independentemente de quem as havia gravado originalmente", esclareceu Ray à época. De fato, *Modern Sounds...* tem canções que vão dos anos 30 ao início dos 60, de nomes tão variados quanto Hank Williams, Don Gibson e os Everly Brothers.

O primeiro single, "I Can't Stop Lovin' You", ficou por cinco semanas no topo das paradas country e pop da revista *Billboard*. E Ray era contra o lançamento de singles! "Achava que a gravadora deveria trabalhar o disco por inteiro, mas eles resolveram lançar 'I Can't Stop Lovin' You' em single e deu certo. Percebi que meu negócio era fazer música e deixar o marketing para quem entendia do assunto." Na verdade, o compacto foi lançado porque, logo após o álbum ter chegado às lojas, o ator e cantor Tab Hunter gravou a canção com arranjo idêntico e começou a fazer sucesso. A ABC então contra-atacou com a versão matadora de Ray: a gravação de Hunter foi simplesmente banida das rádios.

Além de "I Can't Stop Lovin' You", de Don Gibson, o disco traz outras pérolas, como "Hey, Good Lookin" (de Hank Williams), "Bye Bye, Love" (dos Everly Brothers, em arranjo suingadíssimo), "You Don't Know Me" (Eddy Arnold) e "Worried Mind" (do cantor e compositor Jimmy Davis, que depois foi governador do Estado de Louisiana). *Modern Sounds In Country And Western Music* é um álbum exemplar, principalmente no que diz respeito à fusão de estilos.

Toninho Spessoto

"Este álbum é um marco. Com ele, Ray Charles abriu as portas do mercado pop para a música country."
Willie Nelson

Sony Music

Na dúvida,
na hora de
presentear
a galera,
dê vale-CD
Mirage Music

Sabe aquela música, daquela banda famosa, que você viu naquele clip?

Na Mirage Music tem.

- A maior loja de cds da America Latina
- 2.500 m²
- Mais de 140.000 cds e 12.000 VHS
- O maior acervo de DVDs e LDs do Brasil
- Pocket Show (Shows exclusivos)
- Bar/restaurante
- Também aberto aos domingos
- Manobrista à porta

MIRAGE
MUSIC

A maior loja de CDs da América Latina

Rua Iguatemi, 244 São Paulo - SP

0800-164055

www.miragemusic.com.br

Segunda a sábado das 10h às 22h, e aos domingos, das 12h as 20h.

MUSIC TELEVISION

WWW.MTV.COM.BR

ADRIANA WAGNER

MARCOS MION

OS NOVOS VJS DA MTV

MAS DEMOS UMA DISFARÇADINHA, SENÃO AS OUTRAS EMISSORAS IAM QUERER CONTRATAR